

UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS –
PROFLETRAS

DISSERTAÇÃO

O Uso de Estratégias Metacognitivas no Ensino de Escrita de Opinião em
Turma de Nono Ano

Dionélia dos Santos Ruffato

2019



UFRRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS –
PROFLETRAS

O USO DE ESTRATÉGIAS METACOGNITIVAS NO ENSINO DE
ESCRITA OPINIÃO EM TURMA DE NONO ANO

DIONÉLIA DOS SANTOS RUFFATO

Sob a Orientação da Professora Doutora

Roza Maria Palomanes Ribeiro

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Letras**, no curso de Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Seropédica, RJ

Setembro de 2019

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R922u Ruffato, Dionélia dos Santos , 1976-
O Uso de Estratégias Metacognitivas no Ensino de
Escrita de Opinião em Turma de Nono Ano / Dionélia
dos Santos Ruffato. - Nova Iguaçu, 2019.
186 f.: il.

Orientadora: Roza Maria Palomanes Ribeiro.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Mestrado Profissional em Letras,
2019.

1. Aprendizagem metacognitiva. 2. Ensino de
escrita argumentativa. 3. Ensino de Língua Portuguesa.
4. Ensino Fundamental. 5. Psicologia da aprendizagem.
I. Ribeiro, Roza Maria Palomanes, 1964-, orient. II
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Mestrado Profissional em Letras III. Título.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

DIONÉLIA DOS SANTOS RUFFATO

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Letras, no Programa de Mestrado Profissional em Letras, área de concentração em Linguagens e Letramentos.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 30/10/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Roza Maria Palomanes Ribeiro (UFRRJ)
Orientadora

Prof. Dr. Deise Cristina de Moares Pinto (UFRJ)
Avaliador externo

Prof. Dr. Angela Marina Bravin dos Santos (UFRRJ)
Avaliador interno

SEROPÉDICA – 2019

DEDICATÓRIA

A DEUS, POR ME SUSTENTAR E ME FAZER
PROSSEGUIR, AINDA QUE O MEU CORPO
ESTIVESSE ESGOTADO PELO CANSAÇO, E AO MEU
FILHO, PEDRO GUILHERME, MEU PRESENTE
DIVINO, CUJO SORRISO SERVE DE LUZ PARA OS
DIAS SOMBRIOS E ÂNIMO PARA OS DIAS
CANSATIVOS.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Noemia, por sempre ter priorizado a minha educação, abrindo mão do seu descanso para me apoiar na execução deste trabalho, sem ela eu jamais conseguiria terminá-lo;

Ao meu marido, Denilso, que pacientemente suportou os meus dias ruins e me acalmou repetindo os mantras “vai passar” e “tudo vai ficar bem”;

À minha orientadora, Roza Palomanes, pela paciência, compreensão e intervenções necessárias e oportunas à conclusão deste trabalho;

Às Prof. Dr. Angela Marina Bravin dos Santos e Prof. Dr. Deise Cristina de Moraes Pinto pela participação da minha banca e pelas considerações feitas ao trabalho na qualificação;

À amiga, Ana Christina, pelas orações e palavras de incentivo nos momentos de desânimo;

À minha mascote, Nina, pela companhia durante as horas solitárias de estudo;

À Capes, instituição que me apoiou durante a realização do curso.

RESUMO

RUFFATO, Dionélia dos Santos. **O uso de estratégias metacognitivas no ensino de escrita de opinião em turma de nono ano.** 2019. 186 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – Profletras) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

O ensino da escrita argumentativa nos anos finais do Ensino Fundamental tem sido um desafio para os professores de Língua Portuguesa por envolver competências complexas. Desenvolver nos alunos as habilidades necessárias à escrita de textos que exigem posicionamento e defesa do ponto de vista, por meio de argumentos válidos, requer o uso de estratégias pedagógicas adequadas. Nesse contexto, baseada nas teorias metacognitivas, em especial nos estudos do pesquisador John Flavell (1970), a presente pesquisa tem como objetivo levar os alunos a desenvolverem a argumentação escrita a partir de atividades que os possibilitem a ter consciência do próprio processo de aprendizagem. Para isso, foi elaborada uma mediação didática em etapas que se propôs, partindo de atividades orais para as de escrita, a estimular a argumentação. A análise do resultado desta pesquisa foi feita comparando os textos produzidos na etapa de atividades de escrita ao texto produzido na avaliação diagnóstica, a fim de verificar se os objetivos específicos relacionados às habilidades necessárias à escrita argumentativa foram alcançados. Os resultados obtidos demonstram que as estratégias usadas nas atividades foram aplicadas por boa parte dos alunos em suas produções textuais.

Palavras-chave: Escrita argumentativa, Metacognição, Texto de opinião

ABSTRACT

RUFFATO, Dionélia dos Santos. **The use of metacognitive strategies in teaching written opinion in a ninth grade class.** 2019. 186 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – Profletras), Faculdade de Letras. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

The teaching of argumentative writing in the final years of elementary school has been a challenge for Portuguese language teachers because it involves complex skills. Developing in students the skills necessary for writing texts that require positioning and defense of the point of view, through valid arguments, requires the use of appropriate pedagogical strategies. In this context, based on metacognitive theories, especially in the studies of researcher John Flavell, this research aims to lead students to develop written argumentation from activities that enable them to be aware of their own learning process. For this, a didactic mediation was elaborated in stages that proposed, starting from oral activities to those of writing, to stimulate the argumentation. Analysis of the result of this research was made by comparing the texts produced in the writing activities stage to the text produced in the diagnostic evaluation, in order to verify if the specific objectives related to the skills needed for argumentative writing were achieved. The results show that the strategies used in the activities were applied by most students in their textual productions.

KEY WORDS: argumentative writing, metacognition, opinion text

EPIGRAFE

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado. A diferença entre o inacabado que não se sabe como tal e o inacabado que histórica e socialmente alcançou a possibilidade de saber-se inacabado.

Paulo Freire

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Respostas das questões 1 a 7	52
Gráfico 2. Problemas na identificação do tema	53
Gráfico 3. Evolução na adequação ao tema	93
Gráfico 4. Evolução na clareza do posicionamento	94
Gráfico 5. Estratégias argumentativas usadas	94

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Colocação do problema	34
Figura 2. Exercícios de revisão sobre fato e opinião	59
Figura 3. Exercícios de correlação entre fato e opinião	60
Figura 4. Exposição dos argumentos dos alunos	64
Figura 5. Exercícios de reconhecimento dos elementos estudados	69

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Etapas da mediação didática	46
Quadro 2. Continuação das etapas	47
Quadro 3. Continuação das etapas	48
Quadro 4. Questões da avaliação diagnóstica	50
Quadro 5. Continuação das questões	51
Quadro 6. Uso de tipos de argumentos por aluno e por texto	95

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. O TEXTO OPINATIVO NO MATERIAL DE ORIENTAÇÃO E APOIO	16
2.1 O Ensino dos gêneros textuais	18
2.2 O Ensino da Argumentação	23
2.3 A importância da Escrita Argumentativa	27
3. METACOGNIÇÃO: CONCEITOS BÁSICOS	32
3.1 A Metacognição: dispositivo pedagógico para a autonomização do aluno	36
3.1.1 Exemplos de práticas metacognitivas promissoras	40
4. METODOLOGIA	44
4.1 Contextualização	44
4.2 Método e plano de ação	45
5. AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA E ANÁLISE DOS RESULTADOS	49
5.1 Etapa 1. Preparação do ambiente	49
5.2 Etapa 2. Aplicação da diagnose e análise das respostas	50
5.3 Etapa 3. Estímulo à opinião oral	55
5.4 Etapa 4. Estímulo à opinião escrita	63
5.5 Etapa 5. Avaliação final	71
6. ANÁLISE DOS TEXTOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS	73
6.1 Análise dos textos cujos resultados foram satisfatórios	74
6.2 Análise dos textos cujos resultados alcançaram dois objetivos	86
6.3 Análise dos textos cujos resultados não alcançaram os objetivos propostos	90
6.4 Observações sobre os resultados da mediação pedagógica proposta	92
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100
ANEXOS	102

1 INTRODUÇÃO

O ensino de produção textual tem sido um desafio a ser vencido em sala de aula, especialmente para professores de Língua Portuguesa. Os textos argumentativos, por exemplo, exigem um posicionamento e a defesa de um ponto de vista concretizada por meio de um raciocínio organizado e coerente, expressa por recursos linguísticos devidamente combinados e empregados. Ensinar os alunos a escrevê-los requer estratégias que vão além de apresentar-lhes o gênero e pedir-lhes que produzam textos com especificidades semelhantes.

O contato com a tipologia argumentativa é aprofundado no 8º e 9º anos do segundo segmento do Ensino Fundamental devido às características do corpo discente, formado geralmente por adolescentes e jovens, que vivenciam as transformações socioculturais, cognitivas, afetivo-emocionais e corporais, inerentes a essa fase da vida, segundo assinalam os PCN (1998):

As transformações citadas articulam-se com aquelas relativas ao desenvolvimento cognitivo. Sob esse aspecto, a adolescência implica a ampliação de formas de raciocínio, organização e representação de observações e opiniões, bem como o desenvolvimento da capacidade de investigação, levantamento de hipóteses, abstração, análise e síntese na direção de raciocínio cada vez mais formal, o que traz a possibilidade de constituição de conceitos mais próximos dos científicos. (BRASIL,1998, p.46)

Entende-se, então, que os textos argumentativos nesse segmento escolar permitem, num espaço interativo e diversificado, o contato com perspectivas, posicionamentos e opiniões, consonantes ou dissonantes, essenciais para a formação da identidade. No documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 20 de dezembro de 2017, foi acordado que uma das competências gerais a serem desenvolvidas na Educação Básica é a capacidade de

Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.(BRASIL, 2017, p.9)

É previsível, em um contexto introdutório, que as dificuldades com a escrita argumentativa apareçam. Nota-se, pelas produções textuais feitas no decorrer das aulas, que os alunos, embora argumentem oralmente, demonstram dificuldade de argumentar por meio

da escrita, uma vez que os textos produzidos geralmente apresentam inadequações como tangenciamento ao tema, argumentação fraca e desconexa, uso descontextualizado dos operadores e conectores lógicos, contradições, além dos desvios gramaticais (menos preocupante por ser de correção mais objetiva). Diante dessa realidade, cabe indagar se tal dificuldade que chega a provocar nos alunos a recusa a escrever seus próprios textos não é motivada justamente por uma prática pedagógica que os põe como receptores de textos finais e centraliza no professor a correção da reprodução desses textos.

Do mesmo modo, os livros didáticos, material de apoio pedagógico distribuído e usado nas redes públicas de ensino, oferecem atividades para a produção dos textos de base argumentativa que, geralmente, se restringem a conceituar o gênero, exemplificá-lo, expor recursos e propor uma atividade de produção textual semelhante. Tal didática é insuficiente para motivar os alunos a escreverem e auxiliá-los na percepção e superação das próprias dificuldades. Em função disso, é necessário implementar práticas de escuta, leitura e escrita que promovam uma efetiva aprendizagem da argumentação, tendo o gênero textual como instrumento e o aluno no papel de sujeito autor. Pressupõe-se que manter as mesmas práticas pedagógicas acarretará nos mesmos resultados, e isso impedirá que os alunos consigam desenvolver a capacidade discursiva e as habilidades pretendidas, intrínsecas à tipologia textual ensinada. Diante disso, algumas questões foram pensadas:

- a) De que maneira a argumentação pode ser apresentada ao aluno para que ele compreenda o que é argumento e consiga usá-lo não só oralmente como também por escrito?
- b) Quais gêneros de base argumentativa de estrutura menos complexa podem servir de introdução ou ponto de partida para o ensino da escrita argumentativa?
- c) Qual estratégia de ensino pode ser usada para que o aluno perceba as incoerências no próprio texto e corrija-as a fim de melhorar a consistência argumentativa e, por conseguinte, a sua escrita?

No intuito de responder a essas questões, partiu-se da hipótese de que propor aos alunos atividades baseadas em textos argumentativos menos complexos, como os comentários postados na internet sobre assuntos polêmicos, por exemplo, fará com que tenham mais facilidade de debater e interagir. Também a utilização de estratégias metacognitivas, pelas quais serão incentivados a refletir sobre o próprio aprendizado, a interagir conscientemente e a monitorar a feitura dessas atividades, torná-los-ão mais eficazes na escrita, correção e

reescrita dos próprios textos. Acredita-se, então, que o aluno conseguirá identificar no próprio texto as falhas relacionadas à escrita argumentativa, independentemente do gênero textual, sem esperar pelo apontamento do professor.

Partindo dessa hipótese, a presente pesquisa tem o objetivo geral de levar os alunos a desenvolverem sua capacidade de identificar, selecionar e organizar argumentos, a partir de uma prática pedagógica de natureza metacognitiva, para que expressem sua opinião por escrito, deixando claro o seu posicionamento e usando, pelo menos, um argumento para sustentá-lo. Para alcançar esse propósito, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

1. Propor aos alunos textos argumentativos de estrutura menos complexa, produzidos em contextos informais para a identificação do tema, do posicionamento e dos argumentos.
2. Estimular o debate e a interação para que eles assumam um ponto de vista e usem argumentos, inclusive a contra argumentação, para sustentá-lo.
3. Propiciar-lhes atividades de natureza metacognitiva, individuais e coletivas, que englobam exercícios de análise, correção e reescrita, a fim de que reflitam sobre a própria escrita.

Para alcançar esses objetivos, o trabalho realizado seguiu os parâmetros da metodologia da pesquisa-ação por possibilitar a elaboração de conteúdos apropriados ao contexto, o conhecimento das dificuldades de aprendizagem, a proposição e a experiência de possíveis soluções com a participação dos interessados, docentes e discentes (THIOLLENT, 1947). A pesquisa foi aplicada em duas turmas de 9º ano, planejando, para isso, uma mediação didática implementada em etapas.

Como base teórica, foram considerados os estudos da Psicologia Cognitiva, que atribui o aprendizado a certas estruturas mentais e a determinados mecanismos internos. Embora a cognição seja o seu foco, colocando o aprendiz como protagonista do seu processo de aprender e ensinar, as investigações cognitivistas mostram que isso se dá de forma promissora se o ambiente o estimular, já que nesse processo são igualmente importantes o pensamento, o sentimento, a ação e a interação, conforme aponta Portilho (2009). Ainda nessa área de estudo, a pesquisa foi orientada pela teoria do psicólogo John Flavell (1979), cuja proposta é que a eficiência no aprendizado não está apenas nos fatores cognitivos, mas também em como

o aprendiz percebe, monitora e controla esses fatores, tornando-se mais eficiente à medida que consegue empregar as estratégias mais pertinentes na resolução da tarefa, isto é, quanto mais aprende sobre o próprio aprender, refletindo, entendendo e agindo, mais capacitado se torna. Esse campo de estudo, nomeado Metacognição, serviu de base para novas estratégias de ensino que se mostraram exitosas, não só na disciplina de Língua Portuguesa, no ensino de leitura e de escrita, como também na de Matemática, na resolução de problemas e Química, na visualização de modelos científicos.

Também foram considerados os estudos da Linguística Textual (KOCH, 2009) e (MARCUSCHI, 2008), em uma perspectiva sociocognitiva interacional a fim de alcançar o objetivo dessa pesquisa, cujo cerne está em criar um contexto comunicativo, interativo e motivador, no qual o aluno desenvolva sua capacidade argumentativa, tornando-se capaz de expor sua opinião, tanto oralmente como por escrito, adequando-a ao assunto proposto e ao gênero textual inerente à situação comunicativa. Não houve, nesta pesquisa, a intenção de atrelar os objetivos ao aprendizado de um gênero textual específico, já que a proposta é o aprimoramento da argumentatividade.

A presente dissertação está organizada em sete capítulos. Este primeiro foi dedicado à apresentação do tema, à justificativa e às questões que permearam a sua escolha. No segundo capítulo, serão feitas observações sobre a adequação do tema à proposta curricular da rede de ensino e sobre como o assunto aqui proposto é trabalhado no material didático adotado pela escola. No terceiro capítulo, organizado em cinco seções, serão apresentados os pressupostos teóricos que fundamentam esta pesquisa: a teoria metacognitiva, a linguística textual e o trabalho com o texto na perspectiva sociointeracionista, ou seja, serão descritas as teorias que relacionam as práticas, aqui propostas, aos objetivos traçados neste trabalho. No quarto capítulo, dividido em três seções, serão expostos o perfil do público-alvo, a metodologia empregada, os materiais usados e o plano de ação. No quinto, dividido em cinco seções, serão pormenorizadas as atividades realizadas para alcançar os objetivos propostos, seguidas das respostas obtidas. No sexto, composto por quatro seções, serão apresentadas as análises das sequências textuais e os respectivos resultados individuais e coletivos, considerando tanto os satisfatórios como os que não alcançaram os objetivos traçados. No último capítulo, serão feitos os apontamentos acerca desses resultados, a confirmação ou refutação das hipóteses levantadas, as apreciações sobre a execução da pesquisa e os resultados, além de sugestões para o seu aprimoramento.

2 O TEXTO OPINATIVO NO CURRÍCULO MÍNIMO E NO MATERIAL DIDÁTICO

A rede estadual de ensino do Rio de Janeiro, à qual pertence o colégio onde a pesquisa foi desenvolvida, tem como base para a elaboração do plano de curso e do planejamento das aulas, o Currículo Mínimo¹. Esse documento foi implementado em 2011 e revisado nos anos seguintes com base nas críticas e sugestões dos professores da rede de ensino, com o intuito de alinhar em toda a rede os itens que não poderiam faltar a cada disciplina, de acordo com o ano de escolaridade, organizando-os por bimestre. As diretrizes estipuladas visam garantir uma formação comum aos alunos, indispensável ao exercício da cidadania. É bom esclarecer que essas diretrizes não esgotam os conteúdos que devem ser ensinados, apenas estabelecem o mínimo, cabendo ao professor acrescentar ou adaptá-los, adequando o currículo à demanda da escola onde leciona.

Na disciplina de Língua Portuguesa, o Currículo Mínimo tem o objetivo de “desenvolver nos alunos as competências e habilidades necessárias a uma interação autônoma e ativa nas situações de interlocução, leitura e produção textual” (p.5). Para isso, a proposta curricular foi pensada em torno do texto, privilegiando os tipos e gêneros textuais de circulação efetiva, que possibilitem a inserção social de maneira útil e prazerosa. Partindo dessa premissa, pensou-se em como o texto opinativo, especialmente na modalidade escrita, poderia ser ensinado de maneira mais produtiva, estimulando os alunos a argumentarem oralmente e por escrito. No currículo para o 9º ano do Ensino Fundamental, o texto opinativo é apresentado no 1º bimestre com o intuito de desenvolver, por meio da leitura, entre outras habilidades e competências inerentes ao uso da língua, as de reconhecimento da tese, dos argumentos e seus tipos, dos posicionamentos favoráveis e contrários a um ponto de vista; também as de produção de textos que exijam o posicionamento crítico por meio de parágrafos argumentativos. Para isso, foram sugeridos os gêneros textuais carta do leitor, artigo de opinião e debate regrado.

Os gêneros sugeridos, embora sejam apropriados ao conteúdo a ser ensinado, nem sempre são viáveis ao desenvolvimento das habilidades pretendidas em determinadas turmas, seja por possuírem características que demandam mais tempo para serem aprendidas, não sendo possível desenvolvê-las ao longo de um bimestre, ou por envolverem recursos que não

¹ Disponível em www.conexaoprofessor.rj.gov.br ou <http://docenteonline.educacao.rj.gov.br>

estão disponíveis na escola. Diante disso, para alcançar os objetivos definidos nesta pesquisa e adaptar a proposta curricular às necessidades dos alunos envolvidos neste trabalho, optou-se por realizar a produção textual escrita por meio de postagens de comentários em uma rede social e estimular a argumentação através do debate sobre temas sugeridos aos alunos, escolhidos por eles ou lidos em artigos de opinião.

Além do Currículo Mínimo, a rede também dispõe de livro didático, distribuído pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), e cadernos de atividades autorreguladas, produzidos pela equipe pedagógica da secretaria de educação. O livro adotado pela instituição para o 9º ano escolar pertence a coleção Singular & Plural: leitura, produção e estudos de linguagem, produzido pela editora Moderna. Nesse material, o objetivo é a produção de um artigo de opinião. As atividades são apresentadas na primeira unidade, dividida em dois capítulos, e organizadas da seguinte forma: leitura do tema em gêneros textuais diversificados (reportagem, gráficos, depoimentos), seguida de questões de interpretação, para discussão e identificação das características do gênero. Também há a conceituação e identificação de termos relacionados ao gênero em questão como fato, opinião, argumento, contra argumento e posicionamento. Os exercícios propostos partem da leitura de um texto para o reconhecimento ou distinção desses termos no texto lido. Para finalizar, a produção textual é proposta a partir da leitura de um texto padrão do gênero estudado, para ser analisada por uma ficha de avaliação, pela qual o aluno verificará o quanto o seu texto se aproximou do texto padrão. Após isso, é sugerido que os alunos reescrevam o seu artigo, no intuito de corrigir os desvios relacionados à língua e a composição do gênero, trocando, em seguida, com o colega para repetir a avaliação.

A proposta de reescrita do texto, da autoavaliação e avaliação o texto do outro a partir de critérios pré-estabelecidos condizem com as atividades de natureza metacognitiva, ou seja, aquelas que possibilitam ao aluno refletir sobre o próprio fazer, contribuindo para o aprimoramento da escrita do gênero. No entanto, oferecer ao aluno textos extensos e formais, produzidos em contextos específicos e veiculados em suportes com os quais não estão familiarizados, dificulta o aprendizado, já que há uma diferença significativa entre o texto lido, o artigo de opinião, e a prática cotidiana do aluno, opinar oralmente em contextos informais. Dessa forma, é necessário que entre a produção desse gênero escrito mais formal e a prática exercida pelo aluno na oralidade, seja usado um gênero intermediário.

O outro material didático disponível são os cadernos de atividades autorreguladas, cujos conteúdos são organizados bimestralmente, de acordo com o que é estipulado no Currículo Mínimo. Essas atividades servem de apoio ao ensino do conteúdo bimestral e foram elaboradas para o desenvolvimento das habilidades pretendidas, sendo utilizadas, às vezes, como exercícios de revisão ou de recuperação do conteúdo estudado no bimestre. O intuito dos exercícios é possibilitar o aprendizado dos termos característicos do texto opinativo, assim como no livro didático, por meio de gêneros diversificados, porém menos complexos (fábula, propaganda, crônica). Embora sejam usados textos jornalísticos e científicos, estes foram veiculados em blogs e revistas destinadas a adolescentes, o que pressupõe uma linguagem mais próxima a dos alunos. As atividades são organizadas em aulas, a começar pela conceituação dos termos necessários às habilidades pretendidas (fato, opinião e argumento) e sua identificação nos textos lidos.

Após essas atividades, é apresentado o gênero textual carta do leitor e são propostas mais atividades de identificação e distinção dos termos, relacionando-os ao gênero. Para finalizar, é sugerido, então, um contexto de produção do gênero textual estudado. Nesse caso, foi sugerida a escrita de uma carta do leitor em resposta a um artigo de opinião e o seu envio ao jornal, no qual o artigo foi publicado. O problema dessa proposta está na escolha da esfera de circulação do gênero, uma vez que o jornal sugerido é desconhecido pelos alunos, não lhes despertando o interesse. É vantajoso possibilitar ao aluno um contexto de produção real a fim de que ele experimente e vivencie o uso da linguagem concretizada no gênero textual estudado, entretanto tal experiência deve ser significativa para o aluno, isto é, ele precisa perceber a utilidade dessa experiência.

É preciso ressaltar que nenhum material didático engloba todas as especificidades do processo de ensino aprendizagem, sendo necessário que o professor faça as adaptações para que os objetivos sejam alcançados, levando em conta as características do público-alvo.

2.1 O Ensino dos Gêneros Textuais

Os gêneros textuais emergem dos eventos linguísticos gerados na interação humana. Defini-los, delimitá-los ou classificá-los é uma tarefa difícil, senão improvável, tendo em vista que “são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório do gênero do discurso que cresce e se diferencia

à medida que se desenvolve e se complexifica em determinado campo” (p.262), como bem notou Bakhtin (1992).

Vale notar que as nomenclaturas “gêneros textuais” e “gêneros do discurso” se distinguem apenas porque a primeira pode se referir ao texto pronto, resultado da interação linguística e a segunda ao próprio uso, considerando o contexto de criação e efeito de sentido; mas, geralmente são usadas como sinônimos.

Bakhtin (1992), ao discutir sobre a dificuldade de definição dos gêneros do discurso, especificou que a linguagem está intrinsecamente ligada às atividades humanas, não é possível, pois, produzir enunciados fora das situações comunicativas. Entende-se, dessa forma, que se os contextos de uso são diversificados, também serão as formas desse uso. Sob esse aspecto, conceitua os gêneros como tipos de enunciados relativamente estáveis, elaborados pelas esferas de troca social, e ressalta que sua escolha é determinada por essas esferas de troca, considerando as necessidades temáticas, os interlocutores e a intencionalidade do locutor. Também especifica três aspectos na constituição dessa forma discursiva: o conteúdo temático, o estilo da linguagem e, principalmente, a sua composição.

Ainda sobre essa concepção de enunciados produzidos na interação linguística, Bronckart (2006) enfatiza que

Qualquer produção de texto implica, conseqüentemente e necessariamente, escolhas relativas à seleção e à combinação dos mecanismos estruturantes, das operações cognitivas e de suas modalidades de realização linguística. Nessa perspectiva, os **gêneros de textos** são produtos de configurações de escolhas entre esses possíveis, que se encontram momentaneamente “cristalizados” ou estabilizados pelo uso. Tais escolhas dependem do trabalho que as formações sociais de linguagem desenvolvem, para que os textos sejam adaptados às atividades que eles comentam, adaptados a um dado meio comunicativo, eficazes diante de um desafio social etc. (p.143, grifo do autor)

Dessas observações, pode-se depreender que o gênero textual é fruto de interações de comunicação com parâmetros, baseados na adaptação ao meio e na eficácia, que orientam, pelo uso, a produção do respectivo gênero.

Ao participar de um evento linguístico, o emissor escolhe o gênero mais adequado à situação, ao meio e ao efeito que se quer produzir. Essa escolha não é arbitrária, porque a própria existência do gênero pressupõe configurações já constituídas histórico-socialmente por usos anteriores, como observa Marcuschi (2008), “o gênero é uma escolha que leva consigo uma série de conseqüências formais e funcionais”.(p. 85) Assim, há duas ações a serem executadas pelo emissor: escolher e adaptar, segundo afirma Bronckart (2006)

Para a implementação desses mecanismos, esse agente necessariamente progride em seu conhecimento dos gêneros que são adaptados a uma situação de interação, com o conjunto de restrições linguísticas que lhes são próprias, ao mesmo tempo em que cada gênero é portador; inscrevendo-se, assim, na rede de significações cristalizadas nos modelos preexistentes e aprendendo a se situar em relação a eles. (p. 154)

A adaptação feita pode consistir no surgimento de variantes de estilística — seja de origem pessoal seja social — aptas a provocar uma modificação relativamente importante nas características anteriores do gênero. Dessa forma, a prática dos gêneros tem importância significativa na aprendizagem social.

No ensino de Língua Portuguesa, o gênero textual é o instrumento para o aprendizado e o aperfeiçoamento das habilidades linguísticas, visando à total inserção do indivíduo em formação nas práticas sociais. Com a BNCC,

o texto ganha centralidade na definição dos conteúdos, habilidades e objetivos, considerado a partir de seu pertencimento a um gênero discursivo que circula em diferentes esferas/campos sociais de atividade/comunicação/uso da linguagem. Os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/ campos de atividades humanas. (Brasil, 2017, p.65)

Schneuwly & Dolz (2004) atentam para a funcionalidade pedagógica dos gêneros discursivos, definindo-os como *megainstrumento* para agir em situações de linguagem, e enfatizam que como tal “encontram-se entre o indivíduo que age e o objeto sobre o qual ou a situação na qual ele age: eles determinam seu comportamento, guiam-no, afinam e diferenciam sua percepção da situação na qual ele é levado a agir” (p. 21). No entanto, para que o instrumento cumpra a sua função mediadora “precisa ser apropriado pelo sujeito”, isto é, a sua eficácia só se realiza quando este sujeito se apodera de todas as formas de utilização, relacionando-as aos efeitos.

O conhecimento sobre os gêneros, então, deve ser usado como recurso para o desenvolvimento de habilidades, conforme sua função. Isso quer dizer que atividades que apenas proponham reconhecimento, classificação e reprodução do gênero textual, desconsiderando o seu uso em uma situação comunicativa, não contribuem com os objetivos da Base Curricular. Tal prática iguala o ensino dos gêneros textuais ao ensino normativo que era praticado no ensino de Língua Portuguesa, ou seja, ao tomá-lo apenas como produto final

de uma situação interativa, desprezando todo o processo de produção e sua funcionalidade contextualizada, o que se tem é a normatização dos gêneros.

Seguindo esse preceito, Marcuschi (2008) diz que no ensino da Língua Portuguesa centrado no texto, não cabe mais o ensino e aprendizagens de normas prescritivas com o intuito apenas de correção da fala e da escrita. Trabalhar no âmbito do texto privilegia a produção de diversos gêneros e suas contextualizações diárias. É claro que o conhecimento dos aspectos formais da língua não são dispensáveis à construção do texto, uma vez que pode influenciar os critérios de coesão e coerência, entretanto o texto é definido por combinações profundas, que não são realizadas apenas em sua superfície, na tessitura aparente, vão além da observância de normas de concordância, regência e ortografia, por exemplo.

Outro ponto que deve ser considerado no trato dos gêneros na aula de língua materna, apontado por Schneuwly & Dolz (2004), é a promoção de situações discursivas autênticas para a sua produção. Os autores assinalam que, ao tornar o gênero um objeto de ensino-aprendizagem, seu contexto de produção deixa de ser espontâneo, natural, sendo oferecido ao aluno um “espaço do ‘como se’, em que o gênero funda uma prática de linguagem que é, necessariamente, em parte, fictícia, uma vez que é instaurada com fins de aprendizagem.” (p.65) Desse modo, a comunicação é neutralizada, e o que se tem é o domínio do gênero em sua “pura forma linguística”.

Sob essa lógica, três práticas são possíveis para o ensino-aprendizagem do gênero textual: trabalhar os gêneros consagrados historicamente no âmbito escolar, “cristalizados” em suas formas e usos, servindo de instrumento avaliativo da progressão escrita do aluno; considerar a escola como espaço de comunicação em que figuram, por exemplo, professores e alunos como interlocutores e produtores de gêneros escolares em situações de comunicação autênticas — os conselhos de classe, por exemplo — como citam os autores; ou representar o gênero de maneira que o aluno possa dominá-lo como em uma situação discursiva autêntica e originária desse gênero.

Considerando que a escola é o espaço, onde o aluno, inserido em atividades de práticas linguísticas, deve ter sua capacidade de tratamento das linguagens, (como leitor, escritor ou falante), desenvolvidas com o objetivo de inserção e atuação em práticas de diferentes esferas/campos de atividades humanas, é necessário que lhe sejam apresentados gêneros diversificados, representativos dessas esferas/campos. No entanto, para isso, é preciso ter em mente que o ensino do gênero visa o seu domínio, tanto na escola como fora dela, e o desenvolvimento de habilidades linguísticas, que deverão ser aplicadas em outros gêneros.

Também deve ser observado que esse gênero, ao ser tirado da sua situação autêntica de produção, é modificado, tornando-se principalmente objeto de aprendizado, ainda que perdure como produto da comunicação. Diante disso, Schneuwly & Dolz (2004), consideram que essa transposição do gênero deve garantir ao estudante

situações de comunicação, que sejam o mais próximas possível de verdadeiras situações de comunicação, que tenham um sentido para eles, a fim de melhor dominá-las como realmente são, ao mesmo tempo sabendo, o tempo todo, que os objetivos visados são (também) outros. (p. 69)

Com esse intuito, é necessário considerar a variação entre os gêneros de referência e as suas representações como conteúdo didático, partindo de três princípios: *legitimidade, pertinência e solidarização*, ou seja, considerar a teoria especializada sobre o gênero, a sua adequação à capacidade do aluno e ao objetivo do ensino e à coerência dos saberes envolvidos no processo de aprendizagem.

Ainda sobre a adequação no ensino dos gêneros textuais, deve-se levar em conta que

O meio em que o ser humano vive e no qual ele se acha imerso é muito maior que seu ambiente físico e seu contorno imediato, já que está envolto também por sua história, sua sociedade e seus discursos. A vivência cultural humana está sempre envolta em linguagem e todos os textos situam-se nessas vivências estabilizadas simbolicamente. Isto é um convite claro para o ensino situado em contextos reais da vida cotidiana. (MARCUSCHI, 2008, p.173)

O aluno vivencia essa cultura permeada de textos antes mesmo de chegar à escola. Antes de aprender a produzir gêneros escritos, é produtor de gêneros orais, e isso não pode ser ignorado pela escola. Os textos produzidos por ele já se situam num contínuo de fala-escrita e variam no grau de formalidade, segundo Marcuschi (2008). Pode-se citar, por exemplo, os comentários postados em redes sociais ou em sites de notícias, embora se apresentem na mesma modalidade da língua (escrita) e pertençam ao mesmo domínio discursivo (jornalístico) do artigo de opinião, são menos formais e se aproximam mais da oralidade. Por isso, são propícios ao desenvolvimento da argumentação, servindo de gênero introdutório ao artigo de opinião, se for este o gênero a ser aprendido. Com essa observação, responde-se a segunda questão desta pesquisa: Qual(is) gênero(s) argumentativo(s) de estrutura menos complexa podem servir de introdução ou ponto de partida para o ensino da escrita argumentativa?

No entanto, para que essa prática seja condizente com os objetivos do ensino, deve-se considerar o meio de produção desse gênero, tendo a sua prática nesses ambientes virtuais

como situações discursivas legítimas. Os suportes e as esferas de circulação, elementos essenciais à funcionalidade do gênero, devem ser considerados, já que nestas estão as práticas que determinam os critérios de formação e compreensão do gênero; e naqueles, a sua materialização e fixação como texto.

Desse modo, para garantir uma prática pedagógica que corresponda às situações discursivas cotidianas, devem ser observados todos esses aspectos. Devem ser relacionados, então, o aluno e a sua experiência linguística, o gênero com as suas especificidades e variações e a prática pedagógica, que deve possibilitar esse aprendizado de forma autêntica e promissora.

2.2 O Ensino da Argumentação

O homem representa o mundo e nele interage por meio da linguagem, que tem como função primaz, numa perspectiva sociointeracionista, a socialização humana, que se dá pela necessidade de comunicação entre os indivíduos de uma comunidade, instituindo relações diversas e recíprocas por meio do discurso, unidade pragmática, isto é, “a língua assumida como exercício pelo indivíduo”, conforme diz Benveniste (1974, apud Koch 2002, p.19). O discurso para ser compreensível e, assim, cumprir a sua função interacional entre quem fala (locutor) e para quem se fala (interlocutor) deve constituir um texto. Objeto de estudo da Linguística Textual e unidade de trabalho no ensino da Língua Portuguesa, o texto é, a grosso modo, a materialização de operações linguísticas, cognitivas sociais e interacionais que assumem um sentido em determinado contexto.

Nos textos denominados argumentativos, alguns elementos evidenciam as relações discursivas, tais como: as pressuposições, as marcas de engajamento, os modalizadores e os operadores argumentativos. A forma como se organizam, são expostos ou ocultados na tessitura textual podem revelar a intencionalidade do discurso como também a estratégia persuasiva. No texto, então, segundo Koch (2002), “a linguagem passa a ser encarada como forma de ação, **ação sobre o mundo dotada de intencionalidade**, veiculadora de ideologia, caracterizando-se, portanto, pela argumentatividade” (p.15, grifo do autor).

O estudo da argumentação não é marca da modernidade, como explica a autora, já que desde a antiguidade, fez parte da Retórica de Aristóteles — arte de discursar em público com fins persuasivos. No entanto, foi a partir do século XIX, mais precisamente com o surgimento da Pragmática, que a argumentação passou a ser objeto de estudo da Linguística.

Argumentar consiste em tentar persuadir o outro a aderir o ponto de vista apresentado por meio de argumentos aceitáveis. Tal ato linguístico demanda a organização de ideias, e estruturação do raciocínio além da escolha de argumentos baseados em fatos, exemplos, dados estatísticos ou observações validadas social e culturalmente.

Pode-se afirmar, então, que a linguagem não apenas informa, comunica, mas também estabelece o ser, o crer e o agir. Também, pela linguagem, a identidade é construída e defendida na sociedade, e isso é feito por meio da argumentação. Koch (2002) afirma que

Como ser dotado de razão e vontade, o homem, constantemente, avalia, julga, critica, isto é, forma juízos de valor. Por outro lado, por meio do discurso — ação verbal dotada de intencionalidade — tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões. É por esta razão que se pode afirmar que o **ato de argumentar**, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a **todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia**, na acepção mais ampla do termo. (pág. 17, grifo do autor)

Dessa forma, a pretensão da neutralidade no discurso é ilusória, já que, ao expor uma opinião alheia ou descrever algo de forma impessoal, pressupõe que a própria escolha da opinião exposta ou dos adjetivos usados para a caracterização da pessoa, do objeto ou da ação descrita implica um ponto de vista assumido, isto é, uma intenção, ainda que implícita ou camuflada no uso da linguagem. Desse modo, não há ato linguístico isento de intencionalidade, ou seja, neutro.

No ensino escolar, a argumentação é geralmente desenvolvida de forma sistemática nos anos finais do Ensino Fundamental. A Base Nacional Comum Curricular, estipula que, entre outras competências linguísticas, a argumentação seja desenvolvida de modo que, ao término do 9º ano (escolaridade escolhida para esta pesquisa), o aluno seja capaz de desenvolver opiniões e argumentos sólidos, por meio de afirmações claras, ordenadas, coerentes e compreensíveis para o interlocutor, também que expresse pontos de vista divergentes com objetividade. Cabe ressaltar que o aluno já possui a competência argumentativa, pois ele pratica a linguagem, e a linguagem é essencialmente argumentativa; logo, instintivamente, ele é capaz de argumentar. No entanto, é na escola que as habilidades necessárias à eficácia da argumentação e à adequação aos gêneros textuais argumentativos são aperfeiçoadas.

Bernard Meyer (2008), na introdução do livro *A Arte de Argumentar*, relata que, na França, o estudante tem contato com os gêneros argumentativos no colegial, correspondente

aos anos finais do Ensino Fundamental no Brasil, pois é nessa fase da adolescência que a formação identitária e a compreensão abstrata são amadurecidas. Neste contexto de aprendizado, são desenvolvidas noções de planificação, justificção e reflexo, necessrias ao aprimoramento da competncia argumentativa. O problema, no entanto, est na forma como isso é ensinado. Segundo o autor, alguns erros socometidos na prtica pedaggica, tais como: a falta de um interlocutor, a serventia da argumentao apenas para que o professor avalie se o aluno domina as tcnicas; a desvinculao da realidade na atividade escolar, o aluno no consegue associar a prtica argumentativa na sala de aula a sua prtica rotineira; e a limitao da prtica aos gneros escritos, j que, na vida cotidiana, os contextos orais de argumentao socompreponderantes. O resultado disso sosalunos que chegam ao nvel superior compreendendo mais a argumentao alheia do que dominando a sua prpria argumentao e que no veem, nas suas prticas sociais, a utilidade do que foi ensinado em sala de aula. Sobre isso, o autor diz que preciso considerar a subjetividade e o rigor de toda argumentao, uma vez que a personalidade e as referncias dos interlocutores devem ser levadas em conta na busca pela justificativa do ponto de vista, e isso é um requisito de toda reflexo argumentativa.

Sob essa perspectiva, o locutor, ao planificar o seu discurso, deve ter conhecimento dos princpios da comunicao, da forma como os elementos se relacionam para que a comunicao seja efetivada; dos fatores sociolgicos, de como o status social e as relaes de poder e de competitividade interferem no resultado do evento argumentativo ou o determinam; dos fatores psicolgicos e afetivos, de como as personalidades dos interlocutores interferem na fora argumentativa; alm dos fatores intelectuais, do domnio dos recursos lingusticos.

Cabe lembrar que a percepo de que esses conhecimentos socompreensveis a eficcia argumentativa j faz parte da cognio do aluno. Prova disso ocorreu ao iniciar a mediao pedaggica desta pesquisa, em que os alunos foram incentivados, por meio de uma conversa informal, a falarem sobre seus desempenhos em situaes de prticas argumentativas. Apontaram, por exemplo, o contexto familiar como o mais difcil de terem xito na argumentao, j que por serem adolescentes, suas opinies socomumente desmerecidas, no sendo consideradas na discussao. Essa reflexo mostra que eles tm cincia do fator sociolgico como influenciador do resultado do ato lingustico, j que por terem pouca idade e, por conseguinte, pouca vivncia, no possuem ainda o *status* social que lhes d credibilidade. Outra dificuldade relatada foi no conseguirem escolher o vocbulo adequado

para o que eles queriam expressar como também não organizar as ideias de maneira mais clara. Além dessas dificuldades, a falta de controle emocional foi apontada como mais um obstáculo, já que, por não controlarem o nervosismo, não conseguiram raciocinar com clareza, demonstrando, assim, reconhecerem o conhecimento intelectual e o psicológico como fatores importantes para o êxito da persuasão.

Essa percepção deve ser explorada nas atividades pedagógicas. Sob a perspectiva metacognitiva, ao exporem seus entraves nas experiências da prática argumentativa, ficou claro que eles apresentaram o que Flavell (1995) considerou ser uma das quatro categorias do metacognição: o saber sobre as pessoas e o próprio indivíduo; ou seja, é notável no relato deles o saber sobre si próprio como interlocutores em situação comunicativa.

Essas observações servem como exemplo do que deve ser evitado no contato com o texto argumentativo e ponto de partida para responder a primeira questão desta pesquisa: De que maneira a tipologia argumentativa pode ser apresentada ao aluno para que ele compreenda o que é argumento e consiga usá-lo não só oralmente como também por escrito?

Esse questionamento foi abordado por Marcuschi (2008), quando pontuou que “ao se enfatizar o ensino da escrita não se deve ignorar a fala, pois a escrita reproduz a seu modo e com regras próprias, o processo interacional da conversação, da narrativa oral e do monólogo, para citar alguns”(pág. 53). Ainda sobre a restrição do ensino linguístico praticamente à modalidade escrita, acrescentou:

É obvio que se a escola tem como missão primária levar o aluno a bem desempenhar na escrita, capacitando-o a desenvolver textos em que os aspectos formal e comunicativo estejam bem conjugados, isto não deve servir de motivo para ignorar os processos da comunicação oral. A razão é simples, pois desenvolver um texto escrito é fazer as vezes do falante e do ouvinte simuladamente. Mesmo que o texto escrito desenvolva um uso linguístico interativo não do tipo comunicação face a face, deve, contudo, preservar os papéis que cabem ao escritor e ao leitor para cumprir sua função, sob pena de não ser comunicativo. (pág.53)

É indiscutível que as habilidades concernentes à escrita devem ser trabalhadas no âmbito escolar, mais especificamente na disciplina de Língua Portuguesa, mas tem havido um tratamento inadequado do texto argumentativo, principalmente aqueles escritos nos moldes dos gêneros exigidos em concursos. Geralmente, é ensinado como uma “receita de bolo”, na tentativa de reproduzir a partir de um texto-modelo um outro texto com as mesmas qualidades, ignorando que esse texto é um ato linguístico produzido em uma situação comunicativa e que, embora exija uma linguagem formal e tenha regras rígidas, com

características previamente estabelecidas, é fruto de uma interação. O foco do ensino muitas vezes está no produto da interação linguística, prestigiando apenas uma modalidade da língua ou até mesmo restringindo-lhe a prática argumentativa. Desse modo, esquece-se do contexto no qual o texto foi produzido; determinante tanto do seu sentido quanto do seu valor social.

Sobre isso, um dos aspectos a serem pensados é de que o aluno argumenta naturalmente no dia a dia, inclusive no espaço escolar. É comum ouvi-lo opinando sobre um filme, um programa, o desempenho de um jogador na partida de futebol ou comentando sobre o comportamento de alguém, posicionando-se sobre o assunto e justificando o seu ponto de vista. Ainda que ele não saiba definir argumento e reconhecer no próprio discurso ou no discurso alheio a estratégia argumentativa usada, faz uso dele naturalmente. Esse conhecimento prévio não deve ser ignorado. O ato linguístico realizado no espaço escolar, fora do contexto da aula, pode ser transformado em uma prática pedagógica cujo objetivo seja aprimorar a habilidade argumentativa, levando o aluno a refletir, por exemplo, sobre a sua seleção de argumentos. Desse modo, a prática oral passa a ser aprimorada e explorada como conteúdo, servindo de introdução à prática escrita, sem deixar de observar que a escolha do gênero textual escrito para isso deve ser correspondente ao oral. Como sugere Marcuschi (2008), ao organizar os gêneros textuais em um contínuo, tomando como critérios o domínio discursivo e a modalidade linguística de concepção e recepção.

2.3 A Importância da Escrita Argumentativa

Uma sociedade sobrevive sem a escrita, entretanto, a partir do momento que esta modalidade comunicativa passa a fazer parte dela, torna-se grafocêntrica. Em consequência disso, a escrita assume uma função relevante, não havendo desenvolvimento sem que os seus indivíduos dominem suas regras. É dever da escola, no papel mediador do professor, proporcionar ao aluno o contexto de produção textual que lhe permita conhecer os mecanismos textuais e linguísticos e deles se apoderar. Segundo Hayes (1996 apud De Lucia e Hocevar 2008, p. 234), “escrever é um ato comunicativo que requer um contexto social e um meio. É uma atividade geradora que requer motivação, e uma atitude intelectual que exige processos cognitivos e memória”. Diante disso, é no espaço da sala de aula que o aluno vai encontrar para quem escrever, o que escrever e como escrever.

A escola como espaço sociointerativo é responsável por engendrar situações comunicativas compatíveis com as que ocorrem fora do seu espaço, tanto na comunicação oral quanto na escrita. Entretanto, é justamente na expressão escrita que encontra o seu maior

desafio, pois, em alguns casos, é o único espaço no qual o aprendiz encontrará meios para desenvolver essa habilidade. Hoje, mais do que antes, há pesquisas que comprovam a necessidade de mudança na metodologia de ensino e no olhar que se tem sobre a escola, o qual a caracteriza como lugar de aprendizado onde o conteúdo é o foco, o detentor do saber é o professor e o aluno, o receptor que será avaliado segundo o quanto adquiriu do que foi ensinado. Esse contexto de aprendizagem apresenta-se ineficaz, principalmente, quando o conteúdo requer interação.

Com a finalidade de tornar a sala de aula um espaço produtivo para as atividades de linguagem escrita, deve-se considerar o que diz De Lucia & Hocevar (2008):

As motivações dos “novos escritores” ou “aprendizes” estão relacionadas com a função que atribuem ao texto em uma situação comunicativa determinada. Surge disso a necessidade, no ensino de produção textual, de escrever para situações autênticas, que se constituam uma motivação real para o aluno. (p. 236)

Essa tarefa nem sempre é fácil, já que o gênero textual, instrumento usado para as atividades orais e escritas, é tirado de uma situação real de comunicação para se tornar objeto de estudo. Dolz (1994) fala sobre a necessidade de se criar um contexto, o mais próximo possível da situação comunicativa real, no qual as atividades de escrita sejam autênticas, contemplem discursos do âmbito escolar e mantenham similaridade com a realidade.

Nesse âmbito, está inserida a tipologia argumentativa, já que se reconhecer e ser reconhecido como sujeito social exige constantemente um posicionamento embasado em argumentos, pois

Argumentar é humano. Oralmente ou por escrito, em nossas interações, estamos argumentando. Aprendemos a argumentar muito antes do que nos ensinam na escola: nas conversas nossas de cada dia com nossos pais, irmãos, amigos, conhecidos; nas brincadeiras de que participamos e nas histórias que ouvimos, em algum momento, somos solicitados a nos posicionar, a emitir uma opinião, a assumir um ponto de vista. (KOCH e ELIAS, 2016, p. 9)

No entanto, o que é tão natural na oralidade tem se tornado um martírio nas salas de aula quando se trata da escrita. É comum ouvir queixas de professores sobre a qualidade dos textos argumentativos (comumente chamados de “redação”) produzidos por seus alunos, da mesma forma os alunos reclamam da dificuldade de argumentar por escrito de modo satisfatório, causando-lhes temor e até mesmo resistência a essa prática.

Primeiro, é importante salientar que o texto “é um objeto complexo que envolve não apenas operações linguísticas como também cognitivas, sociais e interacionais” (KOCH e ELIAS, 2016, p. 15) e não abrange somente um modelo de gênero textual, mas é concretizado a partir do gênero textual, como afirma Marcuschi (2008, p.154) “toda a manifestação verbal se dá verbalmente por algum texto”.

Na promoção do ensino da escrita argumentativa, é necessário entender a importância da funcionalidade do gênero textual como uso da língua materna para fins específicos, já que “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (2008, p.154). Marcuschi ainda afirma que o conceito de gênero textual se relaciona com o seu uso social, tendo em vista serem textos materializados em situações comunicativas rotineiras, o que os tornam bastante estáveis, situados histórica e socialmente.

Tais características, fazem do gênero textual instrumentos comunicativos eficientes para a inserção dos alunos em situações comunicativas fomentadoras tanto da produção de textos orais como escritos, pois a noção de gênero permeia os critérios da ação prática, circulação histórica, funcionalidade, conteúdo temático, estilo e composicionalidade.

O texto opinativo cumpre um papel importante na divulgação de pontos de vista defendidos a partir de uma análise reflexiva a respeito de um assunto. Pertence ao domínio discursivo jornalístico e circula geralmente em suportes como jornais ou revistas e em publicações on-line.

Segundo Brankling

As atividades de escrita necessitam privilegiar o trabalho com um gênero no qual as capacidades exigidas do sujeito para escrever sejam, sobretudo, aquelas que se referem a defender um determinado ponto de vista pela argumentação, refutação e sustentação de ideias. (2000, p.23)

No entanto, como já dito, é preciso considerar, ao propor atividades que estimulem o aluno a opinar e a defender seu ponto de vista com argumentos, que ele já o faz oralmente, em situações discursivas que lhes são relevantes. Dessa forma, é essencial para o êxito das atividades discursivas que esse conhecimento prévio, geralmente praticado na oralidade, sirva de base para o aprimoramento da escrita argumentativa. Os comentários postados na internet em redes sociais, sites jornalísticos ou de divulgação de informação, por exemplo, possibilitam aos alunos que pratiquem a argumentação de forma regrada, numa interação real

e com objetivos, mas sem exigir inicialmente um conhecimento de uma estrutura textual mais complexa ou as normas da linguagem formal.

Também se deve ponderar que o processo de aprimoramento da escrita argumentativa não se faz instantaneamente, sendo necessário estabelecer um ponto de partida que corresponda ao conhecimento prévio do aluno e avançar gradativamente no processo, propiciando ao aluno momentos de reflexão, correção e refazimento. O aluno precisa estar consciente dos desafios da escrita argumentativa num contexto real de interação.

Desse modo, qualquer metodologia que não contemple essas especificidades do gênero tende a ser inócua. Partindo dessa premissa, os estudos da metacognição são os que mais se aproximam das estratégias necessárias ao desenvolvimento da competência argumentativa na modalidade escrita, segundo afirma Parodi (2003 apud por De Lucia e Hocevar, 2008),

A capacidade metacognitiva do sujeito se contempla como um componente central no desenvolvimento de um bom escritor. Sem um desenvolvimento adequado dela, o sujeito não consegue exercer o domínio do contexto da escritura e não consegue visualizar o problema retórico a ser resolvido. Só se dando conta e estando consciente de que deve findar uma determinada tarefa e dos recursos disponíveis, poderá dimensionar seu problema, buscar e executar estratégias que tendem a uma solução pertinente. (p. 234)

Por isso, o PCN, ao frisar o papel do professor no trabalho com a linguagem, enfatiza que é de sua incumbência

[...] mostrar ao aluno a importância que, no processo de interlocução, a consideração real da palavra do outro assume, concorde-se com ela ou não. Por um lado, porque as opiniões do outro apresentam possibilidades de análise e reflexão sobre as suas próprias; por outro lado, porque, ao ter consideração pelo dizer do outro, o que o aluno demonstra é consideração pelo outro. (BRASIL,2010, p. 47)

Nessa perspectiva, o ensino de produção textual, especificamente os de textos da tipologia argumentativa como o texto de opinião, exige atividades que permitam ao aprendiz se reconhecer como interlocutor em uma situação comunicativa que, embora criada para fins de aprendizagem, se mostre real e consistente para o aluno. Para que isso ocorra, as ferramentas de aprendizagem devem ser adequadas e eficazes, não enfatizando o produto final, mas todo o processo necessário à sua concretização, em outras palavras, não adianta apresentar ao aluno, por exemplo, um texto satisfatório como modelo e solicitar-lhe a escrita de outro nos mesmos moldes, sem que ele interiorize todo o procedimento, regras e normas de produção. Os resultados dessa didática já são conhecidos: os textos são corrigidos pelos

professores, as falhas são apontadas e comentadas; e quando há revisão e/ou reescrita do texto, estas se atêm às questões gramaticais. Isso é insuficiente para o desenvolvimento das habilidades argumentativas, já que esse gênero exige que o sujeito se aproprie de argumentos válidos, articulados coerentemente com o tema proposto, expressos numa variedade linguística adequada e materializados numa estrutura textual coesa. Uma tarefa complexa, mas que se for executada por meio de um ensino que oportunize a coparticipação do aluno em todas as etapas do processo, será exitosa.

Para impulsionar a autonomia do aluno na escrita e correção do próprio texto, pode-se empregar atividades de autocorreção a partir de critérios pré-estabelecidos. A apresentação e limitação desses critérios é importante para que no processo de melhoramento no texto, não sejam corrigidos só os desvios gramaticais. Estes são mais fáceis de serem apontados e corrigidos, uma vez que figuram na superfície textual. Na escrita argumentativa, aspectos como clareza no posicionamento, pertinência na discussão do tema, o emprego de operadores argumentativos como orientadores da intencionalidade do discurso, são de correção subjetiva.

Para isso, é necessário que seja estimulado no aluno o hábito da reflexão sobre o próprio aprendizado que está sendo construído a fim de reforçá-lo e consolidá-lo. Como enfatiza De Lucia & Hocevar (2008), a metacognição contribui para o desenvolvimento dos conhecimentos tanto declarativos como procedimentais, e é reforçada à medida que esses conhecimentos vão se acumulando e interagindo na atividade cognitiva. Devido a produção escrita de um gênero específico mostrar-se como um processo de resolução de problemas da ordem do raciocínio lógico, de escolhas lexicais e gramaticais, de conhecimento de mundo e do interlocutor, além de agrupamento de ideias coerentes e coesas, é imprescindível para sua solução a aplicação de estratégias metacognitivas específicas durante essa empreitada. Tal aprendizado pode ser feito por meio de atividades que mostrem sua conveniência ao aprendiz, propiciando-lhe a internalização de conhecimentos processuais e também teóricos.

Por esses aspectos, o uso da metacognição no ensino da escrita argumentativa surge como resposta à terceira questão desta pesquisa: Qual método de ensino pode ser usado para que o aluno perceba as incoerências no próprio texto e corrija-las a fim de melhorar a consistência argumentativa e, por conseguinte, a sua escrita?

3 METACOGNIÇÃO: CONCEITOS BÁSICOS

Na BNCC, foram estabelecidos que o foco do ensino é o desenvolvimento de competências e que toda prática pedagógica deve ter como orientação o que os alunos devem saber e o que eles devem saber fazer (BRASIL, 2017, p.13). Cabe acrescentar que igualmente importante é considerar o que os alunos já sabem.

O documento ainda sinaliza que

No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para **aprender a aprender**, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, **ter autonomia** para tomar decisões, **ser proativo** para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades (p. 14, grifo nosso).

Desenvolver essas características exige uma metodologia que proporcione atividades que as fomentem no indivíduo, oferecendo-lhe as oportunidades e ferramentas adequadas. A autonomia, a criticidade, a proatividade, por exemplo, são palavras que já faziam parte das indagações nos estudos e discussões sobre práticas pedagógicas promissoras. Qual o melhor método de ensino-aprendizagem para desenvolver a autonomia estudantil? Como desenvolver o pensamento crítico no aluno? Como contemplar a diversidade cognitiva na turma? Como o professor pode estimular o aluno a ser proativo? Como avaliar o desenvolvimento dos alunos em um processo de aprendizado que não está finalizado, mas que representa apenas um ponto no contínuo do desenvolvimento de determinada competência/habilidade? Independentemente de quais sejam as respostas, estas só serão descobertas no “fazer” da sala de aula. Como afirma Portilho (2009),

As pesquisas cognitivistas mostram que, ainda que os sujeitos tenham capacidades ou inteligências para aprender, é necessário que o ambiente brinde oportunidades ao desenvolvimento de tais capacidades e inteligências, chamando a atenção principalmente da relação pedagógica entre aluno e professor. (p.17)

Sobre essa relação, o psicólogo americano Jerome Bruner (1960), em sua Teoria da Instrução, afirmou que “qualquer ideia, problema ou corpo de conhecimento pode ser apresentado de forma simples o suficiente para que qualquer aprendiz possa entender de

forma reconhecível.” (p.55), ou seja, para o estudioso o que mais influencia o sucesso da aprendizagem é o método como a informação é trabalhada; para isso, segundo ele, o meio deve se mostrar desafiador, a fim de incentivar os alunos a resolverem os problemas propostos.

Por essa perspectiva teórica, entende-se que a aprendizagem é construída no indivíduo por meio da manipulação e do uso da informação. Ou seja, o esforço exigido nesse processo provoca-lhe a transformação do conhecimento inicial, pela qual ele codifica a informação e categoriza-a em um novo esquema, sendo ele próprio o mediador entre o estímulo e a transformação da resposta recebida do meio; transmudando, então, o que se sabia no início em algo diferente. A partir disto, o aprendiz terá de avaliar a eficiência do conhecimento final para a tarefa a ser realizada. Para Bruner (1960), a aprendizagem é, portanto, uma atividade complexa que envolve as informações adquiridas, transformadas e avaliadas. O professor, por sua vez, cumpre um papel importante de mediador no processo de aprendizagem, já que, para o teórico, “o desenvolvimento intelectual depende de uma interação sistemática ou eventual entre tutor e o aprendiz, sendo que o tutor está preparado com um leque amplo de técnicas previamente inventadas que ensina às crianças.” (p. 20)

Sobre essa teoria, Portilho (2009) esclarece que a relevância do professor está em instigar os alunos no contato com os novos conhecimentos, permitindo-lhes o uso dos objetos do conhecimento — o que lhes permitirá a execução da tarefa; o desenvolvimento de novas habilidades — adquiridas na observação e na experiência; e o autoconhecimento — sua reflexão sobre sua atuação nesse processo. Portanto, no que se refere ao professor,

É interessante que ele incentive os alunos a buscarem em seu dia a dia elementos, objetos, situações correspondentes ao assunto, provocando os mesmos a inventar e responder às perguntas, desenhar o que imaginam, escrever o que sabem sobre o tema e trocar ideias com os colegas, realizar pesquisa, como também os instigar a refletir e avaliar sobre as estratégias que escolheram.(2009, p.47)

E acrescenta que

Quando Bruner se refere à utilização de situações problemáticas para estimular aprendizagem, sugere que os conteúdos de ensino devem ser enfocados pelo professor como um conjunto de problemas, relações e situações a resolver. Portanto, o ensino deve considerar que a resolução de problemas é algo natural da vida real e, desta forma, a informação deverá ter um caráter útil e aplicável a outras situações (2009, p. 47).

O autor recomenda que isso deve ser feito por meio de sequências organizadas e contrastadas, experimentação de manejos diferentes, promoção de revisões periódicas, com práticas que permitam transferir o conhecimento. entre outras recomendações. Dessa forma, objetiva-se o êxito da aprendizagem, evidenciada na aplicação das competências desenvolvidas na escola, no cotidiano do aprendiz.

Há ainda o pensamento que uma prática pedagógica bem-sucedida é aquela pela qual o aluno consegue assimilar determinados conhecimentos passados pelo professor, conferidos em avaliações específicas. No entanto, a escola não é a finalidade do ensino, mas a sua instrumentalização, a fim de preparar o estudante para a vida e as suas demandas sociais.

Michel Grangeat (1999), ao questionar o que caracteriza o sucesso escolar, afirma que independente da linha de pesquisa assumida nas Ciências da Educação, o consenso é o mesmo: a autonomização do aluno.

Segundo o autor, para que o aprendizado seja considerado satisfatório, o aluno deve desenvolver três competências: aplicar em situações diversas um conhecimento já adquirido, adequando-o ao problema; agir criticamente sem a intervenção do professor, regulando e monitorando o seu próprio fazer; e modificar-se, desprender-se dos conhecimentos habituais para adquirir outros, enriquecendo seu repertório pessoal. Para isso, é necessário que o procedimento pedagógico adotado articule o que precisa ser aprendido, detectado na avaliação diagnóstica, e como pode ser aprendido, executado na diferenciação pedagógica, como ilustrado na seguinte figura:

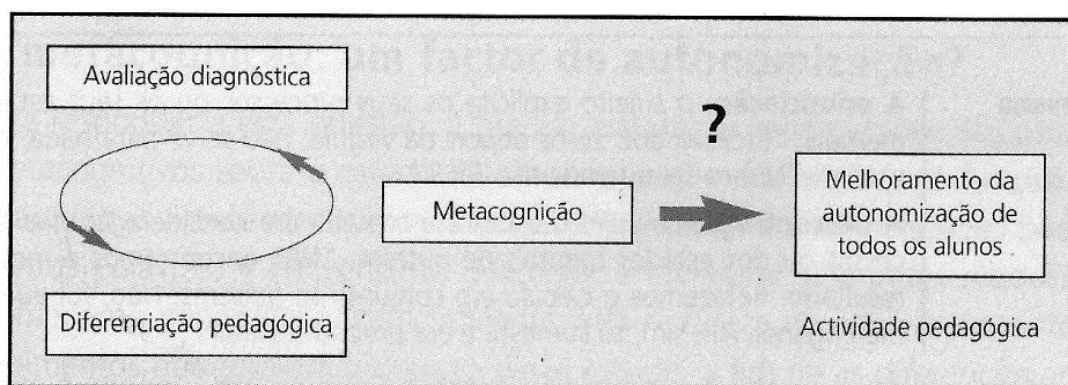


Figura 1: Colocação do problema — Grangeat (1999, p.97)

Grangeat (1999), ainda acrescenta que

Logicamente, para desempenhar um papel de articulação, o dispositivo procurado deve possuir características que sejam simultaneamente comuns

aos dois procedimentos a articular e compatíveis com a intenção de reforçar a autonomização. Porém, estes levam o professor a focalizar a sua atenção em três domínios principais: os sujeitos aprendentes, as tarefas a efectuar e as estratégias a pôr em acção para o conseguir. (p.97)

Por abranger esses três domínios, a metacognição se apresenta propensa a essa articulação.

Com intuito de se certificar de que sua proposição está correta, o autor observou os efeitos dos procedimentos metacognitivos na autonomização dos alunos, levando em conta a coordenação dessas atividades com os problemas detectados na avaliação diagnóstica e a diferenciação pedagógica. Para isso, conduziu um questionário em turmas do 6º ano de escolaridade, interrogando os professores sobre as suas práticas de avaliação diagnóstica, de diferenciação pedagógica e de atividades metacognitivas. Essas informações foram cruzadas com algumas respostas dadas pelos alunos nas atividades de resolução de problemas complexos. Essa observação permitiu-lhe descrever as práticas de natureza metacognitiva disponíveis aos alunos com maiores dificuldades. O acompanhamento da resolução das tarefas propostas nas aulas foi feito em três grupos de alunos pertencentes a classes diferentes, caracterizados da seguinte forma:

- no primeiro grupo, as atividades metacognitivas propostas pelo professor não se relacionavam totalmente com os objetivos e a avaliação diagnóstica era inadequada, aplicada apenas no início do ano;
- no segundo, não havia proposta metacognitiva, mas o professor procurava revisar a lição e repetia a estrutura dos exercícios dados para avaliação, nos exercícios corrigidos na sala;
- no terceiro grupo, houve uma coordenação efetiva dos sujeitos aprendentes, das tarefas e das estratégias metacognitivas. Também foi constatado que a avaliação diagnóstica era aplicada no decorrer do ano como método de controle dos êxitos, das carências e dos insucessos.

Feito isso, o autor constatou que, no primeiro grupo, a autonomização dos alunos, principalmente, aqueles que apresentavam maiores dificuldades foi reduzida. Não conseguiam avançar na resolução da tarefa, copiavam o método de resposta do colega ou a abandonava. No segundo grupo, embora não tivessem sido empregadas estratégias de natureza metacognitiva, os alunos apresentaram indícios de autonomização, mas de forma limitada. Procuravam de alguma forma a resolução da tarefa, mas, ao verificarem a inexatidão da

resposta, esperavam pela intervenção do professor. Já, no último grupo, a autonomização do aluno foi evidente, já que não só explicitavam as estratégias como também avaliavam o próprio domínio dos objetivos gerais.

A partir dessa observação, ficou evidente para o autor que as práticas metacognitivas favorecem, sim, autonomização do aluno como aprendiz, permitindo-lhe adiantar-se na execução das tarefas, ainda que estas lhe sejam difíceis por exigirem um conhecimento cognitivo que não possui.

3.1 A Metacognição: dispositivo pedagógico para a autonomização do aluno

A metacognição se refere a um conjunto de conhecimentos e de modos de compreensão que incidem sobre a própria cognição, de forma que os processos mentais se tornam objetos de reflexão.

Portilho (2004), a partir dos resultados obtidos nos seus estudos e de seu grupo de pesquisa, sobre o processo de aprendizagem, concluiu que é necessário ao aprendiz perceber como aprende, isto é, ter consciência da sua modalidade de aprendizagem, “o conjunto de habilidades, estratégias e estilos colocado em funcionamento a partir de relações intrapsíquicas e interpessoais e construído na interação com o meio, no decorrer da história do aprendiz e daquele que ensina”(p.79). Em outras palavras, para que o aprendiz conheça a sua modalidade de aprendizagem, precisa refletir sobre a sua maneira de agir para aprender algo; quais habilidades (capacidade de executar uma tarefa) já possui e quais precisa desenvolver, incluindo os procedimentos dominados ou não; e quais estratégias, ações planejadas e controladas, costuma usar.

Nessa perspectiva, as investigações de estudiosos da Psicologia Cognitiva a partir da década de 70 mostraram-se promissoras. Conforme aponta Ribeiro (2003), as pesquisas sobre o processo de aprendizagem, anteriormente, convergiam para duas categorias de variáveis: a capacidade cognitiva e a motivação. Foi a partir dos estudos de teóricos como Brown (1978); Flavell & Wellman (1977); Weinert & Kluwe, (1987) entre outros, que os processos metacognitivos reguladores da aptidão cognitiva foram considerados como uma terceira variável a influenciar a aprendizagem. Como isso ocorre? Segundo Brown (1978, apud RIBEIRO, 2003),

O reconhecer a dificuldade na compreensão de uma tarefa, ou tornar-se consciente de que não se compreendeu algo, é uma habilidade que parece distinguir os bons dos maus leitores. Os primeiros sabem avaliar as suas

dificuldades e/ou ausências de conhecimento, o que lhes permite, nomeadamente, superá-las, recorrendo, muitas vezes, a inferências feitas a partir daquilo que sabem. (p.110)

Nesse entendimento, ter consciência sobre a própria ignorância o motivará na busca pelo conhecimento ausente a partir do que já se sabe, em outras palavras, examinar a própria cognição, identificando o que sabe fazer e o que falta saber para saber fazer. Como consequência disso, a motivação também é potencializada, pois ao controlar o próprio conhecimento o sujeito passa a ter segurança no próprio aprendizado.

Essa autoconfiança é encorajada na percepção da própria eficácia. Bandura (1999) ao se referir à eficácia pessoal, isto é, às convicções que o sujeito tem sobre sua capacidade de planejar, organizar e de atuar em situações, atentou para os seguintes fatores influenciadores: as experiências obtidas pelo sujeito ao prever as condições para alcançar o êxito; o sucesso obtido por meio da observação; o estímulo provocado pela crença de que são capazes; e os indicadores psicológicos de eficácia. Em síntese, o indivíduo para desenvolver a autoconsciência e monitorá-la, precisa acreditar em si mesmo. Esse sentimento deve ser incentivado pelo professor, uma vez que é comum ver nos alunos uma resistência à reflexão sobre suas possibilidades e dificuldades na hora de aprender, a metacognição, nesse contexto, mostra-se adequada.

Segundo Flavell (1976), a consciência do aprendiz sobre que estratégia usar, quando e como usá-la; sobre sua validade, utilidade e conveniência; e do conhecimento sobre sua capacidade de planejar, orientar e avaliar o que foi aprendido, o tornará mais apto, portanto, mais autoconfiante.

A importância da influência desse processo para o desenvolvimento de habilidades foi validada ao observar que os aprendizes eficientes na execução das tarefas eram os que apresentavam competência metacognitiva mais apurada, ou seja, eles demonstravam saber a finalidade da tarefa, planejavam a sua realização, empregavam, mudavam de estratégia, se fosse necessário, e avaliavam o próprio processo de execução. Para isso, o autor, a partir dos seus estudos de 1979, propôs um modelo global de monitorização cognitiva que contempla quatro aspectos inter-relacionados:

O primeiro, chamado de *conhecimento metacognitivo*, corresponde à sensibilidade que o aprendiz tem diante de uma tarefa, premeditando as estratégias necessárias; e ao desenvolvimento do conhecimento sobre a influência das seguintes variáveis:

- 1) *a pessoa*, que consiste nas representações que o indivíduo faz sobre:
 - as suas próprias características cognitivas (conhecimento intraindividual), isto é, a consciência do seu potencial de memória, a facilidade ou a dificuldade em executar uma tarefa, o período do dia em que é mais produtivo etc;
 - as características dos outros em relação as suas (conhecimento interindividual), ao comparar-se com outros na execução de tarefas, por exemplo;
 - e as características de aprendizado da espécie humana (conhecimento universal), isto é, saber, por exemplo, que a atenção é necessária à memória e ao aprendizado.
- 2) *a tarefa*, que corresponde ao entendimento do seu objetivo, do grau de dificuldade que ela impõe, como também dos recursos disponíveis para realizá-la;
- 3) *a estratégia*, que se refere ao domínio das informações sobre os meios, processos ou ações com as quais o objetivo será alcançado. Para usar uma estratégia, o estudante terá de planejar, regular e avaliar suas ações.

O segundo aspecto são *as experiências metacognitivas*, sentimento que se tem sobre todo o processo de realização da tarefa, o grau de dificuldade apresentado, a própria atuação nesse processo como também o grau de eficiência atingido. Esse sentimento decorrente do controle exercido sobre o próprio fazer (autorregulação) é o que garante o maior êxito na conquista dos objetivos, já que, ao regular as ações, é possível avalia-las quanto à validade na sua obtenção. O terceiro aspecto concerne *aos objetivos* que motivam todo o esforço cognitivo para a concretização da tarefa. Definem as metas a serem alcançadas por meio de estratégias, que serão legitimadas ou não, durante o processo de execução das tarefas. Já o último aspecto diz respeito *as ações*, ou seja, as estratégias utilizadas a fim de avaliar o progresso cognitivo. Elas podem ser cognitivas, quando usadas em função da aquisição de um conhecimento, ou metacognitivas, quando usadas para analisar a eficácia da própria estratégia utilizada na aquisição desse conhecimento.

Conforme diz Ribeiro (2003) ao explicar a teoria de Flavell (1987),

Deste modo, aprendemos sobre as estratégias cognitivas para fazermos progressos cognitivos e sobre as estratégias metacognitivas para monitorizar o progresso cognitivo. Para este autor, a utilização de estratégias metacognitivas é, geralmente, operacionalizada como a monitorização da compreensão; que requer o conhecimento dos objetivos de aprendizagem, a avaliação do grau em que estão a ser alcançados e, se necessário, a modificação das estratégias que têm sido utilizadas para os alcançar. (p.112)

No ambiente de aprendizagem, as atividades orientadas por essa teoria têm alcançado resultados satisfatórios em diversas áreas de conhecimento, intensificando os resultados pretendidos, justamente, por promover uma metodologia na qual o aluno deixa de ser paciente para se tornar agente do próprio aprendizado, sendo corresponsável e coparticipante nesse processo. Dessa forma, o papel do professor é ser mediador, estimulando a autorregulação e treinando o aluno no planejamento e no controle das suas ações, segundo observa Grangeat (1999).

De modo a estimular a metacognição, o professor tem toda vantagem em multiplicar as situações abertas de investigação, as resoluções de problemas complexos no decurso dos quais o sujeito é levado a escolher entre várias alternativas e a antecipar as consequências destas escolhas. Só este gênero de atividade pode dar ao aluno, sobretudo se tem dificuldades, oportunidade de conduzir de maneira refletida as suas próprias operações cognitivas. (p. 114)

Tornando isso uma prática na sala de aula, o ideal de escola como espaço incentivador da autonomia, criticidade, reflexão e participação estudantil pode se tornar concreto em qualquer disciplina, no ensino de qualquer conteúdo, independentemente de sua complexidade.

Segundo Monereo (1994), é possível ensinar o aluno a refletir sobre o seu processo de aprendizagem, tirando-o da posição passiva e motivando-o a ser coparticipante; pretende-se com isso que o próprio aluno seja consciente do que pensa e de como pensa para que a longo prazo, ele mesmo possa analisa-lo e modifica-lo, de maneira autônoma, segundo suas necessidades. O objetivo na Educação passa a ser “dizer o que pensa”, “pensar o que foi dito” e, sobretudo, “pensar sobre o pensamento”. Dessa forma, será consciente das suas decisões, das suas ações, regulando-as conforme os ajustes e orientações necessárias. Nesse contexto de aprendizado, o professor deve cumprir seu papel de mediador, transferindo para o estudante de forma gradativa o controle de cada atividade pedagógica. Com esse objetivo, o autor sugere os três princípios norteadores de uma didática metacognitiva:

1. Ensinar os alunos a se conhecerem melhor como aprendizes, fazendo-os identificarem suas dificuldades, habilidades e preferências no momento da aprendizagem, por um lado, para que consigam um melhor ajuste entre suas expectativas de êxito e os resultados obtidos; por outro lado, para facilitar a possibilidade de que adequem as tarefas escolares a suas próprias características; auxiliando-os na construção da sua autoimagem cognitiva;

2. Ensinar os alunos a refletir sobre sua própria maneira de aprender, orientando-os na análise das decisões tomadas durante o planejamento, o monitoramento e a avaliação de suas ações na execução da tarefa, melhorando a regulação dos processos cognitivos envolvidos; e
3. Ensinar os alunos a estabelecerem com eles mesmos um diálogo consciente no decorrer da aprendizagem, ajudando-os a reconhecerem as intenções de quem propõe a tarefa para ajustar melhor às suas expectativas e demandas, e ativar seus conhecimentos prévios sobre os conteúdos tratados com a finalidade de conseguir a elaboração de relações substanciais com a nova informação, alcançando um aprendizado mais significativo.

Desse modo, a metacognição se mostra vantajosa por propiciar ao estudante a construção de conhecimentos e competências de forma que o êxito e a possibilidade de transferência desses conhecimentos sejam mais palpáveis. Também por motivar o aprendizado de estratégias de resolução de problemas que proporcionem o monitoramento da ação, promovendo a sua autonomia na administração das tarefas e das aprendizagens.

Diante dessas contribuições, a metacognição, no modelo proposto por Flavell (1979), citado e aplicado por vários estudiosos e professores, surge como um procedimento pedagógico promissor, pois permite um monitoramento consciente pelo aluno, fazendo-o perceber suas dificuldades e agir para superá-las no meio interativo da sala de aula, ou seja, relaciona o que lhe falta aprender à maneira como pode aprender

3.1.1 Exemplos de práticas metacognitivas promissoras

O uso de atividades de natureza metacognitiva tem ajudado os alunos no processo de aprendizagem de conteúdos em diversas áreas do conhecimento. Vê-se pela publicação de muitos trabalhos, nos quais foi constatada a eficácia desse método em várias áreas do conhecimento. Disciplinas como Matemática, que exige abstração e raciocínio lógico na resolução de problemas (OLIVEIRA et al., 2000); Química, em que o aluno precisa formar mentalmente modelos de combinações de moléculas (LOCATELLI, 2014); ou na área de Linguagens, no aprendizado da leitura (HODGES & NOBRE, 2012) e da escrita (DE LUCIA & HOCEVAR, 2008), que também envolve processos cognitivos complexos.

Um exemplo na área de Linguagens, o trabalho de Doly (1999) constatou o favorecimento dessa prática no aprendizado e melhoria da escrita de texto narrativo, usando a estratégia da ficha de avaliação com critérios estabelecidos, inicialmente, pelos alunos, sendo depois incrementada com o auxílio do professor.

Primeiramente, foi pedido aos alunos que expusessem as suas percepções sobre o que caracterizava uma narrativa bem escrita, permitindo que eles ativassem, dessa forma, seus conhecimentos metacognitivos. Após a leitura de alguns textos narrativos, orientada pelo professor, elaboraram os primeiros critérios do objetivo: uma narrativa bem escrita. Essa primeira estratégia permitiu que os alunos, ainda que de forma simples, criassem uma representação inicial do objetivo a ser atingido, e assim pudessem iniciar a autorregulação.

Foi pedido, então, que os alunos produzissem a primeira narrativa, observando os critérios que seriam usados para avaliá-la. Ao término da produção, cada aluno corrigiu seu texto com o auxílio da ficha de critérios, a fim de verificar quais foram atendidos. A autoavaliação é necessária para que o aluno revise o seu texto e depois compare a sua correção com a correção coletiva ou com a do professor.

Essa primeira produção diagnóstica serviu para que o professor anotasse as dificuldades e selecionasse alguns textos que as representassem, para serem analisados coletivamente pelos alunos, considerando os critérios, o objetivo e a ficha de avaliação. Em seguida, foi pedido que, em dupla, escrevessem o que estava adequado no texto e aconselhassem a melhorar o que não se adequava aos critérios. Depois disso, foram convidados a comparar suas avaliações, justificando-as. A discussão coletiva sobre a avaliação permite que os alunos interiorizem os primeiros critérios que serão ampliados no decorrer das atividades. Também possibilita ao professor orientá-los na transformação dos critérios específicos “falta apresentar o fantasma no início do texto”, em critérios universais “é preciso apresentar as personagens”.

Outra atividade proposta, com o objetivo de que o aluno monitorasse o seu próprio fazer foi a elaboração de um questionário, pelo qual expusesse o passo-a-passo das suas ações ao realizar a tarefa. Isso o ajuda a ter consciência do seu próprio aprendizado, pois dessa forma pode identificar no emprego das suas estratégias, aquela que precisa ser modificada. A autorregulação é imprescindível à autonomia do aluno no processo de aprendizagem, capacitando-o a procurar as soluções cabíveis a sua dificuldade.

Foi observado pela autora, que conforme as atividades se sucediam, não só a escrita dos alunos melhorava como também a percepção deles sobre a própria escrita, apropriando-se dos conhecimentos metacognitivos e aplicando-os na produção textual. Isso comprova que

Através desta troca de papéis de avaliador e produtor, através da descoberta de si como capaz de progresso, o aluno constrói uma nova identidade de aprendiz numa relação com o saber, diferente da de consumidor. Descobre-se capaz de produzir saber; assim torna-se um sujeito autónomo nas suas aprendizagens escolares e na sua cultura – autonomia que significa simultaneamente independência, capacidade de impor regras a si próprio e saber fazer-se ajudar. (DOLY, 1999, p.50)

Diante dessa afirmação, trabalhar com estratégias metacognitivas é proporcionar ao aluno enxergar-se como aprendiz, poder ele próprio monitorar, avaliar e repensar, se necessário, as suas estratégias, no intuito de conquistar seu objetivo; emancipando-se à medida que se torna menos dependente das intervenções do professor.

O segundo exemplo de prática metacognitiva bem-sucedida foi o uso da grade de correção para desvios ortográficos. O objetivo dessa prática é possibilitar que o aluno construa “o seu perfil ortográfico” baseado nos tipos de erros que tende a cometer.

O professor iniciou a atividade explicando os objetivos do trabalho que seria desenvolvido. Primeiro categorizou os erros ortográficos da turma a partir da escrita de um texto. Em seguida, foram expostos para que os alunos, com as suas próprias palavras, categorizassem os tipos de erro, sendo depois auxiliados pelo professor para nomeá-los e organizá-los na grade. Esse reconhecimento dos tipos de desvios ortográficos é importante para que o aluno perceba em qual/quais ele tem mais dificuldade. Depois, a cada ditado ou correção de um texto, o aluno marca na sua grade o número de erros cometidos em cada categoria, desse modo, passa a perceber em qual tem mais dificuldade.

O professor procurou programar os ditados de maneira que fossem retomadas as dificuldades apresentadas no ditado anterior em um contexto linguístico diferente, acrescentando mais uma ou duas. Desse modo, enquanto uns erros desapareciam, outros surgiam. Também foi oferecido aos alunos um acompanhamento metódico para que os alunos não só identificassem os desvios como também pudessem compreender a motivação do erro, essa tutoria é necessária até que o aluno consiga fazer esse processo sozinho. O resultado dessa prática foi constatado na melhora significativa na escrita dos alunos em todas as turmas, também aumentou a capacidade deles de correção a cada releitura.

É notório, por esses exemplos, que a metacognição torna possível, no processo de mediação pedagógica, ajudar os alunos a progredirem na aprendizagem, principalmente os que apresentam mais dificuldade no processo. Mas, isso só é possível se o professor se assumir mediador nesse processo, abandonando a visão linear de aprendizagem, sob a qual o professor transmite o conhecimento, permite a sua fixação e revisão por meio de exercícios, avalia quantitativamente o que foi assimilado pelo aluno, passando para o próximo conteúdo.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, serão expostas as etapas da mediação pedagógica, planejadas segundo os aportes teóricos da metacognição. Também serão descritos o perfil do público-alvo, a situação-problema e o método de análise para a avaliação dos resultados.

4.1. Contextualização

Antes de descrever o caminho trilhado, cabe enfatizar que esta pesquisa foi motivada pela necessidade de propor uma mediação pedagógica que estimule os alunos a opinarem por escrito, posicionando-se e defendendo o seu ponto de vista com argumentos.

Para aplicação dessa pesquisa, foram escolhidas duas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio Maria Emília Amaral Fontoura, da rede estadual de educação do estado do Rio de Janeiro. A instituição de ensino funciona em dois turnos e atende alunos do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, está situada na periferia de Nova Iguaçu, no bairro de Santa Rita, localidade com problemas estruturais, mas sem histórico de confrontos violentos. A escola é antiga no bairro e goza de prestígio entre os moradores, pois atualmente atende a terceira geração de alunos.

As turmas envolvidas nesta pesquisa são compostas, em parte, por alunos faltosos e pouco participativos. Devido à falta de pessoal de apoio, houve dificuldade em impedir que os alunos se ausentassem das aulas, permanecendo no pátio da escola, por exemplo. Somada a esse problema, esteve a carência de professores de duas disciplinas no quadro de horário das turmas. Esse fato impôs que algumas atividades fossem repensadas devido à necessidade de junção das turmas na mesma sala.

A escolha desse público-alvo se deve ao fato de que está previsto, no Currículo Mínimo da rede estadual, o ensino do texto opinativo nesse ano de escolaridade, servindo de introdução para os demais gêneros argumentativos, inclusive os que são pedidos nos exames nacionais e estaduais. Também pelo fato dos alunos se negarem a responder as questões que solicitavam a expressão de um ponto de vista. Quando eram respondidas, eles se restringiam a escrever “porque sim” ou “porque eu gosto”. Tal dificuldade ficou evidente no ensino desse conteúdo no 1º bimestre, em que a maioria dos alunos não conseguiram identificar o tema da discussão, distinguir o fato da opinião e deixaram em branco as questões discursivas.

4.2. Método e plano de ação

O método escolhido para o desenvolvimento desse trabalho foi o da pesquisa-ação, por viabilizar a junção da teoria com a prática, podendo ser aplicada em qualquer ambiente de interação social que se caracterize por um problema, no qual estão envolvidos pessoas, tarefas e procedimentos, como explica Engel (2000). Essa aplicação é possível, pois permite que o pesquisador considere os resultados e coloque-os em prática com o propósito de interferir na situação geradora do problema. Sabendo que o processo de ensino é um campo fértil para a observação de práticas regulares que buscam como resultado o desenvolvimento dos alunos em áreas de conhecimento, o professor assume o papel de mediador e interventor. Outro benefício da aplicação desse tipo de pesquisa está na intenção de ajudar os professores na solução de problemas em sala de aula, envolvendo-os no processo e possibilitando-lhes a avaliação empírica do resultado de crenças e práticas. Por esse aspecto, torna-se atrativa, no contexto do ensino-aprendizagem, já que pode levar a um resultado específico imediato.

Para a realização desta pesquisa, situada na área de Língua Portuguesa, inserida na linha de pesquisa Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes, com enfoque na produção textual escrita, foram seguidas as fases descritas por Engel referentes à metodologia da pesquisa-ação.

A primeira fase consistiu em definir um problema identificado nas observações de situações problemáticas que atrapalham a progressão da aprendizagem. Como já mencionado antes, o problema que instigou esta pesquisa foi observado nas aulas de Língua Portuguesa, cujo conteúdo era o ensino da escrita argumentativa. Os alunos demonstraram muitas dificuldades no aprendizado e um resultado insatisfatório na produção textual, além disso, não se mostravam capazes de reconhecer as incorreções sem a interferência do professor, avançando pouco nas competências pretendidas nas atividades. Tal constatação comprovou que era necessário buscar outras práticas pedagógicas que se mostrassem mais eficazes nesse processo de ensino-aprendizagem.

A segunda compreendeu uma pesquisa preliminar para buscar respostas e/ou orientação na literatura científica relacionada à questão, analisar os possíveis fatores que ocasionaram o problema, além de fazer um levantamento das necessidades dos alunos com intuito de que a intervenção fosse precisa. Nesse período, foi visto por meio da leitura de diversos trabalhos realizados nessa área, que as informações sobre a cognição e o uso de

estratégias metacognitivas no ensino surtiram bons resultados na sala de aula; também foi possível observar que a apresentação e o ensino da tipologia argumentativa apresentavam lacunas na didática empregada, sem garantir tempo suficiente para os alunos aprenderem as especificidades do texto; os temas motivadores nem sempre despertavam o interesse dos alunos ou os imergiam numa situação comunicativa autêntica.

As informações da etapa anterior serviram de base para a terceira fase que equivale a formulação de hipóteses que nortearam as etapas seguintes. Como foi observado, as dificuldades apresentadas na produção textual dos alunos podem ter origem na inadequação da didática empregada. Diante disso, as seguintes hipóteses foram formuladas: propor atividades baseadas em textos argumentativos menos complexos, intermediários entre a prática oral e a escrita, estimularia os alunos a opinarem por escrito; utilizar estratégias metacognitivas, pelas quais se conscientizariam do próprio processo de escrita, faria com que fossem mais eficazes na correção e reescrita dos próprios textos; e incentivá-los a argumentar por meio de debate desenvolveria habilidades argumentativas como a contra argumentação.

Constatados os problemas, formuladas as hipóteses e estabelecidas as bases teóricas pertinentes, seguiu-se a fase do desenvolvimento do plano de ação, que consistiu na aplicação de uma mediação didática organizada em cinco etapas descritas no quadro.

Quadro 1 – Etapas da mediação didática

Etapas	Descrições/Materiais/Tempos de aula
1 - Preparação do ambiente	Essa etapa limitou-se a uma conversa com os alunos sobre suas experiências em situações que exigiram posicionamento e argumentação, para que eles externassem, conscientemente, suas dificuldades em emitir uma opinião baseada em argumentos. Material: não houve. Duração: dois tempos de aula.

Fonte: A pesquisadora

Quadro 2 – Continuação das etapas

Etapas	Descrições/Materiais/Tempos de aula
2 - Aplicação da diagnose e análise das respostas	<p>Consistiu em uma avaliação diagnóstica composta de um artigo de opinião, publicado em um site de notícias, seguido de diversos comentários de internautas e de questões sobre identificação do tema textual, fato, opinião, estratégia argumentativa e posicionamento nos comentários. Essas questões também visaram precisar se o aluno, ao responder, usou conscientemente alguma estratégia. Além disso, foi proposta uma questão para que os alunos opinassem por escrito sobre o tema do texto. A partir dos problemas constatados nessa avaliação, foram planejadas as estratégias pedagógicas a serem aplicadas nas etapas seguintes.</p> <p>Material: folha com os textos e as questões impressos.</p> <p>Duração: dois tempos de aula.</p>
3 - Estímulo à opinião oral	<p>A etapa compreendeu quatro atividades de natureza metacognitiva. A primeira consistiu em um debate sobre uma cena polêmica, identificação do posicionamento nos comentários sobre a cena, escolha do melhor e pior comentário, justificando por meio de critérios. A segunda atividade também consistiu em um debate sobre uma cena polêmica e a distinção entre fato e opinião nas falas dos personagens, em seguida, conceituando os termos a partir das observações. Na terceira atividade, foram respondidas questões para correlacionar os fatos às opiniões e distingui-los, revisando os conceitos formados na atividade anterior. Na última atividade desta etapa, foi feita a leitura de um artigo de opinião e dos comentários postados sobre o tema do texto, em seguida, a escolha dos comentários que atendessem aos critérios propostos.</p> <p>Material: Datashow, vídeos, folha com os textos impressos e quadro branco.</p> <p>Duração: quatro aulas com duração de dois tempos.</p>

Fonte: A pesquisadora

Quadro 3 – Continuação das etapas

Etapas	Descrições/Materiais/Tempos de aula
4 - Estímulo à opinião escrita	<p>Consistiu em três atividades, duas delas de natureza metacognitiva. Na primeira, foi lida uma propaganda composta de um texto argumentativo para que fossem notados a estrutura, a opinião e os argumentos. Logo após, foram propostos alguns temas polêmicos para que deles fossem escolhidos dois para o debate. Os argumentos expostos foram anotados, organizados de acordo com o posicionamento, para que todos visualizassem. A segunda atividade consistiu na escrita opinativa sobre esses temas, expressando o posicionamento e usando pelo menos um argumento para embasá-lo. Já, na terceira, foi criado um grupo de discussão virtual, em uma rede social, para que fossem postados comentários sobre notícias veiculadas ali. Em outro momento, foram expostos alguns desses comentários para serem analisados a partir de questões que visavam avaliar a expressão do posicionamento e a argumentação. Ainda nessa atividade foi proposta mais uma postagem de comentários sobre outra notícia.</p> <p>Material: folha com a propaganda impressa e os comentários, quadro branco.</p> <p>Duração: quatro aulas com duração de dois tempos</p>
5 - Avaliação final	<p>A última etapa compreendeu duas atividades. Na primeira, foi feita a leitura de um texto e respondidas as questões com o objetivo de identificar o tema do texto e a opinião do autor. Também foi pedida a escrita de uma opinião sobre o tema do texto lido. Na segunda atividade, última da mediação didática, foram entregues aos alunos os textos diagnósticos e finais, corrigidos e comentados. Foram feitos, também, comentários sobre o desempenho geral das turmas nas atividades e sobre as expectativas e perspectivas dos alunos com relação a execução das tarefas.</p> <p>Material: Folhas com os textos dos alunos</p> <p>Duração: duas aulas com duração de dois tempos.</p>

Fonte: A pesquisadora

5 AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, serão descritas as atividades que compuseram a diagnose, as produções obtidas com a aplicação da mediação pedagógica e sua análise. Relatar-se-ão, também, os progressos e os obstáculos percebidos no decorrer do desenvolvimento da pesquisa.

5.1. Etapa 1: Preparação do ambiente

Para que fosse traçado um panorama que nos fizesse compreender o que os alunos pensam sobre o ato de opinar e como reagem às situações que exigem um posicionamento, foi realizada uma conversa informal com os participantes da pesquisa, durante a qual foram feitas as seguintes perguntas: Em quais situações vocês costumam opinar e se posicionar sobre um assunto? Quais dificuldades vocês tiveram para expor sua opinião e sustentá-la? O que vocês consideram a causa dessas dificuldades? Alguma vez vocês se lembraram da opinião dada e pensaram que poderiam ter se expressado melhor?

Os alunos apontaram o contexto familiar, o escolar e o círculo de amigos como os mais frequentes para a exposição de opinião. Ressaltaram, porém, que o contexto familiar é o que impõe maior dificuldade para opinar e, como causa, indicaram o fato de serem adolescentes, condição que não lhes atribui credibilidade, além de outras dificuldades também presentes no contexto escolar e de amigos, como a falta de um conhecimento aprofundado sobre o assunto, o embaraço em encontrar a palavra certa para se expressarem, não pensar com calma no momento e, por isso, não conseguir organizar as ideias.

Também foi questionado aos alunos sobre os posicionamentos em redes sociais e eles citaram o Facebook como a rede social de uso comum da maioria da turma. Sobre a exposição de opinião nessa rede social, afirmaram que costumam ler os comentários e gostam de fazê-lo, mas não comentam com a mesma frequência. Indagados sobre os motivos pelos quais se omitem em opinar, apontaram o medo de se exporem, já que a opinião pode ser lida por muitas pessoas; de serem ridicularizados ao serem contestados por quem discordar; e o receio de escreverem algo errado ou impertinente.

Essa conversa inicial foi importante para o pesquisador perceber que, mesmo em um contexto informal, de livre expressão, os alunos não se sentem seguros ou estimulados a opinarem por escrito. Diante disso, foi vista a necessidade de criar um contexto comunicativo

que os incentive a opinarem e a superarem os obstáculos apontados, ajudando-os a desenvolverem a habilidade argumentativa.

5.2. Etapa 2: Aplicação da diagnose e análise das respostas

Para as atividades diagnósticas, foi escolhido um artigo de opinião sobre a internação da cantora americana Demi Lovato após uma overdose (Anexo A), divulgado no site de notícias Huffpost Brasil, juntamente com os comentários sobre o fato motivador desse texto. Tal escolha foi feita por se tratar de uma cantora popular entre os adolescentes e por abordar um tema pertinente ao âmbito escolar: o vício em drogas. As questões propostas na diagnose (Apêndice A) foram respondidas por sessenta e cinco alunos e visaram identificar se o aluno conseguia reconhecer o tema do texto, a estratégia usada para embasar a opinião apresentada, distinguir o fato da opinião a partir de pistas textuais, reconhecer e apontar, nos comentários, os posicionamentos sobre uma afirmação feita, além de opinar sobre o assunto.

As questões propostas e os resultados obtidos que serviram de parâmetro para a elaboração da sequência didática foram os seguintes:

Quadro 4 – Questões da avaliação diagnóstica

Questões	Objetivos/Resultados
1 – Qual assunto foi abordado no texto a partir da notícia da internação da cantora Demi Lovato? () A importância da prevenção contra as drogas. () A necessidade de considerar o vício em entorpecentes uma doença crônica. () O escândalo do abuso de substâncias por artistas populares.	Com essa questão, pretendeu-se verificar se o aluno identificaria o assunto tratado no texto, expresso na segunda opção das alternativas. Embora as outras duas alternativas aludissem ao assunto geral (o consumo de drogas), não foram explicitadas no artigo. Dezenove alunos não identificaram o tema abordado no texto; confundiram-no com o assunto geral.
2 – Retorne ao texto e identifique um trecho que você considera ser a apresentação do fato. Indique-o, abaixo, escrevendo apenas o seu início e o fim.	Nessa questão, os alunos deveriam indicar a internação da cantora por overdose como o fato. No entanto, cinquenta e oito alunos não o indicaram. Nas respostas, escreveram os dados estatísticos, o trecho opinativo e a própria opinião sobre o texto ou o trecho.

Fonte: A pesquisadora

Quadro 5 – Continuação das questões

Questões	Objetivos/Resultados
<p>3 – O que há nesse trecho que te levou a entendê-lo como fato? Por que não pode ser considerado uma opinião?</p>	<p>O objetivo aqui foi permitir aos alunos que refletissem sobre a resposta dada à questão anterior, relacionando-a ao seu conhecimento sobre o que caracteriza um fato e o que o distingue de uma opinião. Quarenta e seis alunos não conseguiram relacioná-los. Inclusive, alguns alunos que responderam adequadamente à questão 2 não a justificaram corretamente nesta questão.</p>
<p>4 – Volte ao texto novamente e identifique um trecho que você considera ser uma opinião. Escreva aqui apenas o seu início e fim.</p>	<p>Nessa questão, os alunos deveriam identificar um trecho opinativo, dentre vários, do artigo. Dezesseis alunos não o identificaram; ao invés disso, opinaram sobre o texto.</p>
<p>5 – Nesse trecho, quais são as pistas que te levaram a entendê-lo como opinião? Por que você não o considerou um fato?</p>	<p>O objetivo aqui também foi permitir aos alunos que refletissem sobre a resposta dada à questão anterior, relacionando-a ao seu conhecimento sobre o que caracteriza uma opinião e o que a distingue de um fato. Embora a maioria tenha conseguido identificar na questão 4 um trecho opinativo, trinta alunos não conseguiram relacioná-los, ao invés disso, opinaram sobre o trecho.</p>
<p>6 – No texto, foram usados dados estatísticos para justificar a comparação do vício em entorpecentes a outras doenças crônicas. Considerando que a veracidade é essencial à informação divulgada, o que se pretendeu ao apresentar esses dados?</p>	<p>O intuito dessa questão foi averiguar se os alunos reconheceriam a apresentação de dados estatísticos como recurso para embasar a opinião emitida no texto. Trinta e cinco alunos não conseguiram reconhecer esse recurso.</p>
<p>7 – A autora afirma no 2º parágrafo que muitas pessoas julgam falha de caráter o vício e as recaídas. Leia os comentários sobre o texto, há algum que confirme essa afirmação? Indique a numeração desse(s) comentário(s).</p>	<p>Com essa questão, pretendeu-se verificar se o aluno conseguiria identificar, nos comentários postados pelos leitores do artigo, aqueles que concordavam com a afirmação da autora, no entanto, trinta e sete alunos não os identificaram.</p>

Fonte: A pesquisadora

Para melhor visualização desses resultados, foi elaborado o seguinte gráfico:

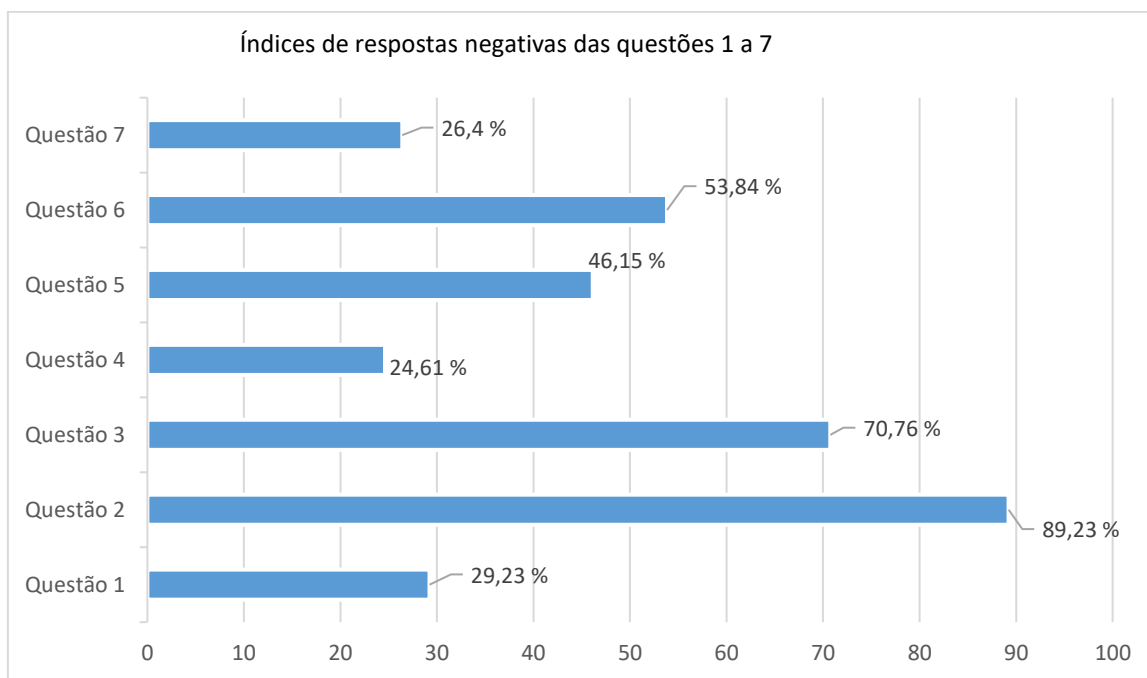


Gráfico 1: Respostas das questões 1 a 7

Para que uma opinião seja pertinente, algumas habilidades são necessárias como identificar o tema da discussão, o fato motivador, além de empregar uma estratégia argumentativa. Foi possível constatar, pelos índices apurados, que a maioria dos alunos (89,23%) não conseguiu identificar o fato motivador nem o justificar como fato (70,76%), confundindo-o com a opinião. Também houve dificuldade em reconhecer a estratégia argumentativa (53,84%). Tais resultados revelaram a necessidade de uma revisão sobre fato, opinião e argumento, já que esses conceitos são fundamentais para que os alunos discirnam os critérios de pertinência e embasamento na análise e na escrita das opiniões.

A questão 8, descrita a seguir, teve como propósito analisar a escrita opinativa do aluno para verificar suas principais dificuldades, assim como avaliar se as incorreções detectadas nas questões anteriores, dadas as suas proporções, se comprovariam nessas dificuldades.

Questão 8 – Agora é a sua vez de expressar sua opinião sobre o texto.

Cinquenta e nove alunos escreveram uma opinião sobre o texto, mas, para a coleta de dados dessa questão, serão considerados cinquenta e sete textos, pois foi constatado que dois alunos, ao invés de escreverem a própria opinião, copiaram a do colega.

O primeiro critério avaliado, nesses comentários (Anexo B), foi a adequação ao tema do texto. Verificou-se que, aproximadamente, em apenas um terço dos textos esse critério foi cumprido. Já no restante dos comentários houve desvios como fuga ou tangenciamento ao tema. O gráfico a seguir representa o resultado dessa análise.

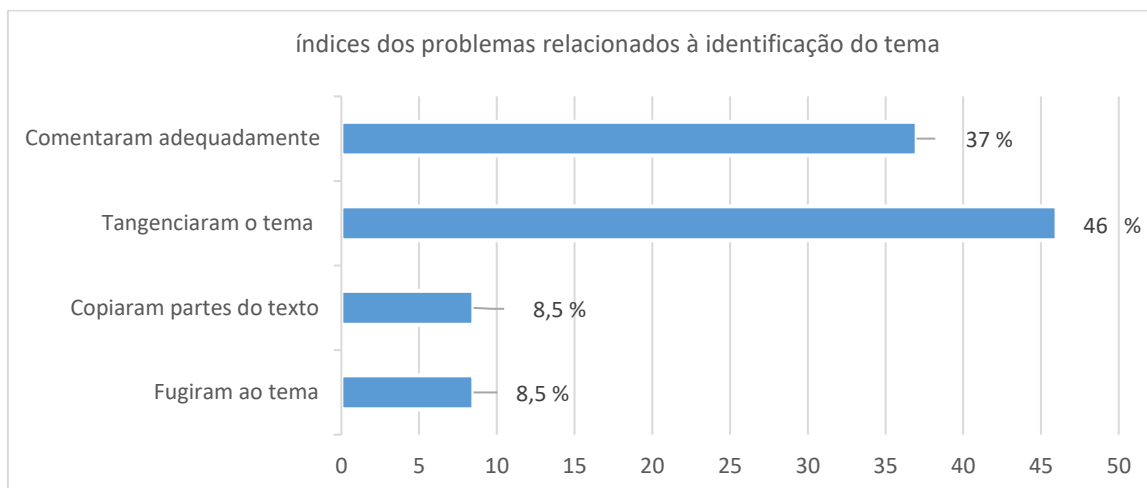


Gráfico 2: Problemas na identificação do tema

Ao comparar as respostas das questões anteriores às dificuldades encontradas nesta questão, constatou-se que os alunos, cujas opiniões eram adequadas ao tema do texto, haviam-no identificado corretamente na primeira questão. Já nos comentários em que ocorreram tangenciamento ou fuga do tema, não houve a identificação correta deste. Isso demonstra a necessidade de propor uma atividade na qual o aluno seja capacitado a distinguir o tema do assunto geral, tendo em vista que, sem identificar do que se trata a discussão, qualquer opinião emitida perderá seu efeito.

No que se refere ao embasamento da opinião, foram observadas algumas dificuldades. Entre as mais recorrentes estão a falha na argumentação por repetição do fato e a incongruência ou a falta de desenvolvimento nos argumentos por justificativa. Esse tipo de argumento foi o mais empregado, ainda que de maneira incipiente, na tentativa de estabelecer uma relação de causa e consequência para comprovar a opinião. Os textos abaixo exemplificam algumas dessas dificuldades:

Comentário I

Para mim são pessoas que não sabem curtir a vida e acabam estragando ela mais, doidos são que usa essa porcarias não sabem que faz mal? estão querendo

se matar, não sabem o quanto e horrível perde suas famílias ou sua casa, seu emprego ser tratados como indigentes. (Aluno W)

Comentário II

Ninguém sabe o que se passa na vida dela, não podemos julga-lá sem saber oque está acontecendo. Eu não apoio, mas também não julgo, Infelizmente isso acontece diversas vezes em diversos lugares (Aluno P)

Comentário III

Usar não te faz uma má pessoa, mas devido a tudo o que a substância te proporciona, as negatividades exposto a tudo isso. Realmente eu concordo com alguns comentários “Rico e doença”, pobre e vagabundo”. A sociedade julga pela ordem financeira do individuo, não pelo que realmente fez ou qual mentalidade a pessoa teve para chega onde chegou. Isso e um fato, as pessoas julga sem saber o fundamento da questão. (Aluno C)

O comentário I tangencia o assunto, pois aborda as consequências do uso das drogas, baseando-se no senso comum (*Para mim são pessoas que não sabem curtir a vida e acabam estragando ela mais*). A temática do texto, a necessidade de considerar o vício em entorpecentes uma doença crônica, foi ignorada pelo aluno, que se ateu a emitir juízos de valor sobre a conduta do usuário.

O comentário II é superficial, não aborda explicitamente o assunto (*Ninguém sabe o que se passa na vida dela, não podemos julga-lá sem saber oque está acontecendo*) e poderia ser usado para comentar qualquer texto cujo o tema fosse doença ou comportamento inadequado (*Eu não apoio, mas também não julgo, Infelizmente isso acontece diversas vezes em diversos lugares*).

O comentário III também tangencia o assunto, levantando outra questão relacionada ao poder aquisitivo (*“Rico e doença”, pobre e vagabundo”*). O artigo usa um fato, a internação da cantora Demi Lovato, para introduzir uma discussão sobre tratar o vício em drogas como uma doença crônica, sem levar em conta a classe social do dependente químico.

A partir dos resultados dessa avaliação diagnóstica, constatou-se que os alunos que conseguiram expressar suas opiniões por escrito, usaram marcas de posicionamento e engajamento e procuraram embasar sua opinião, justificando-a, ou seja, mesmo com algumas

insuficiências, mostraram-se capazes de estruturar um pequeno texto argumentativo. Tal verificação indicou a necessidade de elaborar uma sequência didática que considere esse conhecimento prévio e, além de estimular a opinião, aprimore sua escrita por meio de atividades que possibilitem aos alunos se posicionarem, de maneira consciente, sobre a discussão de um assunto e escolherem uma estratégia argumentativa para sustentar seu posicionamento. Com esse propósito, foram estipulados os seguintes objetivos a serem alcançados após a aplicação da sequência didática: 1. Instruir os alunos a identificar o tema da discussão, definindo-o por meio de pistas textuais e distinguindo-o do assunto geral; 2. Diferenciar fato de opinião; 3. Reconhecer e usar uma estratégia argumentativa para embasar sua opinião. Para o objetivo 3 não foi estipulado um argumento específico, uma vez que a expectativa é de que, no decorrer das atividades, o aluno aprimore a argumentação que já consegue empregar, por exemplo, a justificativa, constatada na diagnose; além disso, ao reconhecerem outros tipos de argumento, os alunos poderão experimentar algum deles.

Cabe esclarecer que, embora os textos tenham apresentado problemas relacionados à ortografia e às normas gramaticais, estes não serão levados em conta nesta pesquisa, ainda que tenham sido pontuados e esclarecidos, no decorrer das atividades, pelo professor-pesquisador.

5.3. Etapa 3: Estímulo à opinião oral

O objetivo desta etapa foi criar um contexto comunicativo no qual os alunos fossem estimulados a opinarem, oralmente, sobre temas de seu conhecimento ou interesse, usando o debate como estratégia e, a partir disso, compreendessem o conceito de fato, opinião e argumento. O debate em sala de aula é uma tarefa promissora para o desenvolvimento argumentativo do aluno, uma vez que ao ouvir a opinião do colega, concordando ou não com ele, poderá refletir sobre sua própria opinião acrescentando ou contestando os argumentos. Sob a ótica metacognitiva de Flavell (1979), esse tipo de atividade envolve principalmente o conhecimento da variável pessoa, ou seja, ao debater sobre um assunto o aluno se conscientiza de seu desempenho argumentativo e do desempenho do outro.

Com esse intuito, o primeiro recurso usado foi a apresentação de uma cena da novela Segundo Sol², transmitida pela Rede Globo, obtentora de grande audiência. Nessa cena, o personagem Roberval descobriu, minutos antes de subir ao altar, que sua noiva o traía. Para

² Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/6904367/>

se vingar, humilhou-a diante dos convidados, revelando publicamente sua traição durante a cerimônia. O episódio foi considerado polêmico, gerando vários comentários dos telespectadores, favoráveis e desfavoráveis à ação do personagem.

Após a apresentação do vídeo, foi solicitado aos alunos, em grupos compostos por até quatro componentes, que lessem os comentários feitos pelos telespectadores sobre a cena (Anexo C), separassem os que foram favoráveis dos desfavoráveis e escolhessem, segundo o consenso do grupo, o melhor e o pior comentário, justificando os critérios determinados pelo grupo para as suas escolhas.

Os grupos conseguiram identificar que, dos dez comentários, apenas dois concordaram com a ação, sete discordaram e um não se referia à cena, mas a problemas técnicos do site. No que se refere à qualidade, foram escolhidos pela maioria dos grupos os seguintes comentários:

O melhor:

Que cena horrível e depois que falar sobre a lei maria da penha isso so mostra que homem bate em mulher e so mostra o machismo dos homens.

Justificativas:

A opinião ficou clara quando usou o a palavra horrível.

Citou que querem falar sobre a Lei Maria da Penha que pune a agressão contra a mulher, mas mostra o homem agredindo a mulher.

Falou que a cena valorizou o machismo.

O pior:

Ainda foi pouco humilhada espero que ele faça o restaurante dela falir.

Justificativas:

Essa opinião só mostra mais ódio.

Demonstra um sentimento de vingança, como se fosse com ele.

Não houve dificuldade para que os alunos identificassem o posicionamento dos telespectadores nos comentários. Para que fosse destacado apenas um comentário para cada avaliação, os alunos precisaram definir e discutir, entre si, os próprios critérios para a seleção e destacar os pontos fortes de cada comentário, incentivando-os, dessa forma, à reflexão sobre o que foi escrito e à argumentação baseada nessa reflexão. O segundo recurso para estimular o debate e revisar a distinção entre fato e opinião foi a apresentação de um episódio da novela *Malhação: viva a diferença*³. Essa escolha foi bem recebida pelos alunos, pois é um programa

³ Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/6226926/programa/?s=06m46s>

a que eles costumam assistir. Após a apresentação, foi pedido aos alunos que identificassem o fato principal do episódio, já que o mesmo também é composto por outros acontecimentos simultâneos, mas de menor relevância. Todos identificaram como fato a cena na qual uma aluna negra, bolsista, passa por um trote em que lhe jogam farinha de trigo, deixando-a toda branca. Também foi pedido que eles destacassem algumas opiniões emitidas pelos personagens sobre o tema da cena. Alguns alunos destacaram duas falas que constatavam o fato (*É que, às vezes, eles pegam pra Cristo e fazem isso, Jogaram farinha, ovo, sei lá o que... ninguém machucou a menina*) demonstrando que ainda não haviam compreendido a distinção entre fato e opinião. No entanto, a maioria conseguiu indicar as seguintes frases ditas pelos personagens da novela (identificados entre parênteses), que representam uma opinião:

I - “Eles não teriam feito isso se eu fosse branca” (Ellen);

II - “Um negro sempre sabe quando tem racismo” (das Dores);

III - “Foi apenas uma brincadeira” (Malu);

IV - “Essas minorias reclamam de qualquer coisa” (Edgar).

A partir disso, foi pedido que eles debatessem o tema abordado no episódio: Foi racismo? Também comentassem oralmente, individualmente, as opiniões emitidas pelos personagens, dizendo se concordavam ou não, justificando suas respostas a partir de indícios da cena.

O resultado do debate foi satisfatório, pois os alunos participaram, se posicionando sobre o tema. Todos concordaram que o ato foi racista. Alguns alunos conseguiram embasar a opinião, usando como estratégia os indícios da cena e exemplos do cotidiano. Ao final do debate foi feito um resumo das opiniões e dos argumentos.

Tema: Foi racismo?

Posicionamento: Sim

Opiniões dos alunos sobre o tema:

Pobre e negra estudando no colégio de rico sempre vai ter racismo.

Eles não eram amigas, então não foi trote, foi racismo.

Elas jogaram farinha branca pra deixá-la branca.

Eles fazem isso quando é aniversário, mas não era aniversário dela. E eles não fizeram isso com outros alunos novos.

Opiniões dos alunos sobre as falas destacadas dos personagens:

Fala I

Acho que se fosse branca e pobre, teriam feito a mesma coisa, mas com ovo.

Não seria racismo, ia ser bullying por ela ser bolsista.

Fala II

Nem sempre. Às vezes, a pessoa acha que qualquer coisa é racismo, porque ela é negra. Por exemplo, se a menina é antipática, e alguém não gostar dela vai dizer que é por causa da cor.

Sim. A pessoa percebe no olhar, nas piadinhas.

Fala III

Sempre que alguém é racista, diz que foi brincadeira pra se desculpar.

Não é brincadeira se ofende a pessoa.

Fala IV

Hoje os negros cobram mais os seus diretos, não aceitam as coisas calados.

Não é que reclamam de qualquer coisa; a pessoa tem voz, tem como cobrar, denunciar.

Ao finalizar o debate, foi pedido aos alunos que conceituassem fato e opinião ou indicassem as suas características a partir do que foi observado e entendido. Foram dados os seguintes conceitos/características:

Fato:

A observação de alguma coisa que aconteceu;

Quando se diz o que ocorreu, por que ocorreu e como ocorreu;

Algo que não depende do que a pessoa acha, porque aconteceu e não tem como mudar.

Opinião:

O que se pensa sobre o que aconteceu;

O julgamento pessoal sobre o fato;

O uso de palavras para avaliar as coisas, pessoas, ações;

A expressão do ponto de vista sobre o fato.

Para finalizar a revisão sobre a diferença entre fato e opinião, os alunos responderam os seguintes exercícios⁴ (Apêndice B).

⁴ Estes exercícios foram adaptados do Caderno de Atividades Pedagógicas de Aprendizagem Autorregulada disponível em canalseeduc1.hospedagemdesites.ws/aplicativo1/images/.../9ano_pt_1bim.pdf

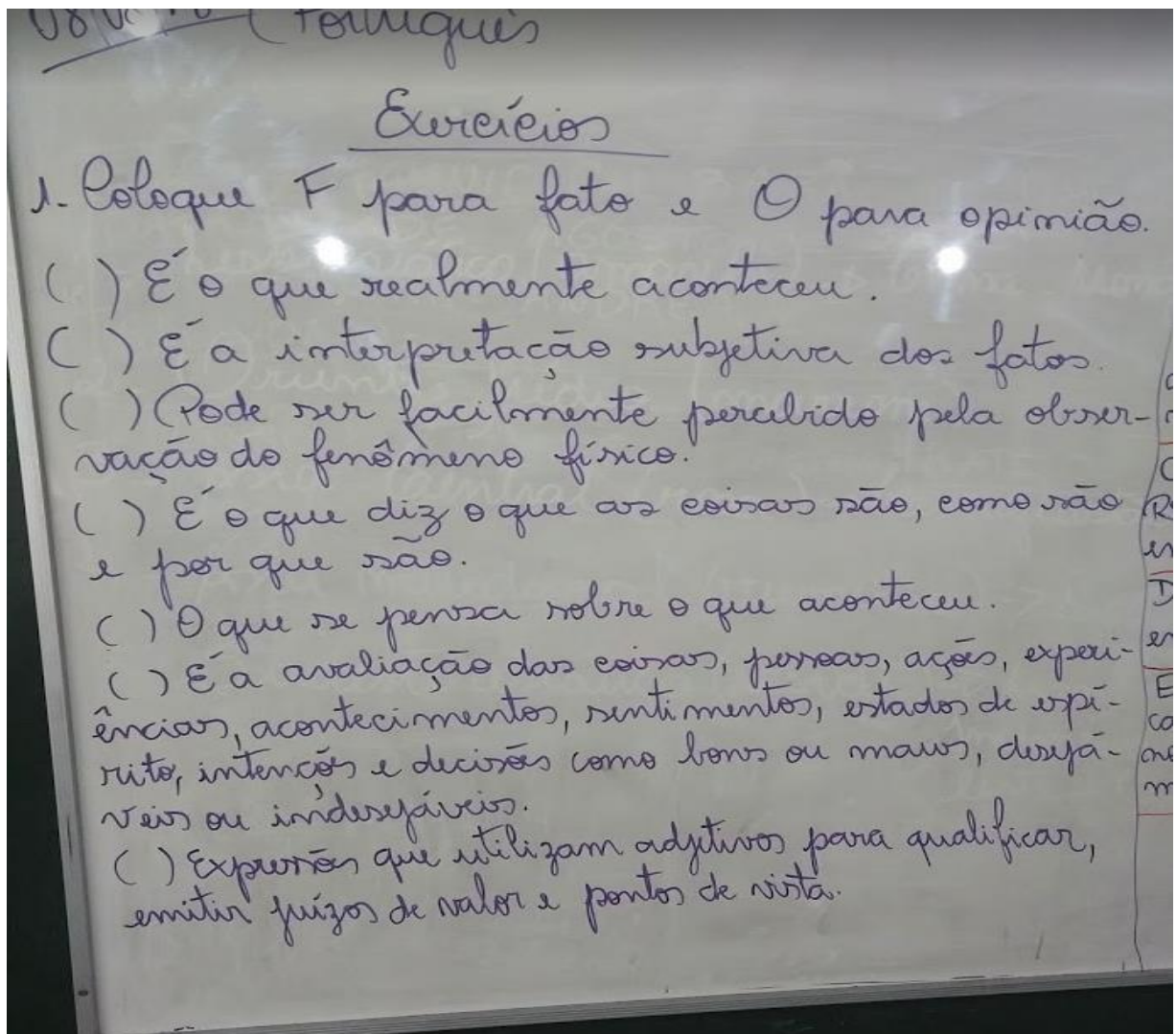


Figura 2: Exercícios de revisão sobre fato e opinião

do 2- Relacione o fato à opinião correspondente.

Fato	Opinião
A. Peregrinos reprovaram preços e criticaram pontos no Rio	() Não vejo por que ficar mais exigente, vou ao mercado e compro qualquer um, café é tudo igual.
B. Torcedores dos gramados do Rio celebram volta ao Maracanã.	() Ah, foi uma confusão geral! Não conseguia andar. A rua estava cheia de manifestantes.
C. Juliana Paes paga R\$ 700 pela diária em maternidade	() Estava lindo o estádio! Todo mundo vibrando e feliz com a reabertura dele. Emocionante!
D. Parxata pela paz em Belford Roxo	() Eu não sou de ver esse tipo de brumadeira, mas dessa vez foi muito bom!
E. Financiamento de curso de passeio para no bolso do consumidor.	() Nunca vi ser tão caro ter um filho. O meu teve no hospital público e foi tudo bem.
F. Consumo de café cresceu e aumenta também a exigência	() Concordo com eles, todo dia eu pego o ônibus lotado, vou em pé e cansada. E o preço continua subindo...
G. Pegadinha do lobisomem vira sucesso na internet.	() Ainda continuo tentando comprar meu carro. Está difícil, mas um dia eu chego lá.

Figura 3: Exercícios de correlação entre fato e opinião

Durante a correção, foi pedido que os alunos verificassem se os conceitos/características dados anteriormente por eles se confirmaram nas respostas desses exercícios.

O terceiro recurso foi a leitura do artigo de opinião “Foi só o bullying?” (Anexo D) sobre o atentado cometido por um adolescente em uma escola, no estado de Goiás. O artigo discute sobre o bullying ter sido considerado o único fator desencadeador desse fato.

Após a leitura, foi solicitado aos alunos que identificassem o fato motivador do texto, o tema e a opinião do autor. Todos os alunos conseguiram apontar o atentado como o fato. Alguns ainda apresentaram dificuldade em distinguir o tema abordado no texto, respondendo

apenas que falava sobre bullying, mas a maioria conseguiu identificar que o tema era discutir se o bullying seria o único motivo para o atentado. Ao serem questionados sobre as pistas textuais que comprovam isso, destacaram a expressão “só” (indicando apenas, somente) no título; os trechos “Mas daí a inferir que o bullying gerou a morte dos alunos em Goiás é uma explicação muito simplista” e “Sendo apenas um gatilho, precisamos olhar para algumas outras coisas.” Todos concordaram que a opinião do autor foi contrária a considerar o bullying como o principal fator desencadeador do atentado.

Por fim, foram apresentados aos alunos os comentários feitos pelos leitores do artigo (Anexo E) e foi-lhes solicitado que, em dupla, lessem e escolhessem aqueles que atendessem aos seguintes critérios: correspondência com o tema do texto; clareza na opinião; e argumentação coerente. Após a escolha, tiveram de justificar destacando nos comentários os critérios indicados.

Os comentários escolhidos foram:

Comentário I

Em nenhum lugar foi relatado que o bullying é gerador de homicídios”, Alguem ta precisando estudar mais os massacres nas escolas e universidades dos EUA. Eu acho que o bulling foi um empurrão “necessário”, desestabilizando o mundo interno do garoto a ponto dele cogitar e planejar o massacre. Agora, eu li na veja que o garoto frequentaria certos sites e teria ficado com a mente intoxicada com ideias nazi-fascistas, como achar que o holocausto trouxe benefícios ao mundo, ou usando “Adolf” como handler no Skype. O caso dele não é tão simples a ponto de dizer que bulling explica tudo, mas não dá para desmerecer também.

Comentário II

Creio que o problema é que as pessoas reagem de forma diferente aos acontecimentos... O bullying sempre gera cicatrizes profundas. Imagine ser chingado diariamente: alguns acabam se matando, outros reagem de outra forma e acabando matando pessoas... a humilhação é raiz do ódio

Comentário III

Por outro lado, se ele não sofresse o bullying isso não teria acontecido. Só não ocorre essa reação mais vezes porque aquele sofre o bullying não tem coragem e/ou meios para reagir.

No comentário I, os alunos apontaram a estratégia de copiar uma frase do texto para

refutá-la (*Em nenhum lugar foi relatado que o bullying é gerador de homicídios/Alguem ta precisando estudar mais os massacres...*), deixando evidente a opinião do autor de que o bullying desestabilizou o estudante e o induziu a cometer o atentado. Além disso, citou o seu comportamento controverso exposto na revista *Veja* a fim de provar que se tratava de algo complexo. A finalização do comentário também foi notada positivamente, pois deixou clara a contra argumentação desenvolvida.

No comentário II, os alunos destacaram a frase *Imagine ser chingado diariamente* como uma forma de fazer com que as pessoas se coloquem no lugar de quem sofre bullying para entender o sentimento que isso gera na vítima, desencadeando reações diferentes, suicídio ou assassinato. Também foi destacada a frase final *a humilhação é raiz do ódio* por motivar a reflexão sobre a consequência da humilhação sofrida.

Já no comentário III, eles destacaram o período iniciado pelo articulador textual *Por outro lado* por contestar o argumento usado pelo autor de que o bullying foi um *mero gatilho*, e o período seguinte por contra argumentar a afirmação de que, se o bullying fosse o motivo de tiroteios, haveriam muito mais ocorrências. Segundo o autor do comentário, isso só não ocorre porque falta à vítima meios ou coragem para realiza-los.

As atividades desta etapa foram elaboradas para que os alunos as executassem de maneira consciente, ou seja, não apenas atendessem a proposta, mas refletissem sobre o processo. Quando se propôs a leitura das opiniões dos telespectadores ou leitores, para que, a partir dos critérios decididos por eles próprios, escolhessem e comentassem as melhores e as piores, propiciou-lhes a oportunidade de avaliarem as estratégias usadas para defender um posicionamento. Essa apreciação sobre a escrita do outro é importante para que sintetizem para si próprios as características de um texto opinativo pertinente. Como afirma Monereo (1994), ao citar um dos princípios que norteiam uma didática metacognitiva:

Ensinar aos estudantes a estabelecer com eles mesmos um diálogo consciente quando aprendem, ajudando-lhes a ser prepositivos, a entrar nas intenções dos outros para ajustar-se melhor a suas expectativas e demandas, a ativar seus conhecimentos prévios sobre os conteúdos tratados, de forma que conseguissem elaborar relações substanciais com a nova informação, conquistando um aprendizado mais significativo. (p. 7)

Dessa forma, não se partiu da apresentação de um conceito a ser assimilado, mas de atividades contextualizadas que estimularam por meio do debate a formulação e compreensão dos conceitos de fato, opinião e argumento.

5.4. Etapa 4: Estímulo à opinião escrita

O objetivo desta etapa foi estimular na opinião escrita a aplicação das habilidades trabalhadas e desenvolvidas na etapa anterior. Embora o foco desta pesquisa seja o desenvolvimento da escrita argumentativa, defende-se que o seu estímulo deve ser iniciado na opinião oral, já que o aluno, como qualquer usuário da língua, expressa naturalmente na oralidade seu posicionamento embasado por convicções, experiências ou vivências que o norteiam antes mesmo de usar a escrita. Desse modo, as duas modalidades de emitir uma opinião não são vistas como práticas isoladas, que correspondem a processos cognitivos distintos, mas como ações que se inter-relacionam em determinados contextos comunicativos. Por isso, ainda nesta etapa, as atividades escritas foram precedidas de atividades orais.

Sob esse ponto de vista, foi escolhido o contexto comunicativo das redes sociais para que os alunos expressassem por escrito suas opiniões. Tal escolha foi devido à correlação entre a opinião oral e a opinião escrita em postagens de comentários nas redes sociais, já que ambas pressupõem um grau de formalidade menor e uma estrutura textual mais curta e menos complexa.

A primeira atividade consistiu na leitura de uma propaganda do jornal Folha de São Paulo (Anexo F), cujo texto argumentativo, transcrito abaixo, foi utilizado para que os alunos identificassem em sua estrutura o posicionamento, a opinião e a justificativa para comprová-la. Também foi mostrada a organização das ideias no texto: a declaração no primeiro período, seguida do argumento, justificando o posicionamento por relação de causa e consequência, e da conclusão, ratificando o ponto de vista. Além disso, foi observada a contra argumentação no último período como uma estratégia persuasiva.

A escolha desse texto se deu por apresentar uma estrutura argumentativa menos complexa, semelhante à estrutura que alguns alunos apresentaram no texto escrito na diagnose.

A Folha é contra o voto obrigatório. Eu não

O voto é um direito do cidadão, e não um dever. Sua obrigatoriedade revela uma faceta autoritária da política brasileira e torna a ida às urnas um mero cumprimento da lei, e não um ato de consciência.

Por essa razão, os candidatos sentem-se menos comprometidos com o eleitor. Essa é a posição da Folha.

Concordando ou não, siga a Folha, porque ela tem suas posições, mas sempre publica opiniões divergentes.

Folha de São Paulo

Como a pesquisa foi realizada durante o período eleitoral e a temática desse texto trata de um assunto polêmico, a obrigatoriedade do voto, foi pedido que os alunos comentassem o argumento do texto que, parafraseado, afirma que o voto obrigatório estimula os eleitores a votarem sem responsabilidade. Os alunos que concordaram com o texto citaram exemplos como a troca do voto por benefícios e a anulação do voto, já que, segundo eles, é uma prova de que a pessoa não votou, só marcou a presença. Os que discordaram, argumentaram que, se não for obrigatório, ninguém vai votar.

A segunda atividade consistiu em que os alunos propusessem temas polêmicos para serem discutidos. Esse tipo de debate é importante para estimular a argumentação, já que ao ouvir opiniões divergentes, normalmente suscitadas por temas polêmicos, é natural que se pense em contra argumentos para ratificar o ponto de vista defendido.

Após uma votação, foram escolhidos os dois temas mais votados por eles: Legalização do aborto e Justiça com as próprias mãos. Foi pedido que eles pesquisassem sobre os temas em casa, a fim de debaterem na aula seguinte.

Na aula estabelecida para o debate, a turma foi dividida em dois grandes grupos conforme o posicionamento sobre o tema sugerido, de um lado da sala os que eram contra e do outro os que eram a favor. Depois, foi pedido a cada parte que expusesse seus argumentos, sendo anotados no quadro e organizados em prós e contras (Apêndice C), para que todos visualizassem.

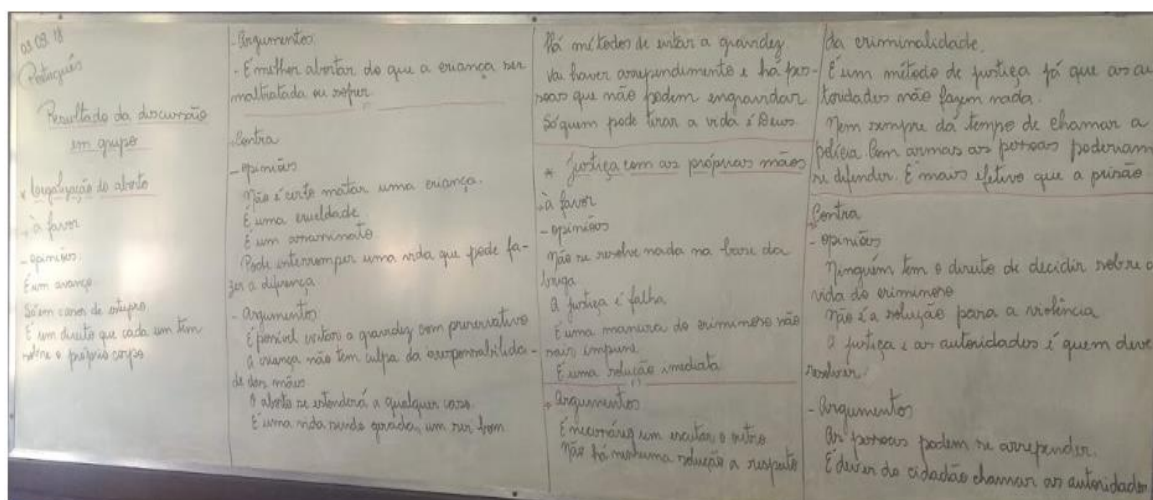


Figura 4: Exposição dos argumentos dos alunos

Em seguida foi solicitado que se reunissem em grupos, respeitando o posicionamento tomado em relação ao tema, e que cada grupo escolhesse um argumento contrário ao seu posicionamento, contestando-o.

Para finalizar essa atividade, após a discussão, os alunos formaram duplas para escreverem sua opinião sobre cada tema, deixando claro o posicionamento e usando pelo menos um argumento para embasá-la. Foram produzidos quatorze textos (Anexo G) sobre cada tema.

Embora o objetivo dessa dinâmica tenha sido o estímulo à contra argumentação, não houve a expectativa de que todos alunos desenvolvessem satisfatoriamente essa habilidade em pouco tempo de prática, já que se trata de uma estratégia argumentativa mais complexa, necessitando de mais atividades para ser trabalhada. Entretanto, a dinâmica foi avaliada exitosa apenas por sua presença nos textos produzidos, ainda que apresentasse algum problema estrutural ou de coerência.

Para exemplificar o resultado do debate, foram transcritos e analisados os seguintes textos:

Tema: Legalização do aborto

Posicionamento: A favor

Texto 1

A favor em casos de estupro porque a menina não pode carregar o peso de ter um filho tão cedo e perder sua infância tudo por conta de um estupro no qual ela não tem culpa. Tem outra maneira de ela entregar a criança a adoção, mas eu acho muito arriscado ela permanecer a gravidez, pois tipo vou dar um exemplo, “Uma menina de 11 anos é estuprada e ela engravida”, é um risco muito grande, ela pode até morrer pelo fato de não ter nem útero formado direito.

Texto 2

A legalização é um avanço na sociedade brasileira. Pode mudar a vida de muitas pessoas. Porque eu acho melhor abortar do que ele nascer e se maltratado, do que a criança nascer sofrendo. Alguma mulher pode ser estuprada e não queira ficar com a criança.

Nesses textos favoráveis à legalização do aborto, nota-se, no Texto 1, a presença do argumento contrário “*Tem outra maneira de ela entregar a criança a adoção*”, usado pelos opositores ao aborto, uma vez que, ao invés de interromper a gravidez para não ficar com a criança, poderia entregá-la à adoção. Logo em seguida, a dupla contra argumenta, usando uma ilustração para fundamentar o seu posicionamento “*Uma menina de 11 anos é estuprada e ela engravida*”, é um risco muito grande, ela pode até morrer pelo fato de não ter nem útero formado direito. Nesse caso o prosseguimento da gravidez colocaria em risco a vida da gestante. No texto 2, há uma declaração que deixa claro o ponto de vista assumido *A legalização e um avanço na sociedade brasileira*. Mesmo havendo problemas na organização e lacunas no desenvolvimento dos argumentos, percebe-se a intenção de explicar o que significaria esse avanço: menos crianças maltratadas e mulheres obrigadas a gerar crianças que são consequência da violência.

Posicionamento: Contra

Texto 1

Bom, independente se a mulher foi estuprada ou não acho certo ela abortar, ate porque a criança não tem culpa de nada, aborto para mim é crime eu não apoio a legalização do aborto. Chegamos a essa opinião porque achamos que a criança não mereci isso, até porque é inocente. E dependente de tudo não pediu para vim ao mundo, mais também não pediu para morrer.

Texto 2

É fundamental observar que em países desenvolvidos e ricos como a França e Argentina já legalizaram o aborto, em um país democrático é de muita importância o poder de escolher, e da livre opinião. Em nossa opinião achamos que o aborto é errado pelo fato da morte de um inocente, e caso não tenha a capacidade da criação de uma criança, temos várias opções, como o orfanato.

Nesses textos contrários ao tema, também aparece a contra argumentação. No texto 1, a dupla 3 inicia com o argumento sobre o estupro, usado por muitas pessoas como a única situação que fundamenta o direito ao aborto. O uso do termo *independente* já indica o posicionamento contrário, explicado em seguida. Já no Texto 2, é citado o argumento de que *em um país democrático é de muita importância o poder de escolher, e da livre opinião,*

depois de ter dado como exemplo a França como um país rico e desenvolvido, onde o aborto é legalizado. Apesar de ter cometido um equívoco ao incluir a Argentina no exemplo e haver problemas de coesão entre os dois períodos do texto, é possível notar um raciocínio mais elaborado na argumentação.

Tema: Justiça com as próprias mãos

Posicionamento: A favor

Texto 1

Eu sei que ninguém pode tirar a vida de alguém, mas realmente o cara rouba um trabalhador que lutou para ter aquilo, e vem um trombadinha menor de idade ainda por cima, vai e rouba um pai de família, isso é um absurdo, eu sou favor de justiça com as próprias mãos sim, se ele rouba pode muito bem apanhar e muito bem morrer.

Texto 2

Minha opinião é que deve sim ter justiça com as próprias mãos. Porque se roubou te que ser punido. O cara assalta vai preso e não acontece nada depois de algum tempo estar solto assaltando de novo. Por isso sou a favor da justiça com as próprias mãos.

No texto 1, é apresentado um argumento muito usado por quem é contra a qualquer punição violenta *eu sei que ninguém pode tirar a vida de alguém*. Em seguida, iniciado por uma conjunção adversativa, o contra argumento é desenvolvido por uma ilustração e concluído, reafirmando o posicionamento assumido. No texto 2, a opinião favorável ao tema é fundamentada por justificativa e por exemplificação.

Posicionamento: Contra

Texto 1

Certamente a justiça com as próprias mãos não é o mais recomendável pelas pessoas, pois em muitos casos as “justiças feitas” não são certas. Como casos em que pessoas inocentes são presas por um crime que não cometeram, ou pessoas morrem e nada é feito pra colocar a dignidade dessas pessoas de pé.

Fazer justiça com as próprias mãos significa necessariamente fazer um crime, há formas de buscar essa justiça não atendida, como protestos. É um caso à pensar.

Texto 2

Somos contra pois existe a justiça do homem para arca com a defesa da sociedade. Pois nosso deve como cidadão não e licho e nem julgar ninguém, de modo que temos as autoridades específicas para cada assunto a ser tratado. Se fizermos a justiça com nossas próprias mãos, isto pode acaba gerando uma certa rivalidade ou até mesmo um sentimento de raiva, ódio e vingança, uma vez que agimos sem pensa na hora da raiva ou até mesmo de cabeça quente fazemos coisas que futuramente possamos nos arrepender.

Nesses textos, o posicionamento é explicitado e justificado. O desenvolvimento nos períodos seguintes é coerente com a declaração inicial. No primeiro texto é explicado o porquê desse tipo de justiça “não ser certa”, já que há possibilidade de equívocos, e isso acarretaria em uma possível criminalização ou morte de um inocente. No segundo texto, é explicado o que um cidadão deve fazer, uma vez que já existe uma justiça estabelecida para a sociedade.

A terceira atividade foi criação de um grupo de discussão, nomeado pelos alunos de “Eu quero comentar”, na rede social Facebook, já que esta era a rede de comum acesso dos alunos. O grupo foi criado na página da professora, e os alunos participantes da pesquisa foram adicionados. Para que o objetivo do grupo e das discussões fosse alcançado, foram estabelecidas algumas regras: só a professora poderia postar os assuntos para a discussão; a postagem seria feita aos domingos para que fosse comentada durante a semana; não seriam permitidos comentários ofensivos sobre o posicionamento do colega e nem pejorativos sobre os desvios gramaticais de qualquer natureza.

A finalidade de criar esse grupo de discussão em um ambiente virtual foi de proporcionar aos alunos, ainda que em um ambiente monitorado e com uma intenção pedagógica, a oportunidade de se expressarem por escrito fora do contexto formal da sala de aula. Também, como já foi dito, pelo fato de que nesse contexto a linguagem da opinião escrita é mais próxima à da opinião oral. Desse modo, poderiam opinar em uma situação comunicativa compatível com a realidade deles, isto é, de maneira menos artificial. Foram feitas, então, duas postagens para estimulá-los a escreverem suas opiniões.

A primeira postagem foi sobre uma notícia intitulada “Esta 'piada' do comediante Rodrigo Fernandes levantou um novo debate sobre o que é racismo” (Anexo H), envolvendo o comediante Rodrigo Fernandes, que comparou Jade Smith, filho do ator americano Will Smith, a um flanelinha. Tal comparação foi feita devido a uma foto em que pai e filho tiraram na final da Copa Mundial de Futebol, realizada na Rússia. Dezoito alunos postaram um total de trinta e um comentários sobre o fato (Anexo I), exprimindo a própria opinião e comentando a opinião do colega. Os textos produzidos nessa atividade foram usados na análise comparativa, descrita no próximo capítulo.

Na aula seguinte, foram exibidos quatro desses comentários (J) postados por eles, para que lessem e respondessem as questões propostas no quadro (Apêndice D). Essas questões foram elaboradas para que os alunos, individualmente, pudessem reconhecer nos comentários a influência dos elementos visuais e textuais do fato noticiado no posicionamento expresso na opinião e na sua sustentação. A maioria das respostas foi satisfatória, mesmo havendo alguns casos negativos, principalmente de alunos que não participaram efetivamente das etapas anteriores. Para o melhor entendimento dessa atividade, seguem as transcrições de algumas respostas.

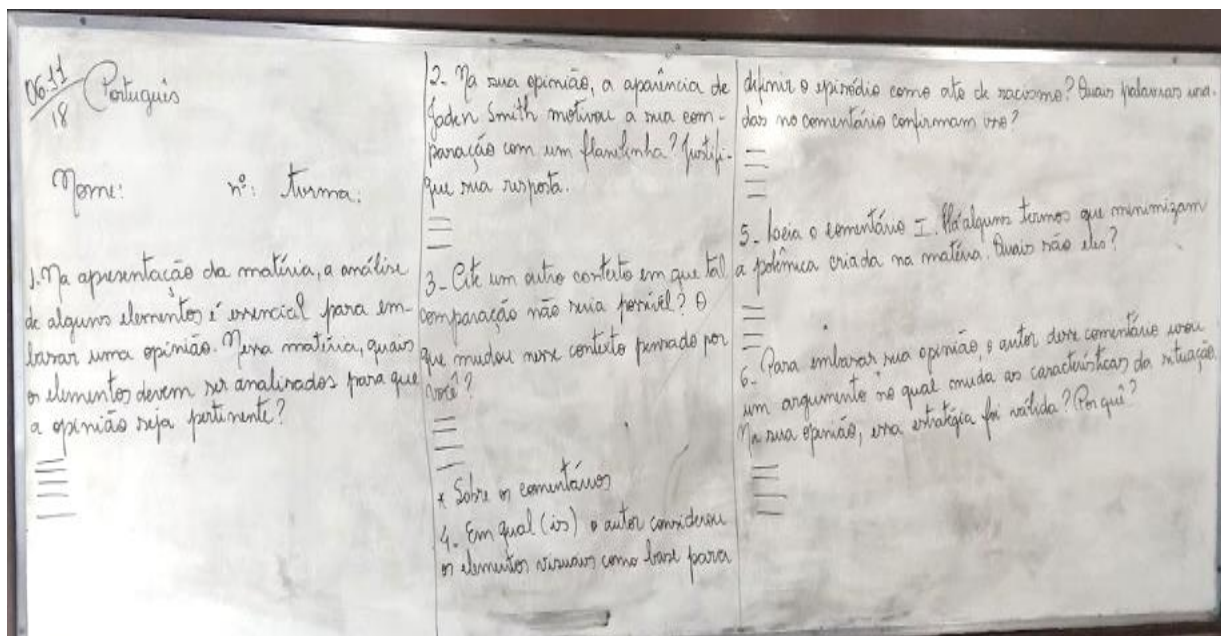


Figura 5: Exercícios de reconhecimento dos elementos estudados

Questão 1

A aparência do filho do Will Smith, as roupas dele, o cabelo dele e a cor da pele
A roupa, o local, a aparência, o gesto na foto e o cabelo.

Questão 2

Sim, pelo fato de sua cor negra e pela veste que vestia, também porque a sociedade de hoje ela é preconceituosa e pela sua aparência.

Sim, motivou ele a fazer essa “piada” só porque ele é negro e tem um estilo diferente.

Questão 3

Se fosse uma pessoa de pele cor clara (branca), com roupas mais “arrumadas”.

Se ele fosse branco mesmo sendo pobre ou rico não teria essa comparação.

(Aluno 6)

Questão 4

Comentários II, IV e V. “achei um ato de racismo sim, comparou o Jaden Com um pedinte”; “infelizmente a sociedade vê isso como uma criança sem casa”; “Esse comentário que ele fez querendo transformar em piada, acaba refletindo no dia a dia das pessoas”

Questão 5

“Só”, “Se fosse um branco”, “Quanto drama”

Questão 6

Sim, pois “a piada” foi considerada como racista apenas por Jaden ser negro, caso não fosse, seria apenas mais uma piada sem graça.

Não. Porque ele apenas defendeu o autor do crime.

Para finalizar, as questões e as respostas foram discutidas oralmente a fim de que os alunos avaliassem se suas respostas foram condizentes. Foi pedido também que relessem os seus comentários e observassem os mesmos apontamentos feito por eles na correção oral. Essa tarefa permitiu que eles revissem as próprias opiniões e verificassem algumas inadequações tais como associar o termo flanelinha ao termo pedinte ou mendigo e entender literalmente a piada feita pelo humorista.

A segunda postagem foi uma notícia publicada no jornal O Dia sobre a morte de uma jovem microempresária após um procedimento estético (Anexo K). Os alunos foram orientados a opinarem sobre o limite e os perigos da vaidade. Essa postagem foi comentada

por dezesseis alunos. Esses textos (Anexo L) também foram utilizados para a análise comparativa, descrita no próximo capítulo.

Inicialmente, no planejamento dessa etapa, estavam previstas mais duas aulas, que seriam destinadas à reescrita dos comentários postados pelos alunos no grupo de discussão. A intenção era de que, após a análise oral, os alunos pudessem rever em seus textos suas estratégias argumentativas e avaliar se consideraram os elementos visuais e textuais para formular e fundamentar a opinião, e se isso gerou um argumento coerente. No entanto, não foi possível realizar essa atividade de natureza metacognitiva devido a alguns problemas na rede de ensino que acarretaram em redução do período de aula e na antecipação do calendário das provas do 4º bimestre. Outro fator que teve de ser considerado para a finalização das atividades, foi o modelo único de prova para cada dia de aplicação, constituído por questões de múltipla escolha, de duas ou três disciplinas diferentes.

Diante dessa situação, foi necessário adequar a dinâmica da sequência didática com o propósito de que os alunos tivessem a oportunidade de redigir mais um texto opinativo, propôs-se, então, um tema para que os alunos opinassem por escrito, tendo como base o texto usado para interpretação na prova final.

5.5. Etapa Final: Avaliação final

Esta última etapa teve como objetivo avaliar o resultado das atividades executadas na escrita opinativa dos alunos. Para isso, foram incluídas 3 questões na prova de avaliação bimestral com o intuito de avaliar se os objetivos traçados após a diagnose foram alcançados. Duas dessas questões serviram para examinar se os alunos passaram a identificar o tema do texto e a distinguir fato de opinião. A outra questão foi elaborada para que eles escrevessem uma opinião sobre o tema sugerido. Os textos produzidos nesta questão (Anexo K) também serviram para a análise comparativa no próximo capítulo.

Estas foram as 3 questões analisadas na prova final:

1 – Qual o tema abordado no texto?

Nesta questão, o aluno deveria identificar que o tema tratava sobre o uso excessivo do celular, distinguindo-o do título “Geração celular” e do assunto geral, o uso do celular.

2 – Há uma opinião da autora em...

a) “O uso do celular é considerado atualmente o maior entretenimento dos brasileiros...”

- b) “Adultos chegam do trabalho já vão conferir as últimas atualizações dos aplicativos de relacionamentos...”
- c) “Acredito que as redes sociais foram criadas para que nós tivéssemos mais contato com as pessoas...”
- d) “... especialistas confirmam que as pessoas estão viciadas.”

Ao ler as alternativas desta questão, o aluno deveria reconhecer na alternativa c a opinião da autora, evidenciada pelo uso do verbo acreditar na 1ª pessoa.

Na diagnose, as questões que verificaram essas habilidades foram 1 e 4 e tiveram como resultado de respostas erradas o percentual de 29,23% (não reconheceram o tema) e de 24,61% (não distinguiram fato de opinião). Na avaliação final, esse resultado negativo foi reduzido para 12,06% e 6,89%, respectivamente. Isso comprova que a estratégia de natureza metacognitiva empregada na etapa oral mostrou-se eficaz.

3 – Expresse sua opinião sobre o uso excessivo do celular. Afastou ou aproximou as pessoas? Como você vê a facilidade de comunicação nos dias atuais por meio desse aparelho? Use um ou mais argumentos para sustentar sua opinião.

Nessa questão, foi oportunizado ao aluno que redigisse o último texto opinativo para que junto com os outros produzidos na etapa escrita da sequência fosse usado na análise de dados.

Na última aula da mediação pedagógica, que coincidiu com a aula de recuperação, foram entregues aos alunos os textos da diagnose com as questões comentadas e com as anotações sobre os problemas encontrados no texto opinativo. Também foi entregue a prova final, em que foram incluídas essas 3 questões, com as anotações dos objetivos alcançados no texto como também do que precisa ser melhorado. Além disso, foi dado um parecer geral sobre o desempenho das turmas no decorrer das atividades e perguntado aos alunos sobre o sentimento deles quanto às tarefas executadas e o resultado delas nas dificuldades apontadas por eles na conversa informal que iniciou a sequência didática. Essa apreciação é importante para que os alunos, ao explicitarem o que eles aprenderam e em que ainda sentem dificuldade, desenvolvam a metacognição. Também é importante para que professor compare esse sentimento com os resultados obtidos, a fim de verificar quais estratégias se mostraram eficazes e quais precisam ser reformuladas.

6 ANÁLISE DOS TEXTOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS

Neste capítulo, será analisado o efeito da mediação pedagógica, baseada em atividades de natureza metacognitiva, que propiciaram aos alunos a análise e correção dos próprios textos e dos textos dos colegas, além de refletirem sobre a própria habilidade argumentativa. Será observada, então, sua eficácia nas dificuldades pontuadas na avaliação diagnóstica como o tangenciamento ou fuga do tema, a falta de clareza no posicionamento e a ausência de argumentação ou sua inconsistência. Para mensurar, então, se os objetivos estipulados nesta pesquisa foram alcançados nos textos escritos pelos alunos, consideraram-se os seguintes critérios: adequação ao tema, a clareza no posicionamento e o emprego de pelo menos uma estratégia argumentativa.

É preciso esclarecer que, embora cinquenta e sete alunos tenham escrito o texto pedido na diagnose, não houve a frequência desse quantitativo às aulas e, portanto, não participaram da maioria das tarefas. Foi constatado que, devido às faltas, muitos deles não produziram os textos solicitados no decorrer das atividades, tendo escrito, além do texto diagnóstico, apenas o texto na prova final; o que inviabilizou incluir as produções desses alunos para que se tivesse uma observação mais realista dos resultados.

Dessa forma, optou-se por basear esta análise na sequência de textos produzidos por vinte e três alunos (Anexo N) que atuaram de maneira efetiva nas aulas. É necessário pontuar também que, desses participantes, doze deixaram de comentar um dos temas abordados no grupo de discussão por perderem o prazo; produzindo, então, além do texto diagnóstico, dois textos ao invés de três. Ainda assim, por acreditar que a participação ativa deles foi suficiente para surtir efeito na escrita, suas produções foram incluídas na coletânea de textos para análise dos resultados.

No intuito de conferir clareza à visualização desses resultados, nesta análise constará a sequência de textos produzidos por doze alunos, equivalente a aproximadamente 50% dos alunos ativos na pesquisa. As produções dos onze alunos restantes serão incluídas nos resultados gerais representados por gráficos. A organização desta análise será da seguinte forma: na primeira seção, encontrar-se-ão as sequências de textos que apresentaram os resultados mais significativos; na segunda seção, os textos que obtiveram resultados regulares, falhando apenas em um dos critérios; na terceira seção, estarão os textos que não

apresentaram melhoria na escrita argumentativa; e na última seção, serão feitas observações sobre os textos transcritos e sobre o resultado geral expresso nos gráficos. A sequência dos textos em cada seção obedecerá a ordem cronológica de produção, ou seja, o primeiro texto foi produzido na avaliação diagnóstica; o segundo, na primeira postagem no grupo de discussão; o terceiro, na segunda postagem e o último, na avaliação final.

Convém explicar que a análise feita, em um primeiro momento, foi individual, isto é, foi verificado o impacto das atividades executadas durante a pesquisa na escrita argumentativa de cada aluno, considerando o estágio inicial dessa escrita na diagnose e sua evolução nos textos seguintes. Também foi feita uma análise geral do grupo, a ser comparada com os dados iniciais da avaliação diagnóstica. Desse modo, é possível avaliar o resultado no âmbito individual como também no coletivo.

5.1 Análise dos textos cujos resultados foram satisfatórios

Nesta primeira sequência, estão os textos que apresentaram melhora na escrita argumentativa, aprimorando a estratégia usada na diagnose ou empregando outro tipo de argumento. Além desse avanço, também foram vistas a objetividade no posicionamento e a adequação ao tema.

ALUNO A

Texto 1

Não é as pessoas que escolham o vicio e o vicio que escolher as pessoas as vezes elas podem ir porque elas querem mas por muitas das vezes tem gente que influência.

No texto diagnóstico, o aluno tangenciou o tema com uma afirmação imprecisa *Não é as pessoas que escolham o vicio e o vicio que escolher as pessoas* justificada por contraposição *as vezes elas podem ir porque elas querem mas por muitas das vezes tem gente que influência*. Não houve uma correlação expressa e coerente entre a declaração inicial e a justificativa, nem argumentação sobre a consequência da influência de outras pessoas para que o vício se torne doença.

Texto 2

Muitas pessoas acha tudo e brincadeira, com algumas pessoas a gente pode brincar com outras não então devemos tomar cuidado com o que falamos e com quem brincamos e se bobear essas palavras respeito, educação, amor ao próximo não vão nem existe mais

No texto 2, o tema também foi tangenciado, já que o aluno discorre sobre “brincadeiras” e não menciona a suposta brincadeira que motivou a discussão. Não houve um posicionamento claro, nem mesmo pode ser inferido pelo desenvolvimento, uma vez que o aluno se limitou a aconselhar sobre o cuidado com as brincadeiras *devemos tomar cuidado com o que falamos e com quem brincamos*.

Texto 3

Essas pessoas de hoje em dia acha que vai durar pra sempre, se a vaidade chegar ou a estria aparecer não se preocupe pois isso faz parte do corpo e se Deus fez assim pra que mudar. Eu sei que e bom ficar sempre em forma e com o corpo bonito mais quem ti amar de verdade vai te amar de qualquer jeito então eu peço a Deus pra abrir as mentes dessas mulheres parar de ficar colocando coisas em seu corpo

No texto 3, já se nota a correspondência com o tema e o posicionamento implícito. A argumentação ainda é limitada, mas, se comparada aos textos anteriores, mais desenvolvida. Há o uso da contra argumentação *Eu sei que e bom ficar sempre em forma e com o corpo bonito*, ainda que desenvolvida por um argumento contestável *quem ti amar de verdade vai te amar de qualquer jeito*. A conclusão da opinião se dá por discurso religioso *então eu peço a Deus pra abrir as mentes dessas mulheres [...]*.

Texto 4

Um pouco dos dois porque muita gente que viaja e fica longe por anos agente pode manda uma mensagem ou fazer ligação ao vivo, mas tem muita gente que não sabe usar o celular pois fica tanto tempo na rede virtual e esquece da rede real.

No texto 4, é notável a adequação ao tema *Um pouco dos dois*, embora tenha sido feita por referência exofórica, e o posicionamento. Mesmo que a argumentação por contraposição tenha sido mal estrutura, o aluno apresentou um exemplo para fundamentá-la *pode manda uma mensagem ou fazer ligação ao vivo*. É possível notar, portanto, que houve um avanço nos três objetivos propostos na sequência didática.

ALUNO B

Texto 1

As pessoas entram no mundo das drogas, porque elas querem mais nos não somos ninguém para julgar eles, mais eles sabem que usar droga faz mal mais mesmo assim eles usam, mais devemos apoiar eles saírem dessa vida

No texto 1, houve o tangenciamento do tema e o posicionamento do aluno não ficou claro, além disso, percebe-se a sua dificuldade na organização das sentenças, elaborada por repetição de estruturas de contraposição [...] *mais nos não somos ninguém para julgar eles* e [...] *mais mesmo assim eles usam, mais devemos apoiar eles saírem dessa vida*.

Texto 2

O cara falou que tinha quase certeza que o filho do will Smith estava pedindo dinheiro porque supostamente o jaden Smith estava olhando para o seu carro, pode ter sido uma brincadeira mais nesse caso uma brincadeira que não teve nenhuma graça, agora a questão é se o cara falou pela cor de jaden ou pela roupa, assim que começar os pequenos casos de racismo!!

No texto 2, o posicionamento também não foi claramente expresso e há uma repetição do fato *O cara falou que tinha quase certeza que o filho do will Smith estava pedindo dinheiro porque supostamente o jaden Smith estava olhando para o seu carro*. O texto é finalizado relativizando o motivo da discussão [...] *se o cara falou pela cor de jaden ou pela roupa*, demonstrando que a questão não foi compreendida, já que a discussão não é sobre a característica que gerou a comparação, mas a comparação feita.

Texto 3

Sinceramente eu acho que não vale a pena fazer procedimento estético, muitas pessoas morrem em busca do corpo perfeito mais se a pessoa quiser fazer nos temos que apoiar e não julgar, mais antes da pessoa fazer ele tem que ver se o lugar e confiável se o médico é confiável para depois fazer o procedimento estético

No terceiro texto, é possível ver o avanço no que se refere à adequação ao tema e à argumentação. A declaração negativa deixa claro o ponto de vista *Sinceramente eu acho que não vale a pena fazer procedimento estético*, seguido da justificativa *muitas pessoas morrem*

em busca do corpo perfeito. A argumentação ainda é fraca, restringindo-se ao aconselhamento, sem desenvolvê-la.

Texto 4

Eu acho que os celulares não afastam muito as pessoas, pois além de ter jogos e outros aplicativos o celular e uma fonte de comunicação entre as pessoas ainda mais quando as pessoas moram longe uma da outra. Sim o celular vicia, mais a pessoa tem que saber administra a sua propria vida. O celular e bom pessoas usam para trabalhar ou para jogar o celular afasta um pouco porque ao inves da pessoa conversar com você olho a olho ela fica mexendo no celular.

No texto 4, o posicionamento também foi expresso no início *Eu acho que os celulares não afastam muito as pessoas*, seguido da justificativa *pois além de ter jogos e outros aplicativos o celular e uma fonte de comunicação entre as pessoas ainda mais quando as pessoas moram longe uma da outra*). Foi usado um contra argumento (*Sim o celular vicia, mais a pessoa tem que saber administra a sua propria vida.*) seguido de exemplos para comprovar o posicionamento, contrapondo a utilidade do celular (*O celular e bom pessoas usam para trabalhar ou para jogar[...]*) à interferência que ele causa às relações pessoais (*ao inves da pessoa conversar com você olho a olho ela fica mexendo no celular*). Notou-se que o aluno melhorou tanto na adequação ao tema e posicionamento como na argumentação.

ALUNO C

Texto 1

Usar não te faz uma má pessoa, mais devido a tudo o que a substância te proporciona, as negatividades esposta a tudo isso. Realmente eu concordo com alguns comentários “Rico e doença, pobre e vagabundo”. A sociedade julga pela ordem financeira do individuo, não pelo o que realmente fez ou qual mentalidade a pessoa teve para chega onde chegou. Isso e um fato, as pessoas julga sem saber o fundamento da questão

No primeiro texto o aluno tangenciou o tema, posicionando-se em relação ao comentário do internauta ao invés da discussão proposta no artigo. No entanto, apresentou uma estrutura argumentativa para justificar o posicionamento, ainda que não condizente com o tema. Nos textos seguintes, já não ocorreu esse problema.

Texto 2

Tudo começa como uma brincadeira, como o autor da ação diz, mais devemos considera que nem todos levam assim, tão facilmente na brincadeira, achei um ato de racismo sim, comparou o Jaden com um pedinte, não estou dizendo q ser pedinte e uma coisa feia ou olha com outros olhos, infelizmente a sociedade vê isso como uma criança sem casa e meios de cuidar, os telespectadores ou fãs desse menino, ficaram revoltados por conta desse abuso que infelizmente não irá da em nada como sempre. Porque os racistas estão vendo que no fim das contas fica tudo bem, sempre o pano é passado, memória do povo é curta e eles ainda ganham uns fãs, acho um absurdo quem ainda segue esse comediante, que para ser famoso e abusado ou desrespeitoso com o público que lá na frente está ou irá rir de suas novas piadas.

No texto 2, o seu posicionamento é claro [...] *achei um ato de racismo sim [...]*. Embora tenha se equivocado ao dizer que a comparação feita tenha sido com um pedinte, ao invés de flanelinha, desenvolveu a argumentação prevendo até uma contra argumentação de um possível leitor [...] *não estou dizendo q ser pedinte e uma coisa feia ou olha com outros olhos, [...]*. A argumentação é feita baseada na observação da impunidade como causa para casos de racismo como esse.

Texto 3

Hoje em dia o que mais acontecer e isso, infelizmente !! muitas mulheres e homens ponham a própria vida em risco por conta de um uma vaidade, um desejo corporal de ser um ser humano impecável ou muito desejado, havia tudo para dar errado. Tudo acontece de maneira irregular porque a pessoa que fez aplicação não é habilitada e o local que aconteceu isso não era apropriado para que ela passasse por um procedimento, é ainda mais se tratando do seu próprio corpo, acho que pessoas assim não assistem TV, só pode, hoje em dia o que mais se fala e isso, procedimento (vaidade), desejo do corpo e as veem isso o tempo todo e ainda tem a coragem de se submeter a certas situações de risco, apenas para se satisfazer ou se vangloriar na internet ou nas redes sociais, cada ação a uma reação, infelizmente pra ela chegou a esse ponto (obto), se o mundo, as pessoas de hoje não pararem c essa vaidade ou com esse desejo de serem maravilhosas e invejada a qualquer custo vão sempre levar a esse fim, no caso a morte!!

O texto 3 também apresentou adequação ao tema e objetividade no posicionamento *Hoje em dia o que mais acontecer e isso, infelizmente !! muitas mulheres e homens ponham a própria vida em risco por conta de um uma vaidade [...]*. A argumentação foi desenvolvida por relação de causa e consequência *Tudo acontece de maneira irregular porque a pessoa que fez aplicação não é habilitada e o local que aconteceu isso não era apropriado* e, ainda que algumas afirmações sejam contestáveis *apenas para se satisfazer ou se vangloriar na internet ou nas redes sociais*, é possível perceber uma coerência na continuidade do raciocínio.

Texto 4

Aproxima e afasta as pessoas, algumas se deixam levar pelo exesço da tecnologia, a maioria das pessoas ficam praticamente o dia inteiro nisso e outras não. Afastou da convivência e aproximou de outras pessoas, pessoas do outro lado do mundo.

Não é bom prás crianças, crianças de 6 a 8 anos não devem ter acesso a esse tipo de informação, devem brincar como crianças normais.

Já no texto 4, apesar de ter havido adequação e posicionamento *Aproxima e afasta as pessoas*, a argumentação por contraposição [...] *a maioria das pessoas ficam praticamente o dia inteiro nisso e outras não. Afastou da convivência e aproximou de outras pessoas, pessoas do outro lado do mundo* para mostrar aspectos favoráveis e desfavoráveis ao uso do celular ficou desorganizada e sem um desenvolvimento satisfatório. No entanto, é perceptível o avanço em opinar adequadamente sobre o tema e expressar com clareza o posicionamento, além de desenvolver uma argumentação mais coerente.

ALUNO D

Texto 1

Eu acho que deveria exercer sobre todos, não só por pessoas famosas.

No primeiro texto, o aluno expressa uma opinião vaga *Eu acho que deveria exercer sobre todos, não só por pessoas famosas* sem deixar claro a que se refere, o que deve ser exercido sobre todos? Não houve desenvolvimento dessa ideia, nem uso de estratégia argumentativa.

Texto 2

Esse comentário que ele fez querendo transformar em uma "piada" acaba refletindo no dia a dia de muitas pessoas, talvez incomode muitas gentes pois quase todo dia tem alguém nas ruas pedindo um dinheiro pra que você possa ajudá-lo, com essa piada ele meio que difamou a imagem dos flanelinhas que tentam ganhar seu dinheiro no dia a dia como se eles fossem qualquer uns jogados nas ruas, por causa do estado em que se encontra o filho do Will.. como se fossem mendigos ou drogados.

No segundo texto, houve adequação ao tema e um posicionamento expresso indiretamente, subentendido na argumentação que não deixou claro se se tratava ou não de um episódio de racismo *Esse comentário que ele fez querendo transformar em uma "piada" acaba refletindo no dia a dia de muitas pessoas [...].* A discussão foi desenvolvida por percepções equivocadas da imagem, *difamou a imagem dos flanelinhas [...] como se eles fossem qualquer uns jogados nas ruas, por causa do estado em que se encontra o filho do Will.*

Texto 3

Eu acho que não tem necessidade de fazer isso com o corpo dela, Ela deveria ficar feliz com o corpo pois não é só a beleza física que importa. Uma vez fiquei muito doente e percebi que a saúde é muito importante, você pode ser maravilhosa aos olhos dos outros mas não vale em nada se sua saúde é fraca, receber elogios é bom mais ficar bem consigo mesmo não tem preço, aprender a se amar do jeito que é, É essencial para uma vida tranquila e feliz

No texto 3, o período *Eu acho que não tem necessidade de fazer isso com o corpo dela, Ela deveria ficar feliz com o corpo pois não é só a beleza física que importa* deixa claro o posicionamento contrário. Para sustentá-lo, o aluno usou a exemplificação *Uma vez fiquei muito doente e percebi que a saúde é muito importante, você pode ser maravilhosa aos olhos dos outros mas não vale em nada se sua saúde é fraca,* para justificar que há outras coisas mais importantes que a beleza, por exemplo, a saúde.

Texto 4

Afastou bastante as pessoas, hoje em dia as pessoas não se comunicam mais pessoalmente. Por exemplo: Eu e a minha amiga vivemos juntas mas não nos falamos

pessoalmente só por célula a gente pode esta uma perto da outra mais com o celular na mão.

Já no último texto, o posicionamento é mais direto *Afastou bastante as pessoas [...]* e novamente foi usada a exemplificação *Eu e a minha amiga vivemos juntas mas não nos falamos pessoalmente só por célula a gente pode esta uma perto da outra mais com o celular na mão* para embasar a opinião dada. Nesse segmento de textos, foi notório o avanço do aluno na adequação ao tema, na objetividade do posicionamento e na estratégia argumentativa.

ALUNO E

Texto 1

Eu acho que ela podia ter mais consciencia do que ela estava fazendo, ela e uma mulher bonita mas infelizmente se perdeu no mundo das drogas. Ela podia ter curtido a vida de muitas outras formas mas ela seguiu o caminho errado

No texto 1, além de tangenciar o tema, já eu se ateu a opinar sobre o envolvimento da artista com as drogas, a opinião se restringiu a uma avaliação negativa, um julgamento de valor sobre o comportamento da cantora *Ela podia ter curtido a vida de muitas outras formas mas ela seguiu o caminho errado [...]*.

Texto 2

Podemos ver que o comediante Rodrigues Fernandes, fez uma piada que já está gerando muitos acessos nas redes sócias, Rodrigues Fernandes está fazendo um ato de racismo sim, por causa da aparência de Jaden Smith, são nessas brincadeiras que tudo começa, o filho do Will Smith falou que ia olhar o carro do comediante, pode ser que ele realmente estava querendo algum dinheiro, mas ele não precisa de fazer isso para conseguir, pois ele e rico, as pessoas fazem as coisas pensando somente nelas mesmas, mas não pensa no que pode acontecer com a pessoa que está sofrendo de racismo, para o Rodrigues Fernandes isso e uma piada, mas para o Jade Smith e uma coisa muito séria.

No texto 2, o aluno repete a constatação do fato e expressa o seu posicionamento de forma clara *Rodrigues Fernandes está fazendo um ato de racismo sim*. Porém, ao argumentar, não interpretou corretamente o fato, já que considerou a possibilidade de o conteúdo da comparação ter sido real *pode ser que ele realmente estava querendo algum dinheiro, mas ele*

não precisa de fazer isso para conseguir, pois ele é rico, [...], tornando a argumentação incoerente.

Texto 3

Muitas mulheres e homens hoje em dia acham esse procedimento normal, mesmo essas pessoas sabendo que essas aplicações podem causar mortes eles(a) continuam em busca de um corpo perfeito, na minha opinião eu não acho isso errado mas eu acho que essas pessoas tinham que ter mais sabedoria no que estão fazendo ou com quem estão fazendo, se o médico é bom ou confiável para que o procedimento corra corretamente.

No texto 3, o posicionamento foi construído por contraposição [...] *na minha opinião eu não acho isso errado mas eu acho que essas pessoas tinham que ter mais sabedoria no que estão fazendo ou com quem estão fazendo [...]*, estando adequado ao tema. Argumentação não foi desenvolvida, sendo restrita ao aconselhamento *se o médico é bom ou confiável para que o procedimento corra corretamente.*

Texto 4

Na minha opinião o uso dos celulares está afastando as pessoas porque a gente não precisa mas ir na casa da pessoa a gente manda uma mensagem ou liga e pronto já matou a saudades, mas era para ser assim, o uso das redes sociais deveria diminuir um pouco.

No texto 4, também há adequação ao tema e objetividade no posicionamento *Na minha opinião o uso dos celulares está afastando as pessoas [...]*. Para justificá-lo, é usada a exemplificação *não precisa mas ir na casa da pessoa a gente manda uma mensagem ou liga*. Nesta sequência, notou-se um avanço na adequação ao tema, na objetividade do posicionamento e na argumentação.

ALUNO F

Texto 1

Pra mim ela deveria saber que tudo tem sua sequência e que se ela usou uma vez e usou outras vezes foi porque gostou com certeza ela sabia que de alguma forma poderia dá um problema pra mim ela nunca poderia ter experimentado.

No texto 1, o aluno apresenta o posicionamento, mas tangencia o tema, ao invés de expressar seu ponto de vista sobre considerar ou não o vício em drogas uma doença, teceu um julgamento sobre o comportamento da cantora *se ela usou uma vez e usou outras vezes foi porque gostou*.

Texto 2

Sabemos que racismo e preconceitos de todos os tipos sempre existiram, não é um assunto atual, mas devido à facilidade das informações, devido a mídia, que polemiza tudo e torna um simples comentário um drama, que no caso do filho do Smith pode ter sido um comentário em relação a suas vestes, que deu a ele um ar de malandragem.

No texto 2, há adequação ao tema e posicionamento explicitado no trecho [...] *devido a mídia, que polemiza tudo e torna um simples comentário um drama [...]*. A argumentação é baseada em uma explicação [...] *pode ter sido um comentário em relação a suas vestes, que deu a ele um ar de malandragem. [...]*.

Texto 3

As pessoa nunca estão satisfeitas com seu corpo acham que podem chegar à perfeição. Não sou contra que as pessoas vá em busca de uma melhora para si, mas que seja feita de forma responsável, que busque profissionais de qualidade e competentes. A empresária da reportagem foi irresponsável com a atitude que tomou e claro que teria consequências, infelizmente ela faleceu mas sua morte deixou um alerta para quem quer fazer procedimentos estéticos. Não façam em casa, busquem clínicas de estéticas que sejam responsáveis.

No texto 3, o posicionamento é mais claro [...] *Não sou contra que as pessoas vá em busca de uma melhora para si*, e corresponde ao tema. A argumentação é construída a partir da contraposição *mas que seja feita de forma responsável, que busque profissionais de qualidade e competentes*, justificada pela explicação do fato e concluída com um aconselhamento. Nota-se que o aluno desenvolveu mais a argumentação e a organização textual também.

Texto 4

Na minha opinião aproximou como também afastou, porque virtualmente falando, as pessoas se aproximaram, mas, pela virtualidade. Pois conversa e tal; mais também afastou, porque não vemos mais aquele contato que tínhamos antes como conversas pessoalmente horas e horas, bater papos, e etc... tem gente que só se fala pelos aparelhos comunicativos, mas esquecem que vivemos em um mundo, não na tecnologia.

Já no texto 4, há um desenvolvimento por contraposição *Na minha opinião aproximou como também afastou*, usando exemplos tanto para justificar o aspecto positivo *virtualmente falando, as pessoas se aproximaram, mas, pela virtualidade. Pois conversa e tal.* como o negativo *mais também afastou, porque não vemos mais aquele contato que tínhamos antes como conversas pessoalmente horas e horas, bater papos, e etc.* Foi possível notar, então, que houve uma melhora tanto na compreensão do tema, na clareza do posicionamento como também no seu desenvolvimento, embora ainda apresente problemas na organização textual.

ALUNO G

Texto 1

Talvez o vício seja mesmo uma doença. Mas, não se deve “vítimar” alguém por estar assim. Sabe por que? Porque essas pessoas que hoje estão viciadas, tiveram a oportunidade de escolher! Se ela escolheu viver assim, ok, não vamos julgar. Mas agora, querer comparar com doenças que não se pode escolher em ter ou não, já é demais!

No texto diagnóstico, o aluno inicia se posicionando sobre o tema, indicando pelo vocábulo “talvez” que concorda com o autor do artigo, mas com a ressalva de que o doente não seja considerado uma vítima do vício. Essa proposição é explicada com o argumento de que o usuário teve a oportunidade de escolher ser um usuário de drogas e é concluída com a afirmação de que uma doença provocada por uma escolha não pode ser comparada àquelas que independem da atitude da pessoa. Nota-se que o aluno já usa alguma estratégia persuasiva como pergunta retórica (*Sabe por que?*), por exemplo.

Texto 2

São publicações assim que aumentam a estatística que comprova que existe gente racista! Pode até ter sido mesmo uma brincadeira mas, esse tipo de brincadeira não é correta em nenhum dos aspectos!

No segundo texto, não houve um posicionamento direto nem argumentação consistente sobre o ato ter sido uma brincadeira ou racismo. O posicionamento implícito no primeiro período *São publicações assim que aumentam a estatística que comprova que existe gente racista!* não é desenvolvido no período seguinte, havendo apenas uma reprovação do ato, já que, se foi brincadeira, ainda assim não é correto.

Texto 3

A vaidade extrema alcança um nível de desespero para ter a “beleza divina” tão grande que, muitas mulheres abusam de procedimentos estéticos para conseguir esse resultado. Mas, sabemos que não é bem assim que acontece! Essa jovem morreu. Mas, não servirá como aviso para outras mulheres que não ligam se vão morrer ou não. Infelizmente mas uma vítima da vaidade extrema! Quando isso vai acabar? Só o tempo poderá nos responder!

O terceiro texto é iniciado com uma tese baseada em causa *A vaidade extrema alcança um nível de desespero para ter a “beleza divina” tão grande* e consequência *que, muitas mulheres abusam de procedimentos estéticos para conseguir esse resultado*, mas que não foi desenvolvida. O período seguinte ficou desconexo, pois há uma negação que parece contradizer o que foi dito antes. Embora haja indício de posicionamento e adequação ao tema, as ideias seguintes estão desorganizadas, caracterizando opiniões soltas, concluídas com uma pergunta retórica cuja resposta é um clichê.

Texto 4

Sinceramente, afastou as pessoas uma das outras fisicamente. Mas, por outro lado, aproximou pessoas que moram longe uma das outras. Eu vejo a facilidade de comunicação pelo celular muito útil. Porém, do mesmo modo que nos ajuda no dia a dia para resolver nossos problemas, o aparelho nos prende de uma forma que não conseguimos prestar atenção nas pessoas que estão ao nosso redor.

No texto final, o posicionamento é evidente *Sinceramente, afastou as pessoas uma das outras fisicamente* e a argumentação é desenvolvida. Ainda que a organização das ideias

esteja comprometida, é possível constatar uma contra argumentação introduzida por conectivo adversativo, *Porém, do mesmo modo que nos ajuda no dia a dia para resolver nossos problemas*. Além disso, a conclusão *o aparelho nos prende de uma forma que não conseguimos prestar atenção nas pessoas que estão ao nosso redor* é condizente com o que foi especificado na tese da opinião *afastou as pessoas uma das outras fisicamente*. Nota-se, então, que o aluno atingiu os três objetivos da sequência didática: adequação, posicionamento e uso de um argumento.

6.2 Análise dos textos cujos resultados alcançaram dois objetivos

Nesta segunda sequência, estão os textos que alcançaram pelo menos dois dos três objetivos propostos nesta pesquisa. Em alguns textos, foram notados o desenvolvimento da argumentação e a adequação ao tema; em outros, o posicionamento expresso além da adequação ao tema. No entanto, todos demonstraram algum aproveitamento das atividades realizadas na mediação didática.

ALUNO H

Texto 1

O que tem graça nisso você usa desejar e depois ficar se recuperando e perdendo toda a tua vida pela frente como aconteceu com Demi Lovato.

No texto da diagnose, o aluno tangenciou o tema, emitindo apenas um juízo de valor sobre o fato, sem empregar uma estratégia argumentativa.

Texto 2

KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK, Ele Apenas Fez Uma Piada, Não Ví Mal Nisso.

No texto 2, há somente um posicionamento expresso *Ele Apenas Fez Uma Piada, Não Ví Mal Nisso*. condizente com tema proposto, entretanto, como no texto anterior, ainda sem o emprego de uma estratégia argumentativa.

Texto 3

hj em dia as pessoas não pensam bem, não pensam nos perigos q podem correr, não pensam q podem ficar com sequelas pra vida toda, não pensam q podem morrer !

hj em dia só querem ser "gostosas" aos olhos dos outros mas não pensam no mal q podem fazer ao próprio corpo.

O texto 3, também possui uma estrutura precária, pois não há um posicionamento exposto, sendo dedutível nas negações seguintes *não pensam q podem ficar com sequelas [...] não pensam q podem morrer! [...] não pensam no mal q podem fazer ao próprio corpo.* Da sequência de textos é o único a apresentar uma argumentação, iniciada por uma afirmação *hj em dia as pessoas não pensam bem [...]* e concluída com uma contraposição *hj em dia só querem ser "gostosas" aos olhos dos outros mas não pensam no mal q podem fazer ao próprio corpo.*

Texto 4

Aproximou apenas virtualmente, pessoalmente afastou muito.

Já o texto 4 ficou restrito ao posicionamento, sem o argumento para justificá-lo. Percebeu-se que o aluno avançou pouco na escrita argumentativa, melhorando apenas a adequação ao tema e a expressão do posicionamento.

ALUNO I

Texto 1

Bom, na minha opinião pessoas que usam drogas, são doentes sim, pois basta a pessoa usar uma vez que não conseguem parar mas, eles ficam em abstinência pois ninguém dar para eles drogas, que uns ficam agressivo querem bater nas pessoas, portanto é uma doença sim, as pessoas ao invés de ajudar só julgam que está nessa situação, conheço muitas pessoas que com ajuda de alguém, conseguiram sair dessa vida.

Nesse texto diagnóstico, o posicionamento *Bom, na minha opinião pessoas que usam drogas, são doentes sim [...]* foi demonstrado com um exemplo para provar que, por ser o vício uma doença, a sua abstinência provoca efeitos colaterais [...] *uns ficam agressivo querem bater nas pessoas.*

Texto 2

Ele pode até ter feito uma brincadeira, so que foi uma brincadeira de muito mau gosto, porque se deu a entender que so porque o menino é negro e usa esse estilo

de roupa, venha ser pedinte, muito ridículo o que esse cara falou

No texto 2, há adequação ao tema, embora o aluno tenha se equivocado em relação ao elemento da comparação, já que o comediante se refere a “flanelinha” e não a “pedinte”. O posicionamento é expresso na frase [...] *so que foi uma brincadeira de muito mau gosto [...]*, justificado com um argumento explicativo [...] *porque se deu a entender que so porque o menino é negro e usa esse estilo de roupa, venha ser pedinte [...]*.

Texto 3

Triste é ver que uma pessoa morreu por conta da Vaidade, as pessoas tem que se amar mais, o que passa mais na televisão é isso mulheres que queriam mudar o corpo e acabaram morrendo, e essas mulheres continuam fazendo esses procedimento em casa com qualquer pessoa, eu não tenho nada contra mas pra fazer esses procedimento tem que ir em um hospital, um lugar seguro e Com um Médico bom também

Nesse texto, há um posicionamento explícito, *Triste é ver que uma pessoa morreu por conta da Vaidade [...]eu não tenho nada contra*, entretanto a argumentação foi baseada apenas na paráfrase do fato e a constatação de que não é a primeira vez que acontece *o que passa mais na televisão é isso mulheres que queriam mudar o corpo e acabaram morrendo, e essas mulheres continuam fazendo esses procedimento em casa com qualquer pessoa*. A conclusão é feita por uma recomendação *tem que ir em um hospital, um lugar seguro e Com um Médico bom também*.

Texto 4

O uso dos celulares acabou me afastando das pessoas pois eu fico tanto no celular que acabo me distanciando das pessoas, dos meus pais principalmente, acabo que fico trancada no quarto mexendo no celular, e não me comunico de olhos a olhos com as pessoas. Isso acaba me fazendo muito mal.

Já no texto 4, o aluno usou o próprio exemplo para comprovar seu ponto de vista *O uso dos celulares acabou me afastando das pessoas*. O aluno não avançou muito na argumentação, continuou usando a estratégia argumentativa da diagnose, a exemplificação.

ALUNO J

Texto 1

Não é as pessoas que escolham o vicio e o vicio que escolher as pessoas as vezes elas podem ir porque elas querem mais por muitas

Esse texto é uma cópia do texto diagnóstico do aluno A. É possível deduzir isso porque está incompleto, enquanto que no texto do outro aluno, a justificativa iniciada pela conjunção está completa. Dessa forma, entendeu-se que o aluno sequer foi capaz de opinar por escrito.

Texto 2

Exatamente, o povo e mt idiota cara namoral

No segundo texto, a opinião também não foi desenvolvida. O aluno se restringiu a concordar como o comentário do colega, tendo feito apenas um comentário negativo *o povo e mt idiota* em resposta a um outro comentário subentendido no advérbio *Exatamente* e no vocativo *cara*.

Texto 3

Lamentável, mts mulheres morrendo por querer um corpo bonito que acabam fazendo esses procedimentos sem uma pessoa ideal pra isso, às mulheres de hj em dia não são MT satisfeitas com seu corpo e acabam morrendo por bobeira

A partir desse texto, o aluno passa a emitir sua própria opinião. O posicionamento é marcado pelo adjetivo *Lamentável*, e a adequação ao tema na frase *mts mulheres morrendo por querer um corpo bonito*. Houve também uma tentativa de argumentação por relação de causa e consequência que não foi desenvolvida *que acabam fazendo esses procedimentos sem uma pessoa ideal pra isso*.

Texto 4

O uso do celular deixou as pessoas afastadas, Por que muita gente está anti-social por causa de celular, muitas pessoas não estão mais conversando pessoalmente mais sim por telefone. Tem seus lado bom mais também seus lados ruins.

No texto 4, foi expresso claramente o posicionamento *O uso do celular deixou as pessoas afastadas*. Também foi usado um argumento para justificar a opinião *Por que muita gente está anti-social por causa de celular, muitas pessoas não estão mais conversando pessoalmente mais sim por telefone*. Já, na conclusão, é notada uma contraposição que não foi desenvolvida no texto. Embora o aluno ainda apresente problemas para desenvolver a argumentação, é possível perceber que houve uma evolução na adequação ao tema e na clareza do posicionamento nos textos finais.

6.3 Análise dos textos cujos resultados não alcançaram os objetivos propostos

Os textos desta última sequência não evoluíram na escrita argumentativa e, comparados aos textos diagnósticos, continuaram apresentando falhas como tangenciamento e fuga ao tema. Não foi notado, portanto algum aproveitamento das atividades realizadas.

ALUNO K

Texto 1

Bom, eu não irei criticar até porque do mesmo jeito que outras pessoas entraram nesse mundo ou também poderia entrar. Mas acho tudo uma questão de consciência todos nós sabemos as consequencias se entrarmos nessa vida, mais nem todos entram nessa vida por querer as vezes e para esquecer problemas ou algo que lhe deixa triste por esse motivo acabam usando drogas para não fazer algo pior como se matar. Não direi que e certo entra nessa vida ate porque tem outros meios de esquecer problemas, mas também não julgarei ate porque cade escolhe a vida que quer seguir.

No texto diagnóstico, houve o tangenciamento do tema, já que a discussão se ateve a julgamentos sobre as possíveis causas do uso de drogas e não a sua comparação a doenças crônicas *Bom, eu não irei criticar até porque do mesmo jeito que outras pessoas entraram nesse mundo ou também poderia entrar*. A argumentação é feita por justificativa das possíveis causas que levam o indivíduo a usar drogas *as vezes e para esquecer problemas ou algo que lhe deixa triste [...] para não fazer algo pior como se matar*.

Texto 2

Achei uma falta de respeito, pois só fizeram essa piada pelo jeito que ele está vestido ou pelo fato dele ser negro, achei uma ação de puro preconceito

No texto 2, o posicionamento é claro *Achei uma falta de respeito [...] pelo jeito que ele está vestido ou pelo fato dele ser negro*, justificado pela interpretação dos elementos visuais da notícia, mas sem o desenvolvimento da argumentação.

Texto 4

Não vou mentir uso muito as redes sociais, mas irei concordar com o texto pois as redes sociais e um prejuízo para o mundo pois muitos adolescentes e crianças ficam viciados os adultos nem tanto mais ainda existe alguns que ainda entram nesse mundo virtual. As redes sociais são muito boa mas também não deixa de ser um perigo.

No texto 4, o aluno apresenta o posicionamento *irei concordar com o texto*, mas tangencia o tema novamente. Opina sobre o uso das redes sociais, assunto abordado no texto de apoio, mas não sobre a questão proposta: se o celular une ou afasta as pessoas. A justificativa usada se restringe à paráfrase das ideias apresentadas no texto. Vê-se que o aluno continuou apresentando os mesmos problemas na escrita opinativa como tangenciamento e falta de argumentação consistente. A presença do posicionamento não pode ser considerado um avanço, uma vez que, desde o primeiro texto, implícita ou explicitamente, ele é identificado. Dessa forma, não houve avanço nos objetivos pretendidos com as atividades.

ALUNO L

Texto 1

O abuso de substancia de lovato, provocou uma série de problemas psicologicos que pode se comparar com doenças crônicas, a recuperação pode levar a vida toda.

No texto 1, o comentário é igual ao do aluno N, não sendo possível determinar qual deles é a cópia. Nessa opinião, há apenas o resumo do que o artigo disse, sem expressão de posicionamento e exposição de argumento.

Texto 3

Essas pessoas só pensa como vão ficar, mas não pensa como vai ocorrer a cirurgia nem conhece a pessoa e confia nela para fazer essas coisas perigosas

No texto 3, não há um posicionamento expreso e a argumentação se restringe a uma constatação da falta de critérios para realizar a intervenção cirúrgica.

Texto 4

Eu acho que foi muito bom porque as pessoas ficam mexendo nas horas vagas. Eu acho que aproximou mas as pessoas porque é um meio de comunicação. Eu acho mais fácil.

No texto 4, embora haja um posicionamento expresso *Eu acho que foi muito bom [...]Eu acho que aproximou mas as pessoas*, sustentado por justificativas que são foram desenvolvidas *porque as pessoas ficam mexendo nas horas vagas [...] porque é um meio de comunicação*, não foi notado o avanço na escrita argumentativa desse aluno. O único aspecto positivo foi, talvez, ter passado a emitir a sua própria opinião, ao invés de ter copiado a do colega.

6.4 Observações sobre os resultados da mediação pedagógica proposta

A mediação pedagógica planejada para esta pesquisa teve como objetivo desenvolver a habilidade argumentativa de alunos do 9º ano. Para isso, primeiramente, foi elaborada uma avaliação diagnóstica, na qual, além da deficiência na argumentação, foram constatados problemas de adequação ao tema, indefinição no posicionamento em relação ao tema e confusão em distinguir fato e opinião.

Diante desse diagnóstico, pensou-se em atividades que possibilitassem tanto a prática da opinião como também a reflexão sobre o processo cognitivo que a envolve para que, a partir disso, os conceitos de fato, opinião e argumento fossem compreendidos. Com esse propósito, foram usados recursos como: vídeos de programas cuja audiência abrange os adolescentes; artigos de opinião sobre temas do conhecimento ou interesse dos alunos; e um contexto comunicativo com o qual estavam familiarizados. Foi considerado também nessas atividades o conhecimento prévio do aluno, já que o ato de opinar não é uma ação adquirida no meio escolar, é intrínseca ao indivíduo e construída ao longo da sua vida.

O primeiro objetivo proposto foi alcançar a adequação ao tema, mas para isso, primeiramente, os alunos precisavam compreender a diferença entre fato e opinião. Esse saber é importante para a escrita argumentativa, pois sem sua compreensão os alunos tendem a opinar repetindo ou parafraseando o fato. Também é necessário para especificar o tema, já que em textos como o artigo de opinião, por exemplo, o tema nem sempre corresponde ao fato, mas à opinião sobre os aspectos ou circunstâncias que envolvem o fato. Se o leitor não

souber identificar o tema, acaba por tangencia-lo, invalidando sua opinião. Na diagnose, apenas cerca de 30 % dos textos apresentavam uma opinião condizente com o tema. Esse índice aumentou nos 2 textos seguintes, correspondendo à metade dos textos (52,17%) e chegou a 91,3% no último texto. Observe o gráfico 3:

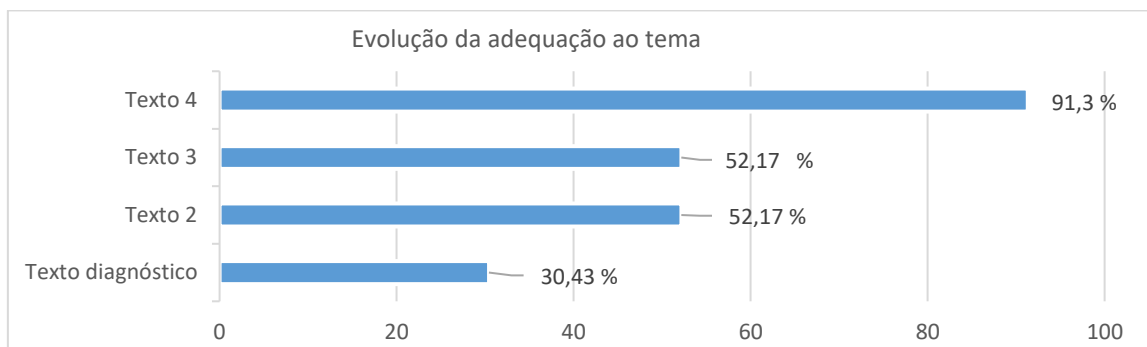


Gráfico 3: Evolução na adequação ao tema

É possível notar, portanto, que houve um expressivo aumento nos índices de adequação ao tema. No entanto, uma observação deve ser feita: o aumento expressivo no número de textos com a opinião adequada ao tema não se deve apenas às atividades, mas também ao modo como ele foi proposto. Tanto na diagnose como nas atividades de discussão que geraram os textos 2 e 3, o tema não foi expresso diretamente, mas tinha de ser extraído da leitura do texto proposto. Já no texto 4, o tema foi exposto e a leitura do texto sugerido serviu como apoio. Ainda assim, comparando o resultado da diagnose como o dos textos seguintes, pode-se afirmar que houve êxito no alcance deste objetivo.

O segundo objetivo dava conta de que os alunos, ao opinarem por escrito, expressassem claramente o seu posicionamento sobre o tema da discussão. A falta de um posicionamento claro tende a comprometer a argumentação, uma vez que, se não há um ponto de vista definido, dificilmente os argumentos serão desenvolvidos para sustentá-lo. Tal proposição se comprovou no texto diagnóstico, em que os textos sem um posicionamento claramente expresso também apresentaram falta ou falha na argumentação. No decorrer da mediação pedagógica, a clareza no posicionamento foi estimulada por meio do debate, principalmente, de temas polêmicos. O resultado disso pode ser visto no aumento significativo do atendimento desse critério nos textos 3 e 4 (47,82% e 73,91% respectivamente). Foi possível observar, também, nesses textos, a presença de marcadores de posicionamento como sinceramente, infelizmente, talvez, entre outros termos. O gráfico 4 evidencia esse progresso.

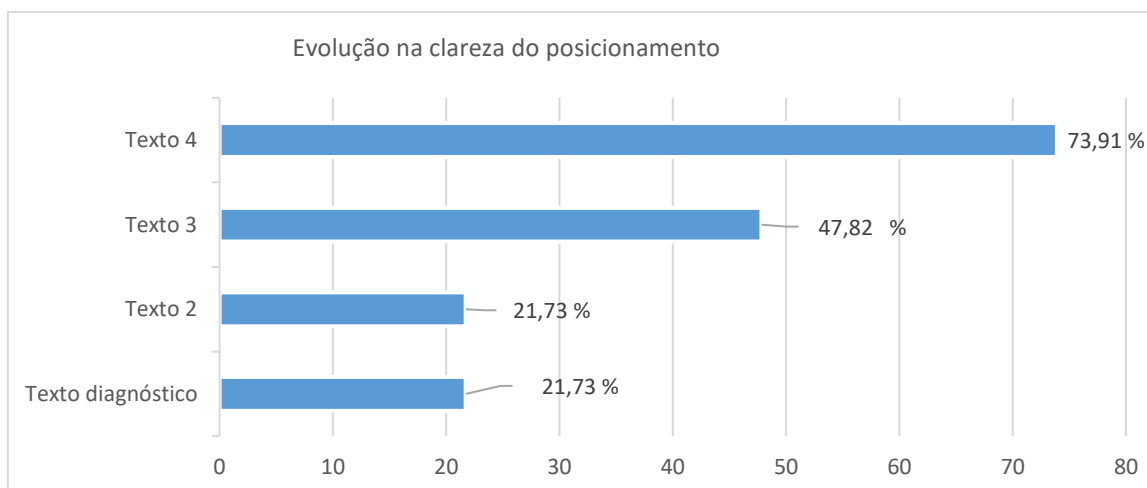


Gráfico 4: Evolução na clareza do posicionamento

O último objetivo pretendido visava incentivar o uso de estratégias argumentativas para embasar a opinião escrita. Foi observado na diagnose que os alunos que conseguiram opinar por escrito usaram como o argumento a justificativa introduzida pelo conector porque. Mesmo que, na maioria desses textos, a tentativa de argumentação tenha sido insuficiente, denotou um conhecimento prévio a ser aprimorado. Para desenvolver essa estratégia argumentativa e também incentivar o uso de outras, foi estimulada a discussão sobre temas polêmicos escolhidos pelos próprios alunos, estimulando-os a contestarem os argumentos contrários ao seu posicionamento e a redigirem essas opiniões. No gráfico 5, apresentado a seguir, é possível ver que os alunos experienciaram duas estratégias novas, que não haviam sido usadas no texto diagnóstico: a exemplificação e a contra argumentação.

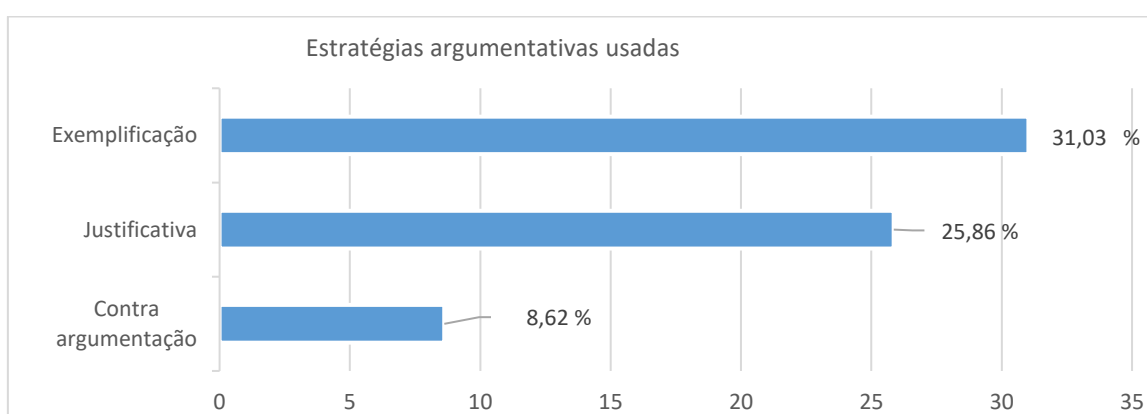


Gráfico 5: Estratégias argumentativas usadas

O uso de exemplos para embasar uma opinião foi observado em cerca de 30% dos textos, ultrapassando o percentual do uso da justificativa, já experimentada por eles no texto inicial. Outro avanço foi o aparecimento da contra argumentação nos textos; não obstante ter

representado menos de 10% dos textos, ainda pode ser considerado um resultado satisfatório. A contra argumentação é uma estratégia complexa que pressupõe ações cognitivas mais elaboradas, já que para desenvolvê-la é necessário ter conhecimento do argumento opositor para, então, contestá-lo; portanto requer mais tempo para ser aperfeiçoada.

No quadro a seguir, é possível visualizar com mais clareza como se deu uso dessas estratégias pelos alunos nos textos produzidos.

Quadro 6 – Uso de tipos de argumentos por aluno e por texto

Aluno	Diagnose	Texto 2	Texto 3	Texto 4
A	J	J	CA	E
B	J	J	-	E / CA
C	J	J	E / J	E / CA
D	J	-	CA	J / E
E	-	E	E	E
F	-	J	-	J / E
G	J	-	-	E
H	J	-	-	CA
I	-	E	-	-
J	J	J	-	E
K	-	-	J	-
L	-	-	-	-
M	J	-	-	-
N	-	E	-	-
O	-	E	-	J
P	-	-	J	J
Q	J	-	-	E
R	-	-	J	E
S	J	J	-	E
T	-	J	-	-
U	J	E	-	-
V	-	-	-	-
W	-	-	-	-

J = justificativa; E = exemplificação; CA = contra argumentação

Fonte: A pesquisadora

Nota-se, pelo quadro 1, que 4 alunos (B, C, D e F) usaram mais de uma estratégia argumentativa em um único texto e que, também, 4 alunos (A, B, C e D) usaram as três estratégias em seus textos, diversificando a argumentação.

Diante desses resultados, pode-se afirmar que os objetivos traçados na diagnose foram alcançados por meio das atividades propostas, segundo a metodologia adotada. É claro que os avanços alcançados por esta pesquisa não esgotam e nem suprem todas as dificuldades apresentadas por esses alunos, mas apontam para métodos que se mostram mais profícuos no desenvolvimento da escrita argumentativa. Uma mediação pedagógica que disponha de mais tempo para trabalhar as habilidades mais complexas e que contemple também as atividades de revisão do texto, estratégia metacognitiva – essenciais para a melhoria da escrita –, certamente produzirá resultados mais expressivos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita ocupa lugar de prestígio na sociedade em que a maioria das interações se dão por meio dela. Registrar um fato, reivindicar algo, oficialmente ou juridicamente, até mesmo deixar marcado um posicionamento são ações executadas por meio da linguagem escrita. Dominá-la diz muito sobre a identidade do usuário. Nesse contexto, tem-se a escrita argumentativa como instrumento de cidadania, já que por intermédio dela o cidadão pode registrar seu posicionamento nas situações do dia a dia. Exercer a cidadania não corresponde apenas a ser consciente de seus deveres e direitos, mas também a ter acesso aos instrumentos que garantem tanto cumprimento como o usufruto deles. A escrita argumentativa é sem dúvida um desses instrumentos de inserção social.

Pautada na importância dessa escrita, a presente pesquisa teve como objetivo principal incentivar os alunos a desenvolverem a argumentatividade a partir de textos opinativos menos complexos, para serem capazes de identificarem, selecionarem e organizarem argumentos em prol da defesa de um ponto de vista. Para isso, as atividades elaboradas foram baseadas na teoria da metacognição de Flavell (1979), permitindo que os alunos não só executassem as tarefas, mas também refletissem, tanto individualmente como em grupo, sobre o processo de execução. Essa pesquisa foi desenvolvida em uma escola da Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro, em duas turmas de 9º ano do Ensino Fundamental, uma vez que os alunos apresentaram diversas dificuldades no primeiro contato com esse tipo de escrita. Embora a maioria deles tenham aderido à pesquisa, somente um terço frequentou as aulas e participou efetivamente das atividades.

Para traçar um plano de ação, foi realizada uma avaliação diagnóstica cujas questões visaram estabelecer os problemas que deveriam ser sanados na mediação didática. Foram constatados, por exemplo, que a maioria dos alunos não conseguiam distinguir fato de opinião e identificar o tema da discussão. Também foi visto que, ao propor que opinassem por escrito, muitos alunos copiaram partes do texto temático. Dessa forma, as atividades estipuladas a partir dos resultados dessa avaliação tiveram como objetivos específicos ensinar os alunos a identificar o tema de um texto, diferenciar fato de opinião, reconhecer e usar pelo menos um argumento para embasar sua opinião, partindo da prática oral para a prática escrita, usando, para isso, atividades metacognitivas.

Para o primeiro objetivo, foram elaboradas atividades pelas quais os alunos compreendessem o tema e o distinguissem do assunto geral. O resultado foi satisfatório, já que no decorrer dos textos produzidos, a adequação ao tema aumentou de 30,43% no primeiro texto para 91,3% no último texto. Para o segundo objetivo, os alunos foram instruídos a distinguirem fato de opinião a partir da observação de cenas e da conceituação dos termos, partindo dos seus metaconehecimentos. O resultado também foi promissor, uma vez que houve uma redução de 24,61% para 6,89% de respostas erradas. Já o terceiro objetivo, por envolver propriamente a escrita argumentativa, pressupõe atividades mais complexas, que demandam mais tempo para serem realizadas com êxito. As atividades elaboradas para esse objetivo tiveram o intuito de que o aluno fosse estimulado a opinar oralmente e por escrito, posicionando-se de forma clara e objetiva e usando, pelo menos um argumento para sustentar seu posicionamento. A expectativa, a partir dessas atividades, era o surgimento de argumentos novos nos textos produzidos no decorrer da mediação didática. O resultado foi satisfatório, se for considerado que em muitos textos na avaliação diagnóstica não havia argumentação e os que apresentavam algum argumento, era restrito a uma justificativa introduzida por uma conjunção explicativa. Foi possível constatar pela análise das sequências textuais que alguns alunos experimentaram a exemplificação e a contra argumentação em seus textos, indicando um avanço na escrita argumentativa desses alunos.

Diante desses resultados, a hipótese de que, proporcionando atividades baseadas em textos argumentativos mais simples, como os comentários de conteúdo opinativo postados na internet, os alunos seriam estimulados a debater e a interagir, foi confirmada. Da mesma forma, o uso de estratégias metacognitivas no aperfeiçoamento da escrita argumentativa mostrou-se como uma proposta pedagógica produtiva. Mas cabe salientar que as atividades realizadas nesta pesquisa não esgotaram as possibilidades de uso dessas estratégias, tendo em vista que as atividades de reescrita, seja individualmente ou coletivamente, poderiam ter surtido resultados melhores.

Ainda assim, esta pesquisa demonstra que é possível, por meio de atividades que estimulem o aluno a executar as tarefas de forma consciente, a refletir sobre o seu fazer, trabalhar a escrita de maneira mais eficiente, com resultados mais consistentes. Estima-se que o trabalho desenvolvido nesta pesquisa sirva aos professores que pretendam ensinar a escrita argumentativa aos seus alunos, principalmente no Ensino Fundamental, nível de escolaridade em que o contato com a tipologia argumentativa é feito de forma mais sistemática.

Cabe ressaltar que os resultados obtidos com esta pesquisa não representam o máximo de desenvolvimento que pode ser obtido. Quando se planeja atividades metacognitivas para o desenvolvimento de habilidades de autoavaliação e autorregulação, o professor também as desenvolve, à medida que teoria e prática vão se completando ao longo da mediação pedagógica.

Como o trabalho aqui produzido compreendeu apenas uma parte do período letivo, não foi possível modificar as estratégias e aplicá-las com a finalidade de ajustá-las aos objetivos. No entanto, essas observações servirão para futuras aplicações desta pesquisa. É claro que não há uma limitação para essas práticas, já que cabe ao professor avaliar as mais promissoras, conforme a necessidade de sua turma.

Sugere-se, então, que, nas atividades da etapa escrita, sejam aplicadas fichas de autorregulação que permitam ao aluno pensar sobre as suas ações antes, durante e depois de emitir sua opinião. Sentenças como: antes de opinar, eu me baseio em experiências...; para opinar, eu começo escrevendo sobre...; depois de opinar eu... seguidas de outras que possibilitem ao aluno tornar-se consciente do seu processo de aprendizado. Também o uso de fichas avaliativas dos textos argumentativos, que podem ser usadas para a autoavaliação como também para a avaliação coletiva. Os critérios que constituiriam essas fichas seriam estabelecidos por etapas, por exemplo, primeiro os critérios de adequação ao tema, depois os de posicionamento e, por último, os de argumentação. Dessa forma, conhecimentos complexos seriam apresentados paulatinamente, dando-lhes tempo para internalizar os conceitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: Introdução e Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL, Secretaria de Educação Básica. **Base Comum Curricular Nacional – Terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: Introdução e Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 2017.
- BRAKLING, Kátia Lomba. **Trabalhando com artigo de opinião: re-visitando o eu no exercício da (re)significação da palavra do outro**. In: ROJO, Roxane (Org.). *A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCN*. São Paulo: EDUC; Campinas, SP:
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. São Paulo: Mercado de Letras, 2006.
- BRUNER, Jerome, S. **Sobre a teoria da construção**. São Paulo: Ph Editora, 2006.
- DE LUCIA, Nelsi Lacon de e HOCEVAR, Susana Ortega de. **Cognición, metacognición y escritura**. Revista Signos, 2008. Universidad Nacional de Cuyo. Argentina. Mercado de Letras, 2000, p. 221-247
- DOLY, Anne-Mary. **Metacognição e mediação na escola**. In: Grangeat, M. (Coord). *A Metacognição, um apoio ao trabalho dos alunos*. Porto: Porto Editora. P. 17-59, 1999.
- ENGEL, Guido Irineu. **Pesquisa-ação**. Educar, Curitiba, n. 16, p. 181-191, Editora da UFPR, 2000.
- FIGUEIREDO, Laura de; BALTHASAR, Marisa; GOULART, Shirley. **Singular & Plural: leitura, produção e estudos de linguagem**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2015.
- FLAVELL, J. H. **Metacognition and cognition monitoring: a new area of cognitive-developmental inquiry**. American Psychologist, v.3, n. 10, out. 1979.
- GRANGEAT, Michel. **A Metacognição, um apoio ao trabalho dos alunos**. Porto: Porto Editora, 1999.

- JOU, Graciela Inchausti & SPERB, Tania Mara. **A metacognição como estratégia reguladora da aprendizagem**. Psicologia: reflexão e crítica, Porto Alegre, v. 19, n.2 p. 177-185, 2006.
- MEYER, Bernard. **A arte de argumentar**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.
- KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Vanda M. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.
- KOCH, Ingedore V. **Argumentação e linguagem**. 8. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2002.
- _____, **Introdução à linguística textual: trajetórias e grandes temas**. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- LOCATELLI, Solange Wagner. **Tópicos de metacognição: para aprender e ensinar melhor**. Curitiba: Appris, 2014.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MONEREO, C. **Enseñar a consciência**. Disponível em <http://seneca.uab.es/monereo/>. Acesso em: 12 fev. 2018.
- PALOMANES, R.; MARIA, L. **Como inserir a escrita argumentativa em sala de aula**. In: Coelho, F. A.; Palomanes, R. (Orgs.). Ensino de produção textual. São Paulo: Contexto. P. 43-55, 2016.
- PORTILHO, Evelise. **Como se aprende? Estratégias, estilos e metacognição**. 2 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2011.
- RIBEIRO, Célia. Metacognição: **Um apoio ao processor de aprendizagem**. Psicologia: Reflexão e Crítica. V. 16, n.1, p. 109-111, 2003.
- SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ANEXOS

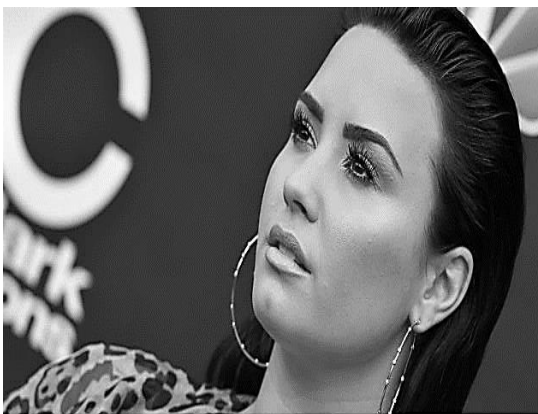
ANEXO A

O envolvimento de ídolos com as drogas não é novidade. Em alguns casos, o consumo de entorpecentes encerrou carreiras no auge da fama, como ocorreu com Amy Winehouse, Charlie Brown Jr. e outros. Recentemente foi noticiada a internação de mais uma estrela pop por consequência do consumo de drogas. Leia a notícia e os comentários abaixo feitos pelos leitores, em seguida responda as questões propostas.

A internação de Demi Lovato é um lembrete de que o vício é uma doença séria

A cantora é mais um exemplo desse problema de saúde crônico.

[By Lindsay Holmes, HuffPost US](#)



AXELLE BAUER-GRIFFIN VIA GETTY IMAGES

Demi Lovato foi levada às pressas para um hospital na terça-feira, supostamente por causa de uma overdose de drogas. Um mês antes, Lovato tinha revelado sua experiência com o vício no single "Sober" (sóbria). Na música, Lovato diz que teve uma recaída. Depois de sua internação, sua equipe divulgou um comunicado afirmando que a cantora está em estado estável e que "sua recuperação é a coisa mais importante agora".

A experiência de Lovato é um lembrete de que a recuperação do abuso de substâncias, uma doença crônica como tantas outras, pode ser um processo que leva a vida toda – e que pode incluir recaídas. Pesquisas mostram que o índice de recaídas de pessoas que convivem com o vício fica entre 40% e 60%, o que é comparável com os índices de recaídas de pessoas que sofrem de diabetes, hipertensão e asma. A diferença? O estigma em torno do vício leva muita gente a achar que a recaída é uma falha de caráter. Mas... alerta de spoiler: não é. As recaídas são devastadoras e dolorosas – e precisam de cuidados e tratamento –, mas os especialistas afirmam que elas não são sinal de fraqueza nem de problemas de caráter.

"Problemas de abuso de substâncias são doenças crônicas do cérebro causados por características biológicas e genéticas que estão essencialmente fora do controle da pessoa, além de fatores ambientais sobre os quais a pessoa tem somente controle parcial", diz Andrew Saxon, presidente do conselho da área de psiquiatria do vício da Associação Psiquiátrica Americana. "A moral não entra nessa equação de maneira nenhuma.

Além disso, assim como o câncer ou outras doenças, o vício não discrimina suas vítimas. A doença pode afetar pessoas de qualquer recorte demográfico, o que também derruba o mito de que o vício só acomete pessoas fracassadas, diz Jamison Monroe Jr., fundador e CEO da Newport Academy, um centro de tratamento de jovens que enfrentam o vício.

"O vício pode acontecer com qualquer um. Ricos e famosos, adolescentes de boas famílias, pais e todo mundo aí no meio. Ninguém está imune", diz Monroe. "Viver com o vício não faz de você uma pessoa 'ruim', e recaídas não significam que você seja fraco."

Ajudando quem corre risco

Entender que o vício é uma doença como qualquer outra é essencial, mas as pessoas próximas podem fazer mais que simplesmente dar apoio. Ter compaixão em silêncio não é suficiente. É preciso estar presente.

"Estudos mostram que a propensão ao relapso diminui quando as pessoas têm acesso a uma rede de apoio e mais capacidade de lidar com o problema", diz Monroe. "A recaída pode ser indicação de que a pessoa em recuperação precisa de mais apoio para manter-se sóbria."

Se você conhece alguém que lida com o vício e tem potencial de sofrer recaídas, veja como ajudá-lo:

Reafirme para a pessoa que ela não tem culpa.

O vício não define ninguém. "Quem tem problemas precisa de apoio e afirmações de que o comportamento que é parte do abuso de substâncias representa a doença, não a pessoa", diz Saxon.

Ressalte que você não está julgando a pessoa por causa da doença.

Pesquisas mostram que o estigma impede as pessoas de procurar ajuda. "Deixe claro que você não está decepcionado com elas e que você está lá para oferecer apoio durante a jornada", diz Monroe.

"Mantenha o otimismo se ocorrerem recaídas", continua ele. "Deixe claro para a pessoa que você acredita na capacidade dela de manter-se sóbria e viver livre das drogas."

Incentive a busca por tratamento.

O vício não é um problema agudo como uma gripe. É preciso fazer esforço contínuo para manter-se nos trilhos da recuperação. O apoio pode ser uma "mensagem constante de que tratamento pode ser necessário", diz Saxon.

"O tratamento do vício não é uma solução pontual, mas sim uma parte da vida de recuperação", diz Monroe.

Inclua as pessoas na sua rotina.

As parcerias são poderosas. "Se você tem hábitos saudáveis, convide-as para acompanhá-lo em parte de sua rotina, seja indo à academia regularmente, caminhando, comendo bem ou fazendo ioga", afirma Monroe.

Procure apoio para você também.

Não se esqueça de que a sua saúde mental também é importante. "Os parentes podem se beneficiar de grupos de ajuda, porque os membros da família também precisam de apoio", diz Saxon.

Celebre as pessoas que falam abertamente de problemas de saúde mental.



Tirar conclusões sobre o vício ou recaída de uma pessoa ou questionar histórias de recuperação não ajuda ninguém, diz Monroe.

"Em vez disso, deixe que as pessoas falem sobre suas experiências. Isso ajuda a reduzir o estigma", explica ele.



"É importante que pessoas públicas como Demi Lovato continuem a falar sobre suas experiências, boas ou ruins", acrescenta Monroe. "Elas deixam claro que o abuso de substâncias é complicado, que ele afeta todo tipo de pessoa e que recaídas acontecem. Diminuir o estigma em torno da dependência e das questões de saúde mental é extremamente importante para fazer mudanças na sociedade."



Este texto foi originalmente publicado na seção **COMPORTAMENTO do HuffPost US e traduzido do inglês. 01/08/2018 17:57 -03 | Atualizado 01/08/2018 17:57 -03*


***COMENTÁRIOS**



1  É fácil doer-se por Demi Lovato, quero ver os brasileiros médios se doerem pelo drogado no Centro de São Paulo.
Curtir · Responder · 1 d  20

2  Ai, gente 🙄 Parem.
Curtir · Responder · 1 d

3  Você tem toda a liberdade de dizer não. Então depois de usar, ficar drogado, viciado, não se faça de coitado.
Curtir · Responder · 1 d  5

4  Nem todo uso leva ao abuso, nem todo abuso resulta em dependência, nem toda overdose é resultado de dependência. Aliás, uma mídia séria falando em "vício" e não dependência é pra chorar.
Curtir · Responder · 1 d  4

5  "Problemas de abuso de substâncias são doenças crônicas do cérebro. Não é falha de caráter." Mas tá na matéria!
Curtir · Responder · 1 d

6  Se fosse um morador de rua da praça da Sé ou da Cracolândia ninguém ia se comover
Curtir · Responder · 1 d · Editado  3

- 7 **[Redacted]** Como alguém entra nesse mundo sabendo das consequências?
Curtir · Responder · 1 d  2
- 8 **[Redacted]** Pelo prazer de se desligar do mundo.
Curtir · Responder · 1 d  2
- 9 **[Redacted]** e depois entra num mundo bem pior.
Curtir · Responder · 1 d
- 10 **[Redacted]** Meu tio começou a usar drogas com 12 anos, foram anos da minha avó tentando tirar ele do vício, muitos começam a usar drogas no começo da adolescência e nessa fase da vida ainda não temos muita experiência de vida. Meu tio me disse uma vez que usava drogas para vencer a timidez e conseguir fazer amizades na escola.
Curtir · Responder · 1 d
- 11 **[Redacted]** normalmente é para superar algo pessoal mesmo. Muito triste.
Curtir · Responder · 1 d
- 12 **[Redacted]** Quero a mesma preocupação, condescendência e solidariedade com os viciados em crack que perambulam pelas cidades
Curtir · Responder · 1 d  1
- 13 **[Redacted]** Basta não experimentar que não vicia.
Curtir · Responder · 1 d  1
- 14 **[Redacted]** se é pobre é vagabundo. se é rico é doença. santa hipocrisia!
Curtir · Responder · 1 d   11
- 15 **[Redacted]** Viciada em que mesmo? A lembrei Drogas kkkk
Curtir · Responder · 1 d
- 16 **[Redacted]** Quando isso acontece nas classes menos favorecidas; são chamados: de viciados é vagabundos.
Curtir · Responder · 1 d  2
- 17 **[Redacted]** Não tenho dó nenhuma de viciados em drogas pois pra ser um viciado precisa se quer experimentar e quem experimenta é pq quer entao aguente as consequencia dos seus atos. Ninguem obriga ninguem a se drogar. Pronto falei. va pra pqp com porra de artista drogada 🙄
Curtir · Responder · 1 h
- 18 **[Redacted]** Doença não, ela e drogada mesmo.
Curtir · Responder · 23 h
- 19 **[Redacted]** Engraçado e o povo da cracolândia? Bando de Hipocrita!
Curtir · Responder · 1 d  1

ANEXO B

agora é as pessoas que escolhem o vício e o vício que escolhe as pessoas as vezes elas podem ir porque elas querem mas por muitas das vezes tem gente que influencia.

As pessoas entram no mundo das drogas, porque elas querem mas não sabem ninguém para ajudar elas, mas elas sabem que usar droga faz mal mas mesmo assim elas usam; mas no entanto elas sabem para elas sabem dessa vida

Uma não te faz como mo' pessoa, mas devido a tudo o que o substância te proporciona, as necessidades exposto o tudo isso. Realmente eu concordo com alguns comentários "Rico e tempo pobre e vago: sumo". A sociedade julga pelo ordem financeiro de um indivíduo, não pelo o que realmente fez ou qual mentalidade o pessoa teve para chegar onde chegou. Isso é um fato, as pessoas julga sem saber e que momento do question.

eu acho que isso deveria existir sobre todos, não uso por pessoas famosas.

~~Eu acho~~ Eu acho que ela precisa ter mais consciência de que ela estava fazendo, ela é uma mulher bonita mas implicitamente perde nos minutos das drogas. Ela precisa ter cuidado a vista de muitas outras coisas mas ela segue o caminho errado.

Para mim ela deveria saber que tudo tem sua quantidade e que se ela usar uma vez e usar outras vezes por fazer que ela esteja com certeza ela sabia que de alguma forma poderia ser um problema para mim ela nunca poderia ter se experimentado.

no mundo opaco, sabemos a certeza por levar uma pessoa
a sério, ela faz por que ela que

eu acho muito triste ver uma pessoa como ela e
centros serem iniciados, e em casos assim
as familiares das pessoas devem dar mais atenção,
ajudar no tratamento, mostrar pra eles que a
familia tá ansiosa para a recuperação deles.
Independente de classes sociais nós devemos dar o
mesmo apoio para ambas as partes.

De fato, ao se comentar sobre isto devemos pensar e pen-
-sar em todas as vezes que aquele individuo tenta relutar, po-
-rém o vício falou mais alto, ou seja, devemos nos colocar
no lugar dele e (para) ver que além de ter que enfrentar es-
-sa luta constantemente, precisa encarar as críticas dos de-
-mais. As vezes um certo comentário que possa parecer inocuo
pode levar a pessoa infelizmente a uma recaída, então o ser
humano realmente precisa sanar esses preconceitos de suas
mentes.

grande carreira dele com o consumo de drogas isso
acaba tendo muitas complicações como overdose, surtos (psíquico)
abuso de substâncias e outros.

Tala tinha consciência de que estava fazendo
coisas que ela tem tudo o apoio nessa recuperação
mas, por que os outros que são iniciados em
drogas não drogas e não uma droga?
eu acho que todos que tem este problema de
vício merece uma ajuda igual ela teve

quando isso acontece com as pessoas mas pobres
São chamados de vagalumbos, Sem noção, etc...

O abuso de substâncias de ilovato, provoca uma série de problemas psicológicos que pode se comparar com doenças crônicas, a recuperação pode levar a vida toda.

É um fato que é um tipo de doença, por que se a pessoa usa a vida que não é bom para ela, esta pessoa tem algum problema, só que não é bom e continua usando.

O abuso de substâncias de ilovato, provoca uma série de problemas psicológicos, que pode se comparar com doenças crônicas, a recuperação pode levar a vida toda.

Não cabe a ninguém julgar esse tipo de acontecimento, qualquer um está sujeito a passar por isso. Vai além de ser apenas um viciado e algo muito sério! Sabemos que isso pode levar a várias doenças, depressão, e até conflitos em casa. Muita das vezes as pessoas vão procurar uma "alegria", ou preencher algum vazio dentro dela (e) através das drogas. Ao invés de julgar, vamos nos colocar no lugar da pessoa, tentar ajudar e pensar no porquê dele ter experimentado aquilo.

Ninguém sabe o que se passa na vida dele, não podemos julgar a vida dele que está acontecendo. Eu não apelo, mas também não julgo. Infelizmente, mas acredito que não há um lugar certo.

É um fato sim que o uso de drogas é um vício e uma doença, grave. Quando alguém entra nesse caminho depois para sair é preciso muita esperança e muita ajuda, porque não há cura rápida, necessitada. É um problema que precisa ser tratado com muita atenção e com cuidado.

Todo o vício é uma doença séria e precisa de cuidados e tratamento, ressalta o que o próprio texto diz. Concordo plenamente quando o texto diz que a recaída não é uma falha de caráter, muitos pessoas usam para fugir de sua realidade e até para a morte.

Questão 0 - Agora é a sua vez de tecer um comentário sobre o texto.

Concordo com grande parte do texto... mas só entre nós, ninguém se obriga a usar drogas, se não quiser, ou alguém se INFLUENCIOU, ou não experimentou por achar que seria uma boa ideia.

Questão 0 - Agora é a sua vez de tecer um comentário sobre o texto.

Muitas pessoas acham que pessoas viciadas é viciadas porque quer. Não quem não sabe isso não pessoas suspeitar.
Pessoas viciadas também precisam de ajuda.

Questão 0 - Agora é a sua vez de tecer um comentário sobre o texto.

Eu não tenho experiência com isso mas quem usa é porque tá com problema ou quer experimentar mais é fazer sentir pena dos familiares que usam. E se for outra pessoa julga dizendo que é drogado que é um viciado que não tem mais nada pra fazer. Em vez disso ajude ele a parar de usar ou garanta que vai ser o de uma gran de ajuda.

Inúmeras das vezes a família desconhece o vício e o consumo, mas eles não conseguem ficar sem esse vício porque eles acham que se distanciam mais estarão mais perto. E uma hora pra voltar, se não não procurar um médico pode ser tarde demais.

isso foi o caso da Camilla Xuxa, o vício de não morrer e os viciados porque os amigos dele ajudou de levar ele pro hospital se não ele teria morrido.

Para mim são pessoas que não sabem cuidar a vida e acabam estragando ela mais, deidos não que usa essa percaria não sabem que faz mal? estão querendo se matar, não sabem o quanto é horrível perde suas famílias ou sua casa, seu emprego ser tratados como indigentes.

Muitas das vezes é uma amizade que termina ao longo, mais, pode ser problemas emocionais aí, as pessoas com esses problemas emocionais se sente forte usando drogas, e também tem as amigalões. No caso do Demi Lovato eu já acho que foi um problema emocional por isso dela ter suicida! Mais se ela sabe a que deixou a ela fazer isso então não pode agente criticar.

minha opinião é de que muitas pessoas usam drogas para esquecer os problemas que tem em casa, mais estes não sabem que fazendo isso prejudica muito mais, na saúde e fazendo que os familiares venham falar "lá vai o bicho". Como diz ali nos comentários se fosse um mercado de rua a Wall as redes sociais iria fazer um tema sobre eles? Já porque é famosa vão ficar em liberdade? Já um viciado na rua já esquece as coisas dizem que vai reubar? Eles precisam de ajuda e as pessoas já jogada com quem calar.

Por mais que ela esteja usando ela tem vontade e responsabilidade, mas ela só se esquece e se ela continua com isso vai sofrer as consequências... infelizmente não podemos falar nada

1º, acho sim que a pessoa tenha a opção de não entrar nesse mundo, porém caso isso aconteça é bem entendido que isso realmente é uma droga, que tem a dependência e que precisa de tratamento.

Eu acho que com os familiares ajudando a ajudar na sua vida e dia todo sendo responsável, então as pessoas queiram a ajuda e ele ajudar a ele mesmo

não é os problemas que escolhem o vício e sim o vício escolhem elas. então por isso é preciso ter certeza e pensar antes de sempre qualquer tipo de droga.

O texto é um ótimo texto. Acho ótimo
as pessoas acharem ótimo que todo vício
não é uma doença.

Eu nunca tinha pensado para pensar muito no assunto,
pois eu não tinha nenhum tipo de interesse em substân-
cias ou conheço alguém que use, mas agora que li es-
te texto, vejo que mesmo sem interesse em substâncias
ou coisa do tipo, é necessário saber que o problema
de abuso de substâncias é uma doença crônica
como todas as outras independentemente do causador.

Com um pouco de texto foi diz tudo!

"O vício pode ocorrer sem qualquer um. Ricos e famacões, adolecentes
de boas famílias, pois é todo mundo aí no meio. Ninguém está immune."

Eu acho que devemos se preocupar sim com os
pessoas, mas só acho que se fosse um pobre ou se não
ninguém estaria se importando, só porque é
famosinho ficam fazendo esse draminha todo.

Muitas pessoas a julgam por usar
drogas mais para ela e tipo de
consolo e ninguém nunca vai
entender até passar pelo mesmo
situação

Uma esse texto fala de um comentário muito importante sobre
de uma coisa muito simples que é um vício no
vida de pessoas suíça pode ser a vida toda.

É como falar na foto, temos que ajudar de alguma forma
(pelo menos falar). Se que nem sempre consegue ajuda,
fai o que aconteceu com o meu tio, não adiantou conversar.

Esses tipos de células e muito difíceis de sair de lá não
é igual um refúgio, e tem difícil de fazer
sair dele, por que quando eu não quanto mais usa mais
tudo que então nós tem como está valer porque eu preciso
porro, por tanto não uso esse tipo de coisa então
fica xiii.

É que eu tenho a dizer que entra no mundo dos drogas não tem
o caminho a morte e a saúde a pessoa que se ele
usarem drogas não tá olhando vai de olho e vai terminando
fazendo internados com overdose ou então padecendo de overdose
e olho que isso é ilegal e diferente que na outra da
avaliação, não tem perigo, cheia de não escama
mais de uma janela a vida do crime tá ali entra
quem quiser que chupado porque eu tá fora disso não
quero falar de drogas nenhuma diga não os drogas.

na minha opinião é uma doença a
vício sim, pois usa uma vez, que prende
a pessoa não consegue mais parar,
muitos pessoas fazem isso porque quer,
se acha uma doença sim.

~~Todos~~ Todos sabem os tipos que os drogas tem, não
acredito por doença, pois muitos pessoas estão "delirando", há
tem milhões de drogas no mundo. drogas, adultos, adolescentes.
Em baile não os que mais tem, e ninguém de importância.
Se por se pensar de importância? Não é verdade não
pois e então estão muito vacados há há há
tudo precisam de atenção e ajuda.

acho que não é culpa da cantora, pois como o autor a disse que
"assim como câncer e outra doença, o HIV não discrimina sua vítima"
então pode acontecer com qualquer uma pessoa.

É um assunto muito delicado, por é m que deve ser
mais cuidado no mesmo dia-dia. pois não realmente
quem precisa por esse tipo de tratamento e em
vezes de um alguém tão próximo da gente e que
precisamos ajudar-las.

Quem tem o vício de drogas pode ter consequência muito grave como as doenças hipertensão e asma. Uma pessoa ^{emba} não ^{que} sabe, não é fácil sair dessa rede de vício, quando a pessoa usa drogas e não que para ^{usar} ^{doença} ^{comum} O vício não é um "Como uma gripe precisa de tratamento para sair do vício."

Se a pessoa está usando drogas, ela sabe muito bem que terá consequências graves.

Meu comentário não devemos usar droga porque se vai nos atingir e acaba falando

Acho ruim que o vício em drogas é uma doença e pessoas que não opõe esse vício sozinho pode ter recaídas.

Se fosse um mercado de venda não ninguém iria comprar mais se porque é um fardo todo mundo se lembra

Sim, vício pode SIM, ser uma doença só acho injusta com outros viciados porque se fosse com anônimos eles seriam chamados de VAGABUNDOS. E vícios não são apenas de drogas pode ser também de álcool ou qualquer outra substância.

ANEXO C



[Redacted]

HÁ 8 MESES



Horrível o tratamento dado a Cacau nessa cena! Se fosse o traidor um homem isso seria assim? Lamentável!

4 3

[Redacted]

HÁ 8 MESES



Cena ridícula!! Mostrando o machismo brasileiro, como nossa sociedade é hipócrita.

5 7

[Redacted]

HÁ 8 MESES



Cena forte, mostrando que o homem consegue humilhar uma mulher mesmo sem dar um tapa. Ela não fez o certo, mas merecia respeito.

7 2

[Redacted]

HÁ 8 MESES



Roberval, vai morrer com seu próprio veneno!

21 10

[Redacted]

HÁ 8 MESES



Cena ridícula, forçada e completamente fora da realidade... grotesca, numa igreja aquela grosseria toda...forçada... um monte de gente assistindo e ninguém faz nada??? Toma o telespectador com idiota... absurdamente RIDÍCULA ...

13 7

[Redacted]

HÁ 8 MESES



ainda foi pouco humilhada espero que ele faça o restaurante dela falir

13 32

ANEXO D

Alexandre Loch Psiquiatra, é coordenador de pesquisas no Hospital de Clínicas de SP

OPINIÃO

27/10/2017 19:35 -02 | **Atualizado** 27/10/2017 19:35 -02

Foi só o bullying?

Se houvesse uma associação causal, a incidência de tiroteios em escolas seria muito maior, tendo em vista ele ser um fenômeno comum.



BODNARCHUK VIA GETTY IMAGES Estudo finlandês com nove mil adolescentes entre 14 e 16 anos observou que 17% dos meninos sofriam bullying.

Quando eventos que nos assustam acontecem, há uma tendência natural de procurarmos um culpado, pois aquilo que nos assusta é o que foge da rotina, do cotidiano, do habitual. Foge do normativo, do que estamos acostumados a ver todos os dias. E nós não lidamos muito bem com o estranho. Quando essa quebra normativa envolve a violência, o medo é potencializado. E queremos apaziguá-lo com algum tipo de informação ou explicação.

Foi o que aconteceu com o menino que saiu atirando em seus colegas em uma escola em Goiás. A primeira explicação, explicitada pelo autor dos disparos e abraçada por muitos, era a de que aquilo tudo tinha ocorrido por causa do bullying feito por seus colegas.

O bullying causa uma série de consequências danosas para o indivíduo, sim. Um estudo finlandês com nove mil adolescentes entre 14 e 16 anos observou que 9% das meninas e 17% dos meninos passavam ou já tinham passado por experiências de bullying. Ou seja, é um fenômeno relativamente comum, ao contrário do que muitos pensam.

Boa parte dessas crianças tinha sintomas ansiosos e depressivos, além de várias manifestações psicossomáticas. A média dessas manifestações era superior à observada em crianças que não eram vítimas.

O bullying leva a sentimentos de menos-valia e baixa autoestima e é por isso também que se associou frequentemente a uma maior taxa de distúrbios alimentares entre meninas. Esses achados todos foram replicados diversas vezes, em vários lugares do mundo.

Mas daí a inferir que o bullying gerou a morte dos alunos em Goiás é uma explicação muito simplista. Em nenhum lugar foi relatado que o bullying é gerador de homicídios.

O que pode se dizer foi que a discriminação foi um mero gatilho da violência ocorrida semana passada. Se assim não o fosse, se houvesse uma associação causal, a incidência de tiroteios em escolas seria muito maior, tendo em vista ser o bullying um fenômeno comum.

Sendo apenas um gatilho, precisamos olhar para algumas outras coisas.

Outros fatores

O bullying não é particularidade de escolas. Ele ocorre no ambiente de trabalho, nas famílias, na internet, em todo e qualquer grupo. Desde microgrupos, como pequenas salas de aula, até macrogrupos, como a sociedade. Só damos nomes diferentes a ele. Na sociedade, por exemplo, chamamos de preconceito e discriminação.

Como gosto de falar, todo grupo, para se fortalecer, vai eleger um elemento extragrupo para descarregar ódio. Esse mecanismo pode ocorrer em todos os grupos, independentemente de seu tamanho.

Por ser uma ocorrência comum (só ganhou um nome chique hoje, mas certamente na sua escola também tinha essa prática), passamos a pensar o porquê da reação violenta. Não foi um ato impulsivo-passional. O menino planejou a ação por dois meses. Foi uma violência programada.

Uma das coisas que li me chamou a atenção: **classificar o ato como bullying ou como uma brincadeira normal vai depender da vivência subjetiva do indivíduo.** Assim sendo, algo de errado havia com o subjetivo deste menino. Há aqueles que chegam na classe de aula, são satirizados e reagem com um xingamento, uma briga, um sopapo (o que talvez leve à cessação do bullying). Há aqueles que reagem retraindo-se. Há aqueles que se deprimem. E há aqueles (extremamente poucos) que atiram nos colegas. Tudo depende do subjetivo que foi construído na pessoa até aquele momento.

Portanto, infelizmente, uma quantia enorme de agressividade estava presente no subjetivo daquele menino.

Por qual motivo? Por causa da família? Pais policiais, arma em casa? Por causa da sociedade? Por conta da cultura? Por conta da agressividade dos colegas no trato com o menino? Permissividade da escola? Ambiente perverso em casa, na escola, ou com os amigos?

Não dá para saber ao certo, realmente. Talvez um pouco de cada coisa. Mas uma coisa podemos citar: a espetacularização de tais crimes por parte da mídia. O menino citou Columbine e Realengo. Casos que receberam enorme atenção da mídia. Pois essas coisas chamam a atenção, e a mídia quer plateia. Mesmo tendo uma incidência ínfima, tais crimes foram tratados como epidemia, a serviço do mercado.

É assim, também, uma agressão. São agressões que nos infiltram diariamente. E não percebemos.

https://www.huffpostbrasil.com/alexandre-a-loch/foi-so-o-bullying-a-23258172/?utm_hp_ref=br-vozes&ncid=fbklnkbrhpmg00000004&fbclid=IwAR06T22duwQyGQwyvx803nnFd-BqhYXhRtQfCCiS3n4cou3Y9w7i1hqhjiU

ANEXO E

... Vai mexe com quem ta quieto

Curtir · Responder · 1 a

... "Em nenhum lugar foi relatado que o bullying é gerador de homicídios". Alguem ta precisando estudar mais os massacres nas escolas e universidades dos EUA. Eu acho que o bullying foi um empurrão "necessario", desestabilizando o mundo interno do garoto a ponto dele cogitar e planejar o massacre. Agora, eu li na veja que o garoto frequentaria certos sites e teria ficado com a mente intoxicada com ideias nazi-fascistas, como achar que o holocausto trouxe beneficios ao mundo, ou usando "Adolf" como handler no skype. O caso dele não é tão simples a ponto de dizer que bullying explica tudo, mas não dá para desmerecer também.

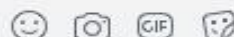
Curtir · Responder · 1 a

 18

... Isso pq ele tem sido doutrinado na escola.

Curtir · Responder · 1 a

Escreva uma resposta...



... questão é bem maior mesmo

Curtir · Responder · 1 a

 2

... Creio que o problema é que as pessoas reagem de forma diferente aos acontecimentos... O bullying sempre gera cicatrizes profundas. Imagine ser chingado diariamente: alguns acabam se matando, outros reagem de outra forma e acabando matando pessoas... a humilhação é raiz do ódio

Curtir · Responder · 1 a

 16

... Outra coisa, esse menino era fã do Bolsonaro, as asneiras violentas que ele fala influenciam negativamente nossos filhos.

Curtir · Responder · 1 a

 4

... Se o menino que atirou, tivesse se suicidado, os outros seriam os vilões. A verdade é que o respeito pelo outro está cada vez mais escasso.

Curtir · Responder · 1 a · Editado

 5

... Lógico que não! É gravíssimo praticar quase uma chacina simplesmente por conta do bullying. Apesar que a geração atual anda muito sensível!

Curtir · Responder · 1 a

... Bom artigp

Curtir · Responder · 1 a

Claro que não foi o único fator, mas é um dos mais fáceis de prevenir.

Curtir · Responder · 1 a



ta certo ele, eu quase matei todos na porrada e no chute na frente de todos e dai acabou tudo e todos sumiram e a maioria me criticou no dia seguinte.

Curtir · Responder · 1 a



O assassino!

Curtir · Responder · 1 a

O cara de Realengo tb foi vingança, mesmo que tardia, de bullying sofrido na adolescência.

Curtir · Responder · 1 a · Editado



Foi, o bando há muito abusava do coitado

Curtir · Responder · 1 a

O que??? Vocês são retardados da cabeça???? Alexandre Loch um babaca que não sabe porcaria nenhuma sobre psicologia. Dai o motivo de ser um psiquiatra, que não entende porra nenhuma sobre a mente humana! Só sabem entupir de remédios. Nos USA vários casos foram reparados devidos ao bullying! Que coisa mais absurda! Huffpost o lixo esquerdista postando essas merdas

Curtir · Responder · 1 a

Ja descobriram que o menino seguia e defendia sites nazistas e era bolsominion...Isso tem que ser dito tb.

Curtir · Responder · 1 a

Vocês já leram a reportagem que mostra o conteúdo das postagens, buscas de internet e conteúdo das trocas de mensagens do atirador?!

Curtir · Responder · 1 a



Este nome adotado agora ...
Sempre tv isto na minha epoca era na porrada ...
Agora cheio de mimi pra um rapaz que projetou ...
Se pegou e atirou tem que assumir e pagar pelo erro ...
Deu sorte não esta em norte america ...
Ai ou prisão pwrpetua ou pena de morte ...

Curtir · Responder · 1 a

Em nenhum lugar? Esse psiquiatra é meio desinformado.

Curtir · Responder · 1 a

Por outro lado, se ele não sofresse o bullying isso não teria acontecido. Só não ocorre essa reação mais vezes porque aquele que sofre o bullying não tem coragem e/ou meios para reagir.

Curtir · Responder · 1 a

or

Curtir · Responder · 1 a



Eduquem seus filhos antes que aconteça outro desastre. Ficam implicando sistematicamente com o colega e depois levam uma facada ou tiro e todos ficam se lamentando. Acho melhor educarem agora pra não se arrepender depois. O ódio é um sentimento poderoso e é capaz de coisas piores.

Curtir · Responder · 1 a · Editado



Concordo

Curtir · Responder · 1 a



A FOLHA É CONTRA
O VOTO OBRIGATÓRIO.
EU NÃO.

“O voto é um direito do cidadão, e não um dever. Sua obrigatoriedade revela uma faceta autoritária da política brasileira e torna a ida às urnas um mero cumprimento da lei, e não um ato de consciência. Por essa razão, os candidatos sentem-se menos comprometidos com o eleitor.” Essa é a posição da Folha.

Concordando ou não, siga a Folha, porque ela tem suas posições, mas sempre publica opiniões divergentes.

#Siga a **folha**

folha.com.br/ que: folha pensa

FOLHA
FOLHA DE SÃO PAULO

ANEXO G

Tema I: Legalização de aborto. ①

Posicionamento: Contra

Opinião: acho errado matar crianças inocentes.

Argumentos: Sou contra a legalização do aborto, porque existe vários tipos de preservativos para prevenir a gravidez.

Ex: camisinha, pílulas e outros.

A criança não tem culpa de que está acontecendo com os pais, se não quer criar o filho, há várias possibilidades de criar a criança em um orfanato, já que tem muitas mulheres querendo ter filhos, poderiam adotar.

Tema II - Justiça com as próprias mãos

Posicionamento: Não concordo com.

Opinião: Por que o Brasil já está com violência, imagine com a justiça com as próprias mãos.

Argumentos: Acho errado, pois que há tanta violência.

• Tema I - Legislação do estupro (2)

participativamente e oposição
Somos contra o estupro, pois apartir do momento que a pessoa tem relações sexuais obtém a plena consciência que esta conduta gera o geraci um filho.

Mas em caso de estupro, isto esta enquadrado no crime, logo que a mulher e violada sem seu consentimento acaba se tornando uma vítima da sociedade

complementar

No tratamento desse assunto trata deli- cada que e a "legislação do estupro". Somos contra pois a que fazemos com consciên- cia devemos encara com responsabilidade, entretanto no caso de estupro pode sem fazer a responsabilização de estur- tor, pois a mãe pode sofrer depressão e de sofrer a criança.

• Tema II - Justiça com os próprios meios

participativamente
Somos contra, pois existe a justiça do homem, para ser com a defesa da sociedade.

opinião (2)

Seu nosso dever como cidadãos não e lutar e nem julgar ninguém, de modo que temos os atributos especificos para cada assunto a ser tratado. Se fizermos a justiça com nossos próprios meios. Isto pode acaba gerando uma certa irresponsabilidade ou até mesmo um sentimento de raiva, odio e vingança.

complementar

Uma vez que algumas sem pensar na hora de lutar ou até mesmo de calar a quem fazemos e suas quepulsivamente pro- stamos não aceitar.

Tema I: Legalização do aborto (3)

posicionamento - Eu sou contra a legalização do aborto


opinião - Minha opinião é que uma criança não deve sofrer e viver fora do ventre de uma mãe humana. Então não deve ser legalizada a legalização do aborto

argumento - Porque a criança não tem culpa mesmo sendo estupro ou não. A mãe deve cuidar a criança de qualquer forma

Tema II - Justiça com as próprias mãos

posicionamento: Eu sou a favor da justiça com as próprias mãos.

opinião: Minha opinião é que deve sim ter justiça com as próprias mãos. Porque se alguém tem que ser punido

argumento: Eu sou a favor porque o cara arralta na rua e não acontece nada depois de algum tempo estar sendo arraltado de novo. 

Por isso sou a favor da justiça com as próprias mãos

Tema I - Legislação de aborto ④

Posicionamento: Contra

Opinião: Nós somos contra porque pode tirar a vida de uma pessoa e fazer a diferença na sociedade.

Argumento: Lucas - Eu acho que isso é horrível porque pode tirar a vida de uma pessoa que possa fazer a diferença na sociedade e além disso ninguém tem o direito de tirar uma vida. Só quem tira é Deus.

Bruno - Eu sou contra, porque está tirando a vida de uma pessoa inocente, que poderia ser uma pessoa importante.

Gabriel R. - Eu acho que o aborto é uma coisa muito ruim, pelo fato de tirar a vida de uma criança inocente que não tem nada a ver com os erros de seus pais.

Boaciel - Eu sou contra a legislação de aborto, pois em caso de estupro ou até mesmo a mulher não tem culpa por isso, mas essas opções que são oferecidas ficam por aí e depois querem tirar a vida disso, não reconhecem a criança tem nada a ver com o ideal.

Tema II - Justiça com os prisioneiros não

Posicionamento: a favor

Opinião: Somos a favor pelo fato de ser do Brasil que não adianta em nada.

Argumento: Lucas - Eu sou a favor por fato que nós mesmo podemos pagar a justiça por que do Brasil não adianta nada.

Bruno - Eu sou a favor porque as leis do Brasil não estão adiantando em nada.

Boaciel - Eu sou a favor porque na minha opinião a polícia de hoje não dá em nada fazerem porcaria nenhuma.

Gabriel R. - Eu sou a favor pelo fato de não estar de estupefado.

Tema I - Legalização do aborto (5)

posicionamento: A favor

Opiniões: A favor em casos de estupro porque a menina não pode carregar os pesos de ter um filho tão cedo e perder sua infância tudo por conta de um estupro no qual ela não tem culpa.

Argumentos: tem outra maneira de dar o bebê a criança a adoção, mas eu acho muito arrepiado de permanecer a gravidez, pois tipo vou dar um exemplo, "Uma menina de 13 anos é estuprada, e ela engravida", é um risco muito grande, Ela pode até morrer pelo fato de não ter nem o útero formado direito.

Tema II - Justiça com as próprias mãos

posicionamento: A favor

Opiniões: Se a pessoa que faz um assalto e rouba a um trabalhador que luta tanto para conquistar suas coisas e ainda passa por dificuldade no final do mês, eu acho muito justo que leve uma surra para aprender por que mesmo que seja preso a justiça do Brasil é muito fraca.

Argumentos: Eu sei que ninguém pode tirar a vida de alguém, mas realmente o cara rouba um trabalhador que lutou para ter aquilo, e vem um trembladinho menor de idade ainda por cima, daí é rouba um pai de família, isso é um absurdo, eu sou a favor de justiça com as próprias mãos sim, mas de verdade, pode muito bem aprender muito bem mesmo.

• — Tema 1 — # —

Posicionamento: Contra (6)

- Opinião:

Analisar-se em primeiro lugar o fato de o crime matar muitas pessoas inocentes, sem as menores razões. Por isso somos contra.

- Argumento:

É fundamental observar que em países desenvolvidos e ricos como França e Argentina, já legalizaram o aborto, em um país democrático é de muita importância o poder de escolher, e de livre opinião. Em nossa opinião achamos que o aborto é evitado pelo fato de morte de um inocente, e caso não tenha a capacidade de criação de uma criança, temos várias opções, como o parto.

• — Tema 2 — # —

Posicionamento: Contra

- Opinião:

Inicialmente devemos analisar como seria o país, sem uma ordem e com a justiça no mão de qualquer um por aí.

- Argumento:

Se somos a favor da justiça com os próprios meios não seria necessário a polícia e os demais setores da justiça. Seria uma loucura qualquer um fazer o que bem entender com o próximo, sem ordem e decoro. A justiça é coisa séria e não brincadeira, nunca devemos fazer o que bem entender.

Tema I - Legalização do Aborto

(7)

Tema II - Justiça com as próprias mãos

Posicionamento:

Opinião:

Argumentos:

Tema I,

Posicionamento: Contra.

Opinião: Bem, depende se a mulher foi estuprada ou não acho certo ela abortar, até porque a criança não tem culpa de nada, abortar para mim é crime eu não após a legalização do aborto.

Argumento: Bem, chegamos a essa opinião porque achamos que a criança não merece isso, até porque é inocente. É dependente de tudo não pediu para vir ao mundo, mais também não pediu para morrer.

Tema II

Posicionamento: Contra

Opinião: Sou contra, pois acho um absurdo a população tentar cometer um ato criminoso com as próprias mãos. Do meu ver, acho que o correto é chamar a polícia, pois o povo reclama tanto de roubo e violência que querem

pegar um criminoso quem agredir, eu acho super errado

Argumentos: Chegamos a essa conclusão pelo fato de considerarmos certo o fazer pois se nós fomos contra roubos e agressões, não devemos de igualar aos criminosos o melhor é fazer e chamar a polícia.

I. Tema:

(8)

Opiniões: A opinião de mesmo grupo que é composta por Daniel, Gustavo, Jean e Alexandre e que o aborto deve ser permitido para mulheres que são violentadas e forçadas a ter relações sexuais forçadamente, até mesmo por que as vezes a mulher não quer um filho, mas é obrigada por alguns a engravidar inocentemente.

Argumenta: As mulheres que são violentadas sexualmente elas pedem o direito de aborto por que elas as vezes não sabem quem é o Pai, se está com alguma doença transmitida sexualmente e etc... As mulheres que não foram violentadas elas sabem que iria ter consequências então na opinião de mesmo grupo mulheres que não foram violentadas sexualmente não tem direito de aborto.

II. Tema:

Opiniões: A Justiça com as próprias mãos não é boa e ruins neste grupo formado por Daniel, Jean, Alexandre e Gustavo. Somos contra a justiça com as próprias mãos porque sempre acaba em violência com morte por mais que a mulher ou o homem tenha feito sempre é bom chamar a polícia.

Argumenta: O nosso argumento é que a justiça com as próprias mãos não são muito contra porque se eles não bater nos bandidos eles não fazem tudo de neste mundo aqui por isso ~~tem~~ tem que fazer e dar uma boa lição nesses bandidos e depois chamar a polícia porque eles tem que aprender que só porque somos cidadãos eonestos e trabalhadores, que a gente não podemos bater nelas, mas eles estão errados por que se a polícia não dar conta deles alguém tem que chamar

Tema I - Regulação do aborto. ④

posicionamento: 4 centro não se deve regular por não ter a liberdade igual nos outros países.

opiniões: Não se deve por conta das crianças que vêm por vim, não tem culpa, as vezes da falta de irresponsabilidade das mães de hoje em dia.

argumentos: Nem só as mulheres que sofrem de violência querem aborto, por isso devem discutir o assunto a respeito disso.

Tema II - Justiça com as próprias mãos.

posicionamento: 3 o favor e 1 centro, 3 concordam que sim, 1 discorda

opiniões: 3 concordam porque a justiça é falha no Brasil, a lei brasileira não tem nenhuma eficácia a respeito de como combater a criminalidade.

8/8/19
A mulher tem o direito de decidir o futuro, a liberdade de ser mãe.

Argumento: Hoje em dia vivemos em completo caos no Brasil, muitas das pessoas concordam em fazer justiça com as próprias mãos e outros discordam pelo simples fato de não ser a coisa certa a fazer, cada um de nós decidimos como devemos tratar essas mulheres.

tema: legalização do aborto. (10)

→ posicionamento à favor (Ana)
argumento/opinião

Eu sou a favor porque muitas pessoas engravidam muito nova e sem condições de criar, ou é estuprada, ou até mesmo morrem na hora do parto, ou a criança nasce com algum problema, ou sem saúde.

→ posicionamento contra (Bruna, Claudiane, Lavinia)
argumento/opinião

Claudiane: Eu sou contra, pois eu acho que tem muitas preservativas, e não é preciso até mesmo aguardar até o final da gravidez e por a criança em algum orfanato, ou até mesmo dar a criança a algum casal de sua confiança.

Lavinia: Sou a favor pois é um caso que está tirando a vida do outro ser, é o mesmo que assassinato. Não temos direito de tirar vidas, isso inclui a do um feto, e também a vida de quem tem uma gravidez.

Bruma: Eu sou contra a legalização do aborto pois, o fato de tirar uma vida só porque a mãe e' de uso que não quer ou porque "mãe tem condição pra criar", e' um absurdo! A criança não tem culpa das ações dos pais e que mãe querem se prevenir

• tema: Justiça Com as próprias mãos

→ Posicionamento à favor (LAVÍNIA)

argumento/opinião

Certamente a justiça com as próprias mãos não é o mais recomendável pelas pessoas, pois em muitos casos as injustiças feitas não são certas. Como casos em que pessoas inocentes são punidas por um crime que não cometeram, ou pessoas matam e a moda é feito pra colocar a dignidade dessas pessoas de pé.

Fazer justiça com as próprias mãos significa necessariamente fazer um crime, há formas de buscar esta justiça, não atendida, como protestos. É um caso a pensar.

→ Posicionamento contra: (Bruna, Ana, Claudiane)
argumento/opinião

Claudiane: Eu sou contra pois eu acho que a criminalidade vai aumentar muito. Não temos hoje em dia, nem a justiça com as próprias mãos apropriada, já temos que a criminalidade é muito grande, ~~é~~ imagine com a justiça com as próprias mãos apropriada. Por isso sou contra.

Ana: Eu não sou à favor porque a criminalidade vai aumentar com toda certeza, já estamos vivendo de criminalidade mas eu, se optarem nós mesmos fazer a justiça com as próprias mãos nós vamos prender muitos mais mortos no cotidiano. As pessoas não têm capacidade para fazer justiça por si só e por isso sou contra. ^{o mundo}

Bruna: Eu sou contra porque com a delegação vai ter mais mortos.

Aluno (3): Carlos Henrique Gonçalves de Moura N° 39

Temas:

Aluno (3): Alon do C. Brito

Aluno (3): Guilen Costa N° 26

TEMA I:

(1)

chegamos a um consenso que somos a favor da "legalização do aborto" e achamos que cada um tem direito de fazer o que tem entendido com a própria vida.

TEMA II

Depende muito do ato que a pessoa vai fazer, tem muitos que são desnecessários, e uns que valem a pena fazer. mas os regras e melhor deixar por conta do próprio e não se duvidar logo pela razão.

tema I: legalização do aborto

(12)

Posicionamento: Contra

Contra porque não é a vida de uma criança inocente que não tem culpa de nada.

Porque existem muitas vidas para se preservar e se não se cuidar quem não quer, todo tem que acabar com suas consequências e não trazer a vida de inocente.

tema II: Justiça com os próprios meios

Posicionamento: A favor

Penso que se podem fazer mal para trabalhadores podem ser feito mal a eles também, são pessoas que sofrem com esse acidente, estúpidos etc. diariamente.

Porque se eles fazem o mal vamos voltar a quem, podemos fazer com eles também, devemos ser iguais.

Tema I - Aborto

(13)

Kayo: Posicionamento → Contra

Opinião → Aborto em caso de estupro já é legalizado, em caso de irresponsabilidade, "fichar as pernas" é bem mais fêtil e menos oneroso.

Argumentos → Porque é oneroso.

Washington: Posicionamento → Contra

Opinião → porque aborto é uma coisa cruel e ao mesmo tempo sem assustar.

Argumentos: é uma vida que eles estão durante de um Sur Tão "Bom", isso é muito errado.

Rayda: I → Eu sou super contra porque existem várias coisas de não engravidar e é muito fácil se prevenir então esse erro de não ser em casa de nós que atinge a criança e a mãe.

Carlos Henrique: I → Sou contra o aborto.

Porque assim você mata uma criança inocente de mãe.

Porque mesmo se você mata uma criança vai bater depois o arrependimento e muitas das vezes a pessoa não pode engravidar mais até mesmo morte no caso de cirurgia.

Tema: Justiça com as próprias mãos.

Washington: Sou a favor, essas coisas fazem várias coisas ruins o tempo todo e querem sair limpo da merda que eles fazem. Eu acho o certo, o que as autoridades não fazem temos que fazer.

Royce: Eu sou contra mas em alguns casos a justiça não faz nada se não tem como existir se a justiça pode mais forte não precisa ter isso, eu acho que a pessoa em alguns casos precisa ser punida.

Carlos Henrique: Sou contra. Mesmo se fazer justiça com as próprias mãos a violência vai continuar a existir.

Porque a justiça se faz passando os anos e o tempo. Porque você fazer justiça, se passar os anos a pessoa pode se arrepender e pedir perdão a Deus.

Kayo: Sou a favor. Nem sempre dá tempo de chamar a polícia. Com porte de armas, a pessoa poderia dar um tiro na perna do lado de, ou caso não haja outra opção ou tempo para pensar, ele pode até matar. O que se meu ver, é bem mais feio do que o sistema carcerário do Brasil.

em a favor ✓

yan
Suelen v. → Orinião: a legalização é um avanço
Rhyam → na sociedade brasileira. Pode mudar
a vida de muita pessoa.

yan
Suelen v. → argumento: Ryan: Eu sou a favor
Ryan → porque eu acho melhor a vida do que
ele nascer e se manter todo

Suelen v. Eu sou a favor porque é
sem melhor a pessoa. Não dá que a criança
nascer e se manter.

yan. Eu sou a favor porque,
alguma mulher pode ser estuprada
, ~~eu~~ não quero ficar com a criança.

em contra

Thiago
Wellington → Orinião: Eu não acho certo
mata uma criança.

Thiago
Wellington → argumento: sou contra porque se
Thiago → quiser evitar a gravidez, usar a camisinha.

Wellington: Eu sou contra porque as
crianças não tem culpa da gravidez
se ele não quiser ~~se~~ usar a camisinha

Ryan
Wellington > ^{Opinião} ninguém resolver uma
coisa. Quando, ^{ninguém} ~~para~~ resolver ~~o~~ ~~caso~~
e na fase da pesquisa, ~~pois~~ eles têm que
escutar um ao outro.

Wellington > ^{argumento} às vezes para resolver uma
coisa precisa de ~~ouvir~~ ~~ouvir~~ muito
~~de~~ que escutar as pessoas quando estão
falando. e resolver tranquilamente.

Ryan = argumentis

ANEXO H

Smith foi um dos intérpretes da música oficial da Copa, *Live it Up*, e acompanhou o jogo com o filho após apresentação na abertura da partida.

Junto com a imagem, o comediante escreveu o seguinte comentário: "Tenho quase certeza que o filho do Will Smith me pediu dinheiro ontem na esquina da Rua Haddock Lobo dizendo que estava olhando meu carro".



Rodrigo Fernandes ✓

@jbanguela

Tenho quase certeza que o filho do Will Smith me pediu dinheiro ontem na esquina da Rua Haddock Lobo dizendo que tava olhando meu carro.



REPRODUÇÃO/TWITTER

Não demorou para que centenas de usuários da rede social manifestassem repúdio ao tweet de Fernandes - que associa a imagem de um jovem negro a um pedinte.

https://www.huffpostbrasil.com/2018/07/17/esta-piada-do-comediante-rodri-go-fernandes-levantou-um-novo-debate-sobre-racismo-a-23484117/?fbclid=IwAR2oUVJsXPP34UiECCxL0K8kvgjjDa_yzC0AaGrktCKJpgReWJTrLbG00jk

ANEXO I

NOTÍCIAS

17/07/2018 17:34 -03 | Atualizado 17/07/2018 17:55 -03

Esta 'piada' do comediante Rodrigo Fernandes levantou um novo debate sobre o que é racismo

Comentário do criador do blog Jacaré Banguela virou um dos assuntos mais comentados das redes sociais nesta terça (17).

By Amauri Terto

Poucos dias após o episódio racista protagonizado pelo youtuber Júlio Cocielo, outro influenciador digital virou assunto por conta de uma "piada" também de teor racista.

Na noite desta segunda-feira (16), o comediante Rodrigo Fernandes, criador do blog Jacaré Banguela, compartilhou uma foto em que Will Smith aparece ao lado do filho Jaden Smith, na arquibancada da final da Copa da Rússia.



willsmith 
Стадион Лужники - Luzhnik Stadium Ver Perfil



Ver Mais no Instagram

 
2,771,619 gostos 

Adiciona um comentário... 

O cara só falou q ele parece um flanelinha. Se fosse um branco com a mesma roupa, a mesma cara, ninguém ia falar nada... Quanto drama

Curtir · Responder · 30 sem



São publicações assim que aumentam a estatística que comprova que existe muita gente racista! Pode até ter sido mesmo uma brincadeira mas, esse tipo de brincadeira não é correta em nenhum dos aspectos!

Curtir · Responder · 30 sem



Exatamente, o povo é mt idiota cara namoral

Curtir · Responder · 30 sem



concordo, brincadeiras assim não deveria aparece em redes sociais ou em lugar q outras pessoas possam ler e tira conclusões precipitadas

Curtir · Responder · 29 sem

Escreva uma resposta...



O cara falou que tinha quase certeza que o filho do will Smith estava pedindo dinheiro porque supostamente o jaden Smith estava olhando para o seu carro, pode ter sido um brincadeira mais nesse caso uma brincadeira que não teve nenhuma graça, agora a questão é se o cara falou pela cor de jaden ou pela roupa, assim que começar os pequenos casos de racismo!!

Curtir · Responder · 30 sem

Concordo cm você bruno e nessas brincadeira que começar o racismo

Curtir · Responder · 30 sem

Escreva uma resposta...



Sabemos que racismo e preconceitos de todos os tipos sempre existiram, não é um assunto atual, mas devido à facilidade das informações, devido a mídia, que polemiza tudo e torna um simples comentário um drama, que no caso do filho do Smith pode ter sido um comentário em relação a suas vestes, que deu a ele um ar de malandragem.

Curtir · Responder · 30 sem

Isso foi muita falta de respeito com o filho do Will Smith se tivesse visto ele não ia falar que tinha quase certeza pois ia perguntar o nome dele ou é ou não é, foi uma brincadeira sem graça. O racismo começar quando a brincadeira se tornar uma falta de respeito e consideração com a pessoa que nem conhece. Porque isso é errado e pode botar o cara até na Justiça com essa brincadeira. 😞

Esse comentário que ele fez querendo transformar em uma "piada" acaba refletindo no dia a dia de muitas pessoas, talvez incomode muitas gentes pois quase todo dia tem alguém nas ruas pedindo um dinheiro pra que você possa ajudá-lo, com essa piada ele meio que difamou a imagem dos flanelinhas que tentam ganhar seu dinheiro no dia a dia como se eles fossem qualquer uns jogados nas ruas, por causa do estado em que se encontra o filho do Will.. como se fossem mendigos ou drogados.

Curtir · Responder · 30 sem

O comediante Rodrigo fernandes associou a aparência do filho do Will Smith a um marginal.. Obviamente eh um ato de racismo" ou discriminação". É uma publicação onde muitas pessoas vão julgar errado oq ele fez, e de fato foi errado.. Porém, se pararmos pra analisar, nós mesmos ja julgamos e associamos a aparência do Smith a de um marginal... Alguma vez na vida... Msm sendo inconsciente... Oq se passa na sua cabeça quando diz "favela", "baixada", "pivete", "marginal"?? Por acaso vc pensou em uma pessoa "BRANCA engomadinha" ? OBS: Nao estou dizendo q so negros sao marginais! Mas essa eh a imagem q a maioria da sociedade pensa quando diz a palavra MARGINAL .

Curtir · Responder · 30 sem

Podemos ver que o comediante Rodrigues Fernandes, fez uma piada que já está gerando muitos acessos nas redes sócias, Rodrigues Fernandes está fazendo um ato de racismo sim, por causa da aparência de Jaden Smith, são nessas brincadeiras que tudo começa, o filho do Will Smith falou que ia olhar o carro do comediante, pode ser que ele realmente estava querendo algum dinheiro, mas ele não precisa de fazer isso para conseguir, pois ele e rico, as pessoas fazem as coisas pensando somente nelas mesmas, mas não pensa no que pode acontecer com a pessoa que está sofrendo de racismo, para o Rodrigues Fernandes isso e uma piada, mas para o Jade Smith e uma coisa muito séria.

Curtir · Responder · 30 sem



É, a cada dia me surpreendo mais... Acho que cada pessoa deveria se colocar no lugar do outro, racismo é algo que tem participado do nosso cotidiano e muita das vezes nem percebemos porque já estamos "acostumados" com isso. Talvez ele tenha falado isso sem imaginar que poderia repercutir tanto, e ao invés de tentar melhorar as coisas, ele continuou com o mesmo pensamento racista. É lamentável ver que ainda existe tanta discriminação, preconceito, intolerância, rejeição e outras milhares de coisas.

É triste saber que tem pessoas que se sentem melhores que outras... Devemos saber com quem estamos brincando e que tipo de brincadeira estamos fazendo, nesse caso pode não ter sido tão grave ao ponto de vista de algumas pessoas. Porém, existem brincadeiras que são desrespeitosas, e quando se trata de desrespeito não é mais uma brincadeira e sim começa a ser algo sério. Em certos casos isso pode ferir alguém, de uma maneira que muitos não irão perceber, mas só aquela pessoa saberá o quanto é ruim ser tratado de um modo diferente pela sua cor, pelo seu cabelo, pela forma de se vestir, ou por não ter condições, seja lá qual for a situação, mas já pensou em se colocar no lugar daquela pessoa? Somos todos iguais. Todos nós viraremos pó um dia e quando esse dia chegar vão perceber que não existe preferência para pessoas, independente de cores, tamanhos, área financeira... Talvez só entenderam que racismo é algo muito sério quando acontecer com a própria pessoa ou com alguém próximo, e para alguns pode ser até tarde demais para perceber que devemos respeitar uns aos outros. Somos todos iguais!

Curtir · Responder · 29 sem · Editado

Ele pode ter feito só uma brincadeira só que no mundo de hoje é difícil diferenciar uma brincadeira do racismo. Eu n sei se ele foi racista ou n mas temos que ficar de olho no que agente fala podemos cometer racismo sem nós saber

Curtir · Responder · 29 sem

Ele pode até ter feito uma brincadeira,so que foi uma brincadeira de muito mau gosto,porque se deu a entender que so porque o menino é negro e usa esse estilo de roupa,venha ser pedinte,muito ridículo o que esse cara falou

Curtir · Responder · 29 sem

Ele disse q tinha quase certeza q o filho do Will Smith pediu dinheiro a ele pq ele estava olhando o carro dele .

Isso só pd ser uma piada msm


Curtir · Responder · 29 sem




com certeza piada, vê se o filho do Smith teria essa coragem, só se fosse para zoar ele com um dos carros maravilhosos que ele tem

Curtir · Responder · 29 sem




 Pprt ele tem um monte de carro e vão lá e falam q o filho do Will Smith estava olhando o carro dos outros ai meu deus tenha paciencia

Curtir · Responder · 29 sem


 Escreva uma resposta...




 foi um ato de racismo sim, independente dele ter dito q era uma brincadeira, ngm ver como se fosse uma brincadeira, uma atitude ridícula, nem sabemos se o filho do Smith estava dando essa confiança para sair essa tal brincadeira, não gostei e achei racismo sim

Curtir · Responder · 29 sem



 Achei uma falta de respeito, pois só fizeram essa piada pelo jeito que ele está vestido ou pelo fato dele ser negro, achei uma ação de puro preconceito

Curtir · Responder · 29 sem

 Muitas pessoas acha tudo e brincadeira, com algumas pessoas a gente pode brincar com outras não então devemos tomar cuidado com o que falamos e com quem brincamos e se bobear essas palavras respeito, educação, amor ao próximo não vão nem existe mais

Curtir · Responder · 24 sem



Tenho quase certeza que o filho do Will Smith me pediu dinheiro ontem na esquina da Rua Haddock Lobo dizendo que tava olhando meu carro.

HUFFPOSTBRASIL.COM

Esta 'piada' do comediante Rodrigo Fernandes levantou um novo debate sobre o que é racismo

I [REDACTED] O cara só falou q ele parece um flanelinha. Se fosse um branco com a mesma roupa, a mesma cara, ninguém ia falar nada... Quanto drama

II [REDACTED] Tudo começa como uma brincadeira, como o autor da ação diz, mais devemos considera que nem todos levam assim, tão facilmente na brincadeira, achei um ato de racismo sim, comparou o Jaden com um pedinte, não estou dizendo q ser pedinte e uma coisa feia ou olha com outros olhos, infelizmente a sociedade vê isso como uma criança sem casa e meios de cuidar, os telespectadores ou fãs desse menino, ficaram revoltados por conta desse abuso que infelizmente não irá da em nada como sempre. Porque os racistas estão vendo que no fim das contas fica tudo bem, sempre o pano é passado, memória do povo é curta e eles ainda ganham uns fãs, acho um absurdo quem ainda segue esse comediante, que para ser famoso e abusado ou desrespeitoso com o público que lá na frente está ou irá rir de suas novas piadas.

III [REDACTED] Esse comentário que ele fez querendo transformar em uma "piada" acaba refletindo no dia a dia de muitas pessoas, talvez incomode muitas gentes pois quase todo dia tem alguém nas ruas pedindo um dinheiro pra que você possa ajudá-lo, com essa piada ele meio que difamou a imagem dos flanelinhas que tentam ganhar seu dinheiro no dia a dia como se eles fossem qualquer uns jogados nas ruas, por causa do estado em que se encontra o filho do Will... como se fossem mendigos ou drogados.

IV [REDACTED] Ele pode ter feito só uma brincadeira só que no mundo de hoje é difícil diferenciar uma brincadeira do racismo. Eu n sei se ele foi racista ou n mas temos que ficar de olho no que agente fala podemos cometer racismo sem nós saber

V [REDACTED] Achei uma falta de respeito pois só fizeram essa piada pelo jeito que ele está vestido ou pelo fato dele ser negro, achei uma ação de puro preconceito

ANEXO K

RIO DE JANEIRO

Microempresária morta após procedimento estético queria retirar estrias dos glúteos, diz amiga

Segundo testemunha, Fernanda Assis já tinha aplicado metacril para preenchimento das nádegas, mas não gostou do resultado e decidiu fazer novo procedimento

Por **RAFAEL NASCIMENTO**

Publicado às 13h59 de 15/10/2018 - Atualizado às 16h00 de 15/10/2018



Fernanda se submeteu a procedimento em casa com a falsa médica - Reprodução do Facebook

Rio - O procedimento estético ao qual Fernanda Assis, de 29 anos, foi submetida aconteceu na quinta-feira, dia 4 de outubro. De acordo com uma amiga da microempresária, que não quis se identificar, a jovem teria aplicado Aqualifit, um hidrogel modelador de glúteos e também utilizado para o tratamento de estrias.

Ainda segundo a testemunha, Fernanda esperou o marido sair para trabalhar e fez o procedimento em casa. Ela teria pago R\$ 2 mil pela aplicação a uma mulher. Fernanda também teria aplicado o produto nos lábios.

“Ela já tinha colocado metacril nos glúteos e como achava que estava ruim, ela quis fazer um preenchimento para tirar algumas estrias”, revela a testemunha. No entanto, Fernanda começou a se sentir muito mal três dias após aplicação do gel.

Na última segunda-feira, segundo a amiga, Fernanda teria passado muito mal, se automedicou e teve uma melhora aparente. Já na quinta-feira, secreções começaram a sair dos glúteos. Na manhã de sexta-feira, Fernanda então pediu ao marido que fosse levada ao hospital.

De acordo com a Secretaria Municipal de Saúde, Fernanda deu entrada no Albert Schweitzer às 8h50 de sexta-feira com edemas nos glúteos e rosto. Ainda segundo a direção da unidade, a microempresária reclamava de dificuldade respiratória. Na manhã de sábado, a vítima sofreu complicações e precisou ser entubada e, no início da tarde, sofreu uma parada cardiorrespiratória e morreu pouco depois das 14h40.

Muito emocionada, Izabelle Maciel, amiga de Fernanda, lembra que a última vez que falou com a amiga foi na madrugada de quinta-feira. "Ela já estava muito debilitada. Perdi uma das minhas melhores amigas", lamenta.

Segundo Natália Nascimento, parente da microempresária, Fernanda trabalhava na clínica de bronzeamento que tinha em casa, em Anchieta, e no período da noite ajudava o marido em uma loja de lanches em Nilópolis, na Baixada Fluminense.

A manicure diz que Fernanda sempre foi uma pessoa muito boa, carinhosa e ajudava muito os sobrinhos. "Ela era a caçula de cinco irmãos. Os pais estão desesperados e a mãe está a base de remédio na cama. A pessoa que fez isso tem que pagar. Ela tem que se entregar", afirma. "Sabe o que é mais absurdo? Ela está oferecendo dinheiro para o Alex (marido de Fernanda) não prestar depoimento", completa Natália, que é concunhada de Fernanda.



Alex Fernando, namorado de Fernanda Assis, que morreu após procedimento estético - Estefan Radovicz / Agência O Dia

Acompanhado de uma advogada e de familiares, Alex Fernando, namorado da jovem chegou às 10h45, para prestar depoimento na 31ª DP (Ricardo de Albuquerque), que abriu inquérito após O DIA revelar o caso.

Alex conta que a responsável pelo procedimento ofereceu dinheiro a ele para que não contasse a ninguém sobre o procedimento. "Ela me ligou chorando pedindo para não falar pra ninguém que foi ela quem fez. Disse que vai me ajudar de qualquer forma. Ela me ofereceu dinheiro, me ofereceu tudo. Já a Fernanda pagou com a vida dela", lamenta.

A Polícia Civil já identificou a autora do procedimento estético em Fernanda e pediu a prisão da suspeita à Justiça. Ainda não há informações sobre o enterro da jovem.

De acordo com o delegado responsável pelo caso, Roberto Ramos, a partir da indicação de uma cliente na sua clínica de estética é que Fernanda entra em contato com autora do procedimento.

"Apuramos que no dia quatro de outubro a Fernanda fez um procedimento irregular em casa e colocou material impróprio no corpo. A partir de então, a jovem começou a se sentir mal e veio a óbito dias depois. Tudo acontece de maneira irregular porque a pessoa que fez aplicação não é habilitada e o local que aconteceu isso não era apropriado para que ela passasse por um procedimento. Por todo tempo a vítima ocultou a informação e por isso

em nenhum momento eles (os familiares) souberam o que aconteceu até que ela começasse a passar muito mal", explica Roberto Ramos.

Segundo o delegado, em um primeiro momento elas não se conheciam, mas depois passaram a trocar mensagens regularmente. "Pela aplicação, Fernanda pagou R\$ 1 mil. Uma outra mulher que fez aplicação com a suspeita não teve contra indicações ou não teve problema no corpo", conta.

"Essa pessoa que fez o procedimento sabia que a Fernanda não poderia receber um novo procedimento Mesmo assim ela tomou a atitude de fazer. Estamos investigando se foi um homicídio e se for ela indiciada com dolo eventual. Estamos apurando se essa mulher fazia procedimento em casa ou na casa das pessoas", completa Ramos.

'O que faço para parar de doer?', indagou microempresária para autora do procedimento estético

"Se arrependimento matasse eu não teria feito isso. Gastei tanto dinheiro para isso. O que faço para parar de doer? Eu não estou conseguindo dormir. Não aguento mais. Isso terá fim? Eu já comprei até remédio pra dormir e não consigo". Essas são algumas das frases ditas por Fernanda Assis por áudio à mulher que fez a aplicação.

Existem dezenas de conversas entre ambas que já estão em poder da Polícia Civil e que demonstram que a vítima estava desesperada e com medo de acontecer alguma coisa.

O **DIA** apurou que Fernanda não queria que seu namorado soubesse que ela estava se sentindo mal. "Por favor, eu não quero que o Alex saiba que estou assim", diz a microempresária em uma das conversas.

Antes de dar entrada no Hospital Municipal Albert Schweitzer, a mulher esteve na Clínica Camim, em Anchieta. Lá, recebeu um atendimento prévio. No entanto, por estar já bastante debilitada, o marido da mulher foi orientado a levá-la para outra unidade médica. Os investigadores já estiveram na clínica particular e estão com o prontuário da mulher.

'Ela não poderia realizar os dois procedimentos', diz dermatologista

Segundo a dermatologista Marlene Sessin, não é ideal usar o Aqualift nos glúteos. "O fato de ela ter já aplicado o metacril já contra indica de fazer qualquer outro tipo de procedimento por cima do que ela já havia feito. Não sei se elas sabiam, mas é certo que iria dar algum tipo de reação. Primeiro, que ela não deveria ter feito aplicação de metacril e segundo que não poderia ter sido usado outro líquido no corpo", diz Marlene.

O polimetil-metacrilato é um material que preenche o volume do tecido. Ele é usado como preenchedor para alterar algumas formas do corpo. "Esse é um procedimento conhecido como bioplastia. Alguns tipos de PMMAs são proibidos no Brasil pela Anvisa. A gente utiliza esse produto com ressalvas e só quando há uma perda de tecido. A gente quase nunca usa esse produto na dermatologia para esse tipo de caso (aplicação nos glúteos)", completa a dermatologista.

"O Aqualifit também é um gel e é usado em certas regiões do corpos — glúteos e coxas. Ele é um hidrogel com 98% de água e 2% de poliamida. Aumenta o volume e preenchi alguns locais. Esse é um outro produto que não usamos na dermatologia, pois esse produto não pode ser usado no Brasil. Esse produto é permanente assim como o PMMA. Se esse líquido é injetado em algum lugar, a gente não tem nem como reverter. Os dois produtos não são seguros e não podem ser utilizados, pois aqui no Brasil eles não são liberados para isso. Além do mais, a jovem não podia fazer isso. E, acredito que ela não tenha feito isso em local apropriado", conclui Marlene.

https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2018/10/5583599-microempresaria-morta-apos-procedimento-estetico-queria-retirar-estrias-dos-gluteos-diz-amiga.html?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=facebookArticle?fbclid=IwAR1YhYd-J3nbLDPF4WQ6ygjtCsISP0pVZ_gSJrI5v1MQ70xe-fmcnv4FfOc#foto=1

ANEXO L

Sinceramente eu acho que não vale a pena fazer procedimento estético, muitas pessoas morrem em busca do corpo perfeito mais se a pessoa quiser fazer nos temos que apoiar e não julgar, mais antes da pessoa fazer ele tem que ver se o lugar e confiável se o médico é confiável para depois fazer o procedimentos estético

Curtir - Responder - 22 sem

A vaidade extrema alcança um nível de desespero para ter a "beleza divina" tão grande que, muitas mulheres abusam de procedimentos estéticos para conseguir esse resultado. Mas, sabemos que não é bem assim que acontece! Essa jovem morreu Mas, não servirá como aviso para outras mulheres que não ligam se vão morrer ou nao. Infelizmente mas uma vítima da vaidade extrema! Quando isso vai acabar? Só o tempo poderá nos responder!

Curtir - Responder - 22 sem

Infelizmente, nos dias de hoje a vaidade está crescendo na mente das pessoas, por terem condições financeiras acabam fazendo modificações no corpo. Não satisfeitos com a sua natureza normal. Sabemos que existem casos que dão resultados satisfatórios feitas em clínicas especializadas, mas sabemos também que infelizmente no caso da Fernanda, atitude dela foi incorreta, pois ela resolveu fazer da sua maneira, que não deu certo

Curtir - Responder - 22 sem

Hoje em dia o que mais acontecer e isso, infelizmente !!
muitas mulheres e homens ponham a própria vida em risco por conta de um vaidade, um desejo corporal de ser um ser humano impecável ou muito desejado, havia tudo para dar errado. Tudo acontece de maneira irregular porque a pessoa que fez aplicação não é habilitada e o local que aconteceu isso não era apropriado para que ela passasse por um procedimento, é ainda mais se tratando do seu próprio corpo, acho que pessoas assim não assistem TV, só pode, hoje em dia o que mais se fala e isso, procedimento (vaidade), desejo do corpo e as veem isso o tempo todo e ainda tem a coragem de se submeter a certas situações de risco, apenas para se satisfazer ou se vangloriar na internet ou nas redes sociais, cada ação a uma reação, infelizmente pra ela chegou a esse ponto(obto), se o mundo, as pessoas de hoje não pararem c essa vaidade ou com esse desejo de serem maravilhosas e invejada a qualquer custo vão sempre levar a esse fim, no caso a morte !!

Curtir - Responder - 21 sem

Muitas mulheres e homens hoje em dia acham esse procedimento normal, mesmo essas pessoas sabendo que essas aplicações podem causar mortes eles(a) continuam em busca de um corpo perfeito, na minha opinião eu nao acho isso errado mas eu acho que essas pessoas tinham que ter mais sabedoria no que estão fazendo ou com quem estão fazendo, se o médico e bom ou confiável para que o procedimento corra corretamente.

Curtir - Responder - 21 sem

Essas pessoas só pensa como vão ficar, mas não pensa como vai ocorrer a cirurgia nem conhece a pessoa e confia nela para fazer essas coisas perigosas

Curtir · Responder · 20 sem



verdade, atitudes assim que prejudicam e acabam com a vida de muitas mulheres e homens

Curtir · Responder · 20 sem



Escreva uma resposta...



Eu acho que não tem necessidade de fazer isso com o corpo dela, Ela deveria ficar feliz com o corpo pois não é só a beleza física que importa. Uma vez fiquei muito doente e percebi que a saúde é muito importante, você pode ser maravilhosa aos olhos dos outros mas não vale em nada se sua saúde é fraca, receber elogios é bom mais ficar bem consigo mesmo não tem preço, aprender a se amar do jeito que é, É essencial para uma vida tranquila e feliz

Curtir · Responder · 20 sem

eu considero q vaidade vai muito acima disso q ela fez, mais o procedimento dela as vezes poder ter partido disso. As vezes nem é vaidade, mais sim ela não satisfeita c o seu corpo ou com o reflexo que ela via antes no espelho, a possibilidade desses procedimento darem certo e outros não, assim como aconteceu com ela. Não é o primeiro caso q vemos, e não será o último. As pessoas deveriam ter consciência das suas ações ou pelo menos investigar o tipo de pessoa que ela entrega seu corpo para ter esse tipo de atitude ou mudar ser jeito tão singelo de ser, e vaidade ? sim mais também um desejo de melhoria.

Curtir · Responder · 20 sem

hj em dia as pessoas não pensam bem,não pensam nos perigos q podem correr,não pensam q podem ficar com sequelas pra vida toda,não pensam q podem morrer ! hj em dia só querem ser "gostasas" aos olhos dos outros mas não pensam no mal q podem fazer ao próprio corpo.

Curtir · Responder · 20 sem

As pessoas nunca estão satisfeitas com seu corpo acham que podem chegar à perfeição. Não sou contra que as pessoas vá em busca de uma melhora para si, mas que seja feita de forma responsável, que busque profissionais de qualidade e competentes. A empresária da reportagem foi irresponsável com a atitude que tomou e claro que teria consequências, infelizmente ela faleceu mas sua morte deixou um alerta para quem quer fazer procedimentos estéticos. Não façam em casa, busquem clínicas de estéticas que sejam responsáveis.

Curtir - Responder - 20 sem

Muita gente mudando o corpo por se sentirem mal ou depressivas e acabam morrendo por descuidos de médicos, a empresária fez errado de querer mudar seu corpo perfeito e acabou se matando.

Curtir - Responder - 20 sem

As pessoas deveriam se amar mais, acho que antes de toma qualquer atitude em relação ao seu corpo. essa atitude dela só mostra o quanto somos francos em situações que relaciona nosso corpo, o espelho ou um comentário não nos defini e nem nos julga, e claro que se ela se olhou e não gostou do q viu ela pode mudar, mas sem tomar atitudes tão drásticas

Curtir - Responder - 20 sem

O que falta nas pessoas é mais amor próprio, as pessoas devem se amar pelo que elas são, foram feitas perfeitamente diferente umas das outras, e deveriam se amar do jeito que são!!

Curtir - Responder - 20 sem

Esse não é um dos primeiros casos relatados no Brasil, tem acontecido frequentemente e por falta de atenção e cuidado! Hoje, muitas pessoas querem ter uma beleza tão grande que recorre a um procedimento estético rápido e barato, acarretando sérios problemas logo depois da cirurgia. Infelizmente essa microempresária virou vítima dessa fatalidade e conseqüentemente, uma estatística.

Curtir - Responder - 20 sem

Lamentável mts mulheres morrendo por querer um corpo bonito que acabam fazendo esses procedimentos sem uma pessoa ideal pra isso , às mulheres de hj em dia não são MT satisfeitas com seu corpo e acabam morrendo por bobeira

Curtir - Responder - 19 sem

Triste é ver que uma pessoa morreu por conta da Vaidade,as pessoas tem que se amar mais,o que passa mais na televisão é isso mulheres que queriam mudar o corpo e acabaram morrendo,e essas mulheres continuam fazendo esses procedimento em casa com qualquer pessoa,eu não tenho nada contra mas pra fazer esses procedimento tem que ir em um hospital,um lugar seguro e Com um Médico bom também

Curtir - Responder - 19 sem

Essas pessoas de hoje em dia acha que vai durar pra sempre, se a vaidade chegar ou a estria aparecer não se preocupe pois isso faz parte do corpo e se Deus fez assim pra que mudar. Eu sei que e bom ficar sempre em forma e com o corpo bonito mais quem ti amar de verdade vai te amar de qualquer jeito então eu peço a Deus pra abrir as mentes dessas mulheres parar de ficar colocando coisas em seu corpo

Curtir - Responder - 18 sem

ANEXO M

Um pouco dos dois porque muita gente que cria e fica longe por
essa gente pode enviar uma mensagem ou fazer ligação ao vivo,
mas tem muita gente que não sabe usar o celular, pois fica tanto
tempo na rede virtual e esquece da rede real.

Eu acho que os celulares não afastam muito as pessoas, mas além
de ter lojas e centros abastecedores o celular é uma fonte de
comunicação entre as pessoas ainda mais quando as pessoas
meram longe uma da outra. Sem o celular não dá, mas a
pessoa tem que saber administrar o seu celular e o
celular e tem pessoas usam para trabalhar ou para fazer
o celular afasta um pouco porque as vezes as pessoas con-
tatar com você pelo celular e não se fala diretamente no celular.

Aproximo e afasta as pessoas, algumas se deixam
levar pelo ~~celular~~ do telemóvel, o maior das
pessoas ficam praticamente o dia inteiro nisso e dizem
não afastar do comércio e aproximam de outras
pessoas, pessoas de outros lados do mundo.
Mas quem não sabe usar, crianças de 6 a 8 anos
não devem ter acesso a esse tipo de informação,
dizem coisas como crianças normais.

Afastou bastante as pessoas, hoje em dia as
pessoas não se comunicam mais pessoalmente.
Por exemplo: eu e a minha amiga Vivian
somos amigas mas não nos falamos pessoalmente
só por celular, a gente pode estar numa parte
da outra mas com o celular na mão.

Na minha opinião o uso dos celulares está afastando as pessoas, porque
a gente não precisa mais ir na casa da pessoa a gente manda
uma mensagem que liga e pronto já mudou a comunicação, mas era
para ser assim, e uso das redes sociais também eliminou um pouco.

Na minha opinião aproximam como também afastam,
porque virtualmente falando, as pessoas se aproximam
mas por virtualidade. Por isso conversam e tal, mais também
afastam, porque não tem mais aquele contato que
tinhamos antes, como, conversar pessoalmente, horas e horas,
bater papo, e etc... Tem gente que só se fala pelo
aparelho comunicador, mas esquecem que existem em
um mundo, não na tecnologia.

Sinceramente, infanteu as pessoas uma das outras fisicamente. Mas, por outro lado, aproximou pessoas que moram longe umas das outras. E vejo a facilidade de comunicação pelo celular muito útil. Porém, do mesmo modo que nos ajuda no dia a dia para resolver muitos problemas, os aparelhos nos prende de uma forma que não conseguimos prestar atenção nas pessoas que estão ao nosso redor.

Aproximou apenas virtualmente, fisicamente afastou muito.

Eu uso o celular quase que me afastando das pessoas, pois eu fico tanto no celular que acabo me distanciando das pessoas, das meus pais principalmente, acabo que fico trancafiado no quarto vendo no celular, e não me comunico de olho a olho com as pessoas. Isso acaba me fazendo muito mal.

Com o uso do celular, deixou as pessoas afastadas, por que muita gente está online por causa de celular, muitas pessoas não estão mais conversando pessoalmente, mais sim por telefone. Tem sua vida sem mais tomar seus lados ruins.

Não vou mentir não muito as redes sociais, mas irei concordar com o texto pois as redes sociais é um prejuízo para o mundo pois muitos adolescentes e crianças ficam viciados os adultos nem tanto mas ainda existe alguns que ainda entram neste mundo virtual. As redes sociais não muito ruins mas também não deixa de ser um perigo.

Eu acho que não muito bem porque as pessoas ficam viciadas nos seus jogos, eu acho que atrapalha mas as pessoas porque é um meio de comunicação eu acho mais fácil.

Eu acho que não afasta mas os jovens por que quando tem a vontade de jogar, tem a vontade de jogar sem du' a pessoa ou mais para que não. agora não se manda mensagem e tá sem não tem mais o olho no olho.

A tecnologia afastou sim as pessoas, mas há mais a intimidade de uma boa conversa, está cada vez mais comum.

Na maior parte do tempo mexemos no celular e isso tem nos afastado das pessoas. Na maioria das vezes, priorizamos mais um celular do que nossa própria família e não percebemos que estamos perdendo momentos preciosos. As pessoas tem buscado muito hoje em dia a felicidade num celular e numa rede social e estão esquecendo dos valores, e das pessoas que realmente sempre estiverão ao nosso lado.

O uso excessivo do celular pode aproximar as pessoas virtualmente, porém pode afastar elas das pessoas fora do celular, a pessoa com o passar dos dias em que ele fica "atirado" no celular ele não interage mais com a família, com os amigos, estas pessoas já não conseguem mais ter uma conversa olho-a-olho, elas não pensam no celular.

Afastou e aproximou ao mesmo tempo, por um lado as pessoas não se comunicam por meio do celular, e quando estão juntos assim ficam o tempo todo no celular, isso acaba afastando as pessoas umas das outras, mas existem mais conexões precocemente nos olhos. O celular por um lado afastou muito as pessoas. Facilitou a comunicação, com certeza vamos poder nos comunicar facilmente com parentes de outros estados e até mesmo de outros países.

Eu acho que afastou as pessoas da conversa cara-a-cara, por outro lado, a comunicação ficou mais rápida e fácil. Hoje não é necessário ir ao correio para escrever uma correspondência para alguém que mora longe. Tudo tem seu lado bom e seu lado ruim, a internet e os novos meios de comunicação tem há seus benefícios, porém tem os seus prejuízos e consequências quando usado excessivamente.

Uso em excesso é bom. Usar muito o celular pode acabar afastando as pessoas, porém, muito usado pode se comunicar com parentes distantes apenas por meio desta tecnologia.

Reportar. São boas e também ruins. Por ter tanta tecnologia disponível. Seria de aproximar, ou talvez afastar.

Hoje em dia as pessoas só ficam no celular. Seria de conversar, ler, ouvir. É jogar jogos no celular.

A pessoa tá tentando conversar mais a outra só tá no celular.

A tecnologia é feita para aprender, estudar e não ficar perdendo tempo com tecnologia. Pois o tempo não espera.

O uso do celular era pra ser usado poucas vezes para mensagens, ou se não tivesse mais de comunicação direta, do que acabou sendo usado para outros meios, sim, é uma forma de passar o tempo nos dias onde tem mais pra fazer, ainda sim é usado mesmo nos momentos em a família. Eu diria que afastou sim as pessoas, mas também uniu outras, as pessoas só tem que usar menos os celulares.

na maioria afim de as pessoas nos celulares, até as crianças, estão se usando mais e mais
tem por que tudo que as pessoas fazem é pelo celular, e isso não está ajudando nada que algumas
faça alguma coisa por muitas vezes

Afasta muitas pessoas não para mais redes sociais sem perceber
e acabam se afastando mais e mais do mundo real
as famílias não conversam mais, as pessoas estão
perdendo muitas coisas no mundo.

rele que aproxima muitas das pessoas, eles estão ficando, mas pelo lado
neste caso a distância não é física, falando de distância eu me refiro a
filar digital.

O uso excessivo de celular afastou muita gente de pessoas próximas e aproximou
aquelas pessoas que não queriam não ir.

Afastou quem o lado bom o bom é que é mais prático, por
outro lado, perde tempo e se tiver algum compromisso acaba
se atrasando.

Temos que ~~o~~ incentivamos a população a usar
sem ~~o~~ mundo real, porque se celular não
e bom tem muitos usos, porque se celular
confortavelmente, as crianças estão mais brincar
um pouco mais o uso de literalmente
querer um celular porque se massa popula-
ção, que os tem vindo, isso de fazer algo não
ficam no celular. Literalmente a mala
hora do dia.

Na minha opinião o uso de celular é muito importante por-
que facilita muito, não precisamos andar para fazer uma mes-
sagem, muito útil na hora de comprar, ligar e coisas
de tipo, muito prático também. Então podem usar porque
é fácil, adultos, adolescentes e crianças também na ~~escola~~
na hora de usar, então se afastou aproximou muitas
pessoas, mais aproximou muita mais pessoas de longe
porque das coisas de SMS é muito útil para fazer
amizades com pessoas que moram longe de casa,
e isso na minha opinião aproximou muita mais do que distan-

Infelizmente afastou, mata-se que cada vez mais vai aumentando
do uso. Então esse meio de comunicação é extremamente
útil em casos de necessidades e não para ser utilizado o dia
inteiro. O uso precisa, ou melhor necessita ser usado com
moderação, mas não é isso que estamos observando no dia a
dia, pois diversas atividades simples como andar de bicicleta,
caminhar, conversar pessoalmente, enfim, estão sendo deixadas
de lado.

Faculdade de Ciências

Afastou quem hoje em dia as pessoas não
precisam mais sair de casa para comprar alguma
coisa, já acaba tudo e possível pela internet.

AFASTOU, tipo as pessoas conversando, ali conversando, um do lado do outro, por mensagem e com uma certa conexão q em muitos lugares.

Eu acho que as pessoas tem que deixar um pouco de lado o uso do aparelho e conversar mais no seu cotidiano.

Para mim afastou as pessoas e familiares as pessoas viaçadas preferem ficar online do que conversar com sua mãe seu pai e sua família ele prefere a maioria de tempo conectada em aplicativos de relacionamento.

Depende da parte do objeto, as pessoas tem se aproximado / Também se afastado, pelo nos redes sociais também existem muitas coisas! E muita falta de paciência que tenta de não comunicar, há em dia, mas, tem no dia e num tempo muito qd tem se afastado por outras coisas.

na minha opinião afastou mais as pessoas uma das outras, porque quando não tinha celular as pessoas se comunicava mais com as outras pessoas, agora se eu estiver no quarto e minha irmã estiver na cozinha de um momento uma mensagem em, então na minha opinião o celular afastou muito as pessoas.

Eu acho que o celular fez as coisas se afastar quem tá próximo e aproxima quem tá longe mas a coisa não é bem assim por ser um meio de comunicação e se conectar não como celular mas um instrumento. O celular é um ótimo instrumento de comunicação e se tiver a mão dele que as pessoas fazem coisas por isso um celular se seu objetivo é poder fazer uma ligação de emergência por ser dele para se comunicar com parentes distantes.

Minha opinião é, que se uso excessivo de celular
nem deixando a liberdade de quem nem tirando
a infância das crianças afetando a vida que se tem
foam ruim para a criança

O uso excessivo do celular é uma coisa ruim,
pois afasta mais as pessoas, além de interferir
nos estudos das adolescentes e das crianças.
Como exemplo eu tem a minha irmã, porque
antes de ela usar celular, ela era uma aluna
excecente, depois que ela ganhou o celular, ela
virou uma aluna mediana mas o celular também
é importante para a comunicação e não
é ruim para algo ruim.

Agora, com a tecnologia que está hoje em dia, muitas famílias
que até mesmo adultos acabam infelizmente se distanciando
dos seus familiares, e acaba se prejudicando. E hoje em dia
é "sem melho" a comunicação pelo uso das aparelhos
celulares.

Bom, na primeira vez que entrei em uma
escola nova tinha medo de socializar então
acabei me isolando e comecei a usar o
celular para ter uma desculpa para não
falar com ninguém. Depois de um tempo
fiz amizade com todos e me senti muito
mais feliz do que estando preso no celular.
É muito bom usar o celular mas nunca
devo melho que uma conexão olho no olho.

O uso do celular está afastando as pessoas sem
consciência de que muito poderia ser feito sem
isso. Mas a tecnologia não vai se voltar
para o telefone. Se não vão muito amigos de

Se as pessoas não usam muito, igual a aplicação de
30pp muito pessoas passam a memória de se tempo
na frente do celular, e não tem o tempo passado.
e até mesmo perde familiares por causa do uso
do celular.

Atualmente o uso excessivo do celular tem prejudicado a vida das pessoas o uso da internet pode até gerar morte porque está passando dos limites.

Os celulares afastam totalmente as pessoas, toda a época da comunicação se foi. Por exemplo, crianças de falar por celular, mãe, pai e filhos se falavam por celular, crianças nascem com celulares, tablets e computadores na mão. Precisamos de mais atenção e comunicação com familiares e o mundo.

A chegada dos aparelhos celulares afastou as pessoas, pois as pessoas de hoje em dia estão com o celular na mão. Exemplo por no celular direto.

~~Comunicação~~ Comunicação de uso celular afastou muito as crianças e os adultos. Elas brincam na rua, até das famílias, o uso de celular e as pessoas estão muito apegadas em de rede social em jogos etc.

Afastou, hoje em dia muitas crianças deixam de brincar nas ruas para ficar jogando no celular, e até mesmo, adolescentes e adultos mas o lado bom é que por alguns aplicativos podemos nos comunicar com os nossos parentes.

Apareceu por as pessoas terem de falar por Email, mensagens e muito mais por falar com muitas pessoas de longe mas se aparecerem não mais quando e muito ruim por que não se pode falar quando com um celular.

ANEXO N

SEQUÊNCIA DE TEXTOS

ALUNO A

agora é as pessoas que escolhem o vício e o vício que escolhe as pessoas as vezes elas podem ir porque elas querem mas por muitas das vezes tem gente que influencia.

Muitas pessoas acha tudo e brincadeira, com algumas pessoas a gente pode brincar com outras não então devemos tomar cuidado com o que falamos e com quem brincamos e se bobear essas palavras respeito, educação, amor ao próximo não vão nem existe mais

Curtir · Responder · 24 sem

Essas pessoas de hoje em dia acha que vai durar pra sempre, se a vaidade chegar ou a estria aparecer não se preocupe pois isso faz parte do corpo e se Deus fez assim pra que mudar. Eu sei que e bom ficar sempre em forma e com o corpo bonito mais quem ti amar de verdade vai te amar de qualquer jeito então eu peço a Deus pra abrir as mentes dessas mulheres parar de ficar colocando coisas em seu corpo

Curtir · Responder · 18 sem

Um pouca dos dois porque muita gente que vicia e fica longe por mas agente pode manda uma mensagem ou fazer ligação no vício, mas tem muita gente que não sabe usar o celular pois fica tanto tempo na rede virtual e esquece da rede real.

ALUNO B

As Pessoas entram no mundo das drogas, porque elas querem mais nos não sabem ninguém para julgar elas, mas elas sabem que usar droga faz mal mais mesmo assim elas usam, mais nos devemos alertar elas para elas saírem dessa vida

O cara falou que tinha quase certeza que o filho do will Smith estava pedindo dinheiro porque supostamente o jaden Smith estava olhando para o seu carro, pode ter sido um brincadeira mais nesse caso uma brincadeira que não teve nenhuma graça, agora a questão é se o cara falou pela cor de jaden ou pela roupa, assim que começar os pequenos casos de racismo!!

Sinceramente eu acho que não vale a pena fazer procedimento estético, muitas pessoas morrem em busca do corpo perfeito mais se a pessoa quiser fazer nos temos que apoiar e não julgar, mais antes da pessoa fazer ele tem que ver se o lugar e confiável se o médico é confiável para depois fazer o procedimentos estético

Curtir - Responder - 22 sem

Eu acho que os clubes não afastam muito as Pessoas, Mas além de ter fazer o centro assistente o clube é uma fonte de comunicação entre as Pessoas ainda mais quando as Pessoas moram longe uma do centro. Sem o clube não, mais a Pessoa tem que saber administrar o sua própria vida. o clube é bom Pessoas usam para trabalhar ou para fazer o clube afasta um pouco porque as untes da Pessoa em-terrar com não celta a celta da sua vida no clube.

ALUNO C

Alto não te faz uma mo' pessoa, mais devido a tudo o que o substância te proporciona, as mesqui-
nidades respeito o tudo isso. Realmente eu concordo
com alguns comentários "Rico e tempo pelo e vago-
sumo". A sociedade julga pelo status financeiro de
individuos, não pelo o que realmente fez ou qual
mentalidade o pessoa teve para chegar onde chegou.
isso e um fato, as pessoas julga sem saber e fu-
ndamente do question.

Tudo começa como uma brincadeira, como o autor da
ação diz, mais devemos considera que nem todos levam assim, tão
facilmente na brincadeira, achei um ato de racismo sim, comparou o
Jaden com um pedinte, não estou dizendo q ser pedinte e uma
coisa feia ou olha com outros olhos, infelizmente a sociedade vê
isso como uma criança sem casa e meios de cuidar, os
telespectadores ou fãs desse menino, ficaram revoltados por conta
desse abuso que infelizmente não irá da em nada como sempre.
Porque os racistas estão vendo que no fim das contas fica tudo
bem, sempre o pano é passado, memória do povo é curta e eles
ainda ganham uns fãs, acho um absurdo quem ainda segue esse
comediante, que para ser famoso e abusado ou desrespeitoso com
o público que lá na frente está ou irá rir de suas novas piadas.

Curtir · Responder · 30 sem

Hoje em dia o que mais acontecer e isso, infelizmente
!!
muitas mulheres e homens ponham a própria vida em risco por
conta de um uma vaidade, um desejo corporal de ser um ser
humano impecável ou muito desejado, havia tudo para dar errado.
Tudo acontece de maneira irregular porque a pessoa que fez
aplicação não é habilitada e o local que aconteceu isso não era
apropriado para que ela passasse por um procedimento, é ainda
mais se tratando do seu próprio corpo, acho que pessoas assim
não assistem TV, só pode, hoje em dia o que mais se fala e isso,
procedimento (vaidade), desejo do corpo e as veem isso o tempo
todo e ainda tem a coragem de se submeter a certas situações de
risco, apenas para se satisfazer ou se vangloriar na internet ou nas
redes sociais, cada ação a uma reação, infelizmente pra ela chegou
a esse ponto(obto), se o mundo, as pessoas de hoje não pararem c
essa vaidade ou com esse desejo de serem maravilhosas e
invejada a qualquer custo vão sempre levar a esse fim, no caso a
morte !!

Curtir · Responder · 21 sem

Aproximou e olhou as pessoas, algumas se deixam
levar pelo ~~efeito~~ da tecnologia, o maiorio das
pessoas ficam praticamente o dia inteiro nisso e ficam
muito afastado da convivência e aproximou de outras
pessoas, pessoas de outros lados do mundo.
Mas quem são essas crianças, crianças de 6 a 8 anos
não devem ter acesso a esse tipo de informação,
devem ser ~~crianças~~ como crianças normais.

ALUNO D

Esse acho que isso deveria existir talvez todos,
não use por pessoas famosas.

Esse comentário que ele fez querendo transformar
em uma "piada" acaba refletindo no dia a dia de muitas pessoas,
talvez incomode muitas gentes pois quase todo dia tem alguém nas
ruas pedindo um dinheiro pra que você possa ajudá-lo, com essa
piada ele meio que difamou a imagem dos flanelinhas que tentam
ganhar seu dinheiro no dia a dia como se eles fossem qualquer uns
jogados nas ruas, por causa do estado em que se encontra o filho
do Will.. como se fossem mendigos ou drogados.

Curtir - Responder - 30 sem

Eu acho que não tem necessidade de fazer isso com o corpo dela. Ela deveria ficar feliz com o corpo pois não é só a beleza física que importa. Uma vez fiquei muito doente e percebi que a saúde é muito importante, você pode ser maravilhosa aos olhos dos outros mas não vale em nada se sua saúde é fraca, receber elogios é bom mais ficar bem consigo mesmo não tem preço, aprender a se amar do jeito que é. É essencial para uma vida tranquila e feliz

Curtir - Responder - 20 sem

Afastou bastante as pessoas, hoje em dias as pessoas não se comunicam mais pessoalmente. Por exemplo: eu e a minha amiga vivemos juntos mais não nos falamos pessoalmente só por celular a gente pode estar uma perto da outra mais com o celular na mão.

ALUNO E

~~Eu acho que ela podia ter mais consciência de que ela estava fazendo, ela é uma mulher bonita mas infelizmente perde nos minutos dos atores. Ela podia ter escolhido a lista de muitas outras formas mas ela seguiu o caminho errado.~~

Podemos ver que o comediante Rodrigues Fernandes, fez uma piada que já está gerando muitos acessos nas redes sócias, Rodrigues Fernandes está fazendo um ato de racismo sim, por causa da aparência de Jaden Smith, são nessas brincadeiras que tudo começa, o filho do Will Smith falou que ia olhar o carro do comediante, pode ser que ele realmente estava querendo algum dinheiro, mas ele não precisa de fazer isso para conseguir, pois ele é rico, as pessoas fazem as coisas pensando somente nelas mesmas, mas não pensa no que pode acontecer com a pessoa que está sofrendo de racismo, para o Rodrigues Fernandes isso é uma piada, mas para o Jade Smith é uma coisa muito séria.

Curtir - Responder - 30 sem



As pessoas nunca estão satisfeitas com seu corpo acham que podem chegar à perfeição. Não sou contra que as pessoas vá em busca de uma melhora para si, mas que seja feita de forma responsável, que busque profissionais de qualidade e competentes. A empresária da reportagem foi irresponsável com a atitude que tomou e claro que teria consequências, infelizmente ela faleceu mas sua morte deixou um alerta para quem quer fazer procedimentos estéticos. Não façam em casa, busquem clínicas de estéticas que sejam responsáveis.

Curtir · Responder · 20 sem

na minha opinião aproxima como também afasta, porque virtualmente falando, as pessoas se aproximam mas, pela virtualidade. Porém convergem e tal; mais também afasta, porque não temos mais aquele contato que tínhamos antes como, conversas pessoalmente, horas e horas, bater papo, e etc... tem gente que só se fala pelos aparelhos comunicados, mas esquecem que vivemos em um mundo, não na tecnologia.

ALUNO G

Talvez o vício seja mesmo uma doença, mas, não, se deve "viciar" alguém por está assim. Sabe porque? Porque essas pessoas que hoje estão viciadas, tiveram a oportunidade de escolher! Se ela escolheu viver assim, ok, não vamos julgar. Mas agora, querer comparar com doenças que não se pode escolher em ter ou não, já é demais!

São publicações assim que aumentam a estatística que comprova que existe muita gente racista! Pode até ter sido mesmo uma brincadeira mas, esse tipo de brincadeira não é correta em nenhum dos aspectos!

Curtir · Responder · 30 sem



A vaidade extrema alcança um nível de desespero para ter a "beleza divina" tão grande que, muitas mulheres abusam de procedimentos estéticos para conseguir esse resultado. Mas, sabemos que não é bem assim que acontece! Essa jovem morreu Mas, não servirá como aviso para outras mulheres que não ligam se vão morrer ou não. Infelizmente mas uma vítima da vaidade extrema! Quando isso vai acabar? Só o tempo poderá nos responder!

Curtir · Responder · 22 sem

Sinceramente, infanteu as pessoas uma das outras fisicamente. Mas, por outro lado, aproximam pessoas que moram longe umas das outras. E isso é a facilidade de comunicação pelo celular muito útil. Porém, do mesmo modo que nos ajuda no dia a dia para resolver muitos problemas, os aparelhos nos prende de uma forma que não conseguimos prestar atenção nas pessoas que estão ao nosso redor.

ALUNO H

O que tem Opaco. Quise sair mas depois depois ficar do recuperando e pedindo todo o teu nicho pela frente como aconteceu com Selmi Secret.

... r KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK, Ele Apenas Fez Uma Piada, Não Ví Mal Nisso.

Curtir · Responder · 30 sem



hj em dia as pessoas não pensam bem, não pensam nos perigos q podem correr, não pensam q podem ficar com sequelas pra vida toda, não pensam q podem morrer ! hj em dia só querem ser "gostosas" aos olhos dos outros mas não pensam no mal q podem fazer ao próprio corpo.

Curtir · Responder · 20 sem

Aproximou oclusas virtualmente, pessoalmente e/ou
trou muito.

ALUNO I

Bem, na minha opinião ~~doenças~~ pessoas que usam drogas, são doentes sim, pois lesta a pessoa usar uma droga que não conseguem parar mas, eles ficam em abstinência pois ninguém dar para eles drogas, que eles ficam agressivo querem bater na pessoa, portanto é uma doença sim, as pessoas que insistem de ajudar no julgam quem está nessa situação, entoco muitas pessoas que com ajuda de alguém, conseguiram sair dessa vida.

Ele pode ter feito só uma brincadeira só que no mundo de hoje é difícil diferenciar uma brincadeira do racismo. Eu não sei se ele foi racista ou não mas temos que ficar de olho no que agente fala podemos cometer racismo sem nós saber

Curtir · Responder · 29 sem

Triste é ver que uma pessoa morreu por conta da Vaidade, as pessoas tem que se amar mais, o que passa mais na televisão é isso mulheres que queriam mudar o corpo e acabaram morrendo, e essas mulheres continuam fazendo esses procedimento em casa com qualquer pessoa, eu não tenho nada contra mas pra fazer esses procedimento tem que ir em um hospital, um lugar seguro e Com um Médico bom também

Curtir · Responder · 19 sem

eu uso das celulares quase ou me afastando das pessoas, pois eu fico tanto no celular que acabo me distanciando das pessoas, dos meus pais principalmente, acabo que fico trancada no quarto morando no celular, e não me comunico de jeito nenhum com as pessoas. Isso acaba me fazendo muito mal.

ALUNO J

não são as pessoas que escolhem o sexo e o sexo que escolhem as pessoas os sexos elas podem ser porque elas querem mais por muitas

Exatamente, o povo é mt idiota cara namoral

Curtir · Responder · 30 sem



Lamentável mts mulheres morrendo por querer um corpo bonito que acabam fazendo esses procedimentos sem uma pessoa ideal pra isso, às mulheres de hj em dia não são MT satisfeitas com seu corpo e acabam morrendo por bobeira

Curtir · Responder · 19 sem

O uso do celular, deixou as pessoas afetadas, por que muita gente está anti-social por causa de celular, muitas pessoas não estão mais conversando pessoalmente mais sim por telefone. Tem sua lado sim mais também tem seus lados ruins.

ALUNO K

Bem, eu não vii criticas até porque do mesmo jeito que outras pessoas entraram nesse mundo eu também poderia entrar. Mas acho tudo uma questão de consciência de nós mesmos as consequências de entrarmos nesse mundo, mas nem todos entram nesse mundo por querer as coisas e para esquecer problemas ou algo que lhe deixa triste por esse motivo acabam usando drogas para não fazer algo pior como se manda. Mas disse que o certo é não nesse mundo até porque tem outros meios de esquecer problemas, mas também não julgarei até porque cada um tem seus lados que quer seguir

Achei uma falta de respeito, pois só fizeram essa piada pelo jeito que ele está vestido ou pelo fato dele ser negro, achei uma ação de puro preconceito

Curtir · Responder · 29 sem

São ou mentir isso muito as redes sociais, mas irei concordar com o texto pois as redes sociais é um prejuizo para o mundo pois muitos adolescentes e crianças ficam viciados os adultos nem tanto mas ainda existe alguns que ainda entram nesse mundo virtual. As redes sociais são muito boas mas também não deixa de ser um perigo

ALUNO L

O aluno de nutrição de Lavator, mudou uma dieta de problemas psicológicos que ocorre no corpo com a intervenção cirúrgica, a recuperação pode levar a vida toda.

Essas pessoas só pensa como vão ficar, mas não pensa como vai ocorrer a cirurgia nem conhece a pessoa e confia nela para fazer essas coisas perigosas

Curtir · Responder · 20 sem



Eu acho que é muito bom porque as pessoas ficam mais felizes nos seus corpos, eu acho que as pessoas mas as pessoas fazem é um meio de comunicação eu acho mais fácil

ALUNO M

Eu acho que é um meio de comunicação, por que se a pessoa usa a rede que não é bom para ela, esta pessoa tem algum problema, sei que não é bom e continua usando

foi um ato de racismo sim, independente dele ter dito q era uma brincadeira, ngm ver como se fosse uma brincadeira, uma atitude ridícula, nem sabemos se o filho do Smith estava dando essa confiança para sair essa tal brincadeira, não gostei e achei racismo sim

Curtir - Responder - 29 sem



eu considero q vaidade vai muito acima disso q ela fez, mais o procedimento dela as vezes poder ter partido disso. As vezes nem é vaidade, mais sim ela não satisfeita c o seu corpo ou com o reflexo que ela via antes no espelho, a possibilidade desses procedimento darem certo e outros não, assim como aconteceu com ela. Não é o primeiro caso q vemos, e não será o último. As pessoas deveriam ter consciência das suas ações ou pelo menos investigar o tipo de pessoa que ela entrega seu corpo para ter esse tipo de atitude ou mudar ser jeito tão singelo de ser, e vaidade ? sim mais também um desejo de melhoria.

Curtir - Responder - 20 sem

É um ato que se aperta mais os pontos por que quando tem vaidade de primos, mas a outra pessoa nem dá a pessoa ou mais para ser feliz. agora não no mundo mensagem e tá bom não tem mais o olho no olho

ALUNO N

O abuso de substâncias de ilicítas, provocou uma série de problemas psicológicos, que pode se comparar com doenças crônicas, a recuperação pode levar a vida toda.

O comediante Rodrigo fernandes associou a aparência do filho do Will Smith a um marginal.. Obviamente eh um ato de racismo" ou discriminação".

É uma publicação onde muitas pessoas vão julgar errado oq ele fez, e de fato foi errado..

Porém, se pararmos pra analisar, nós mesmos ja julgamos e associamos a aparência do Smith a de um marginal... Alguma vez na vida... Msm sendo inconsciente...

Oq se passa na sua cabeça quando diz "favela", "baixada", "pivete", "marginal"??

Por acaso vc pensou em uma pessoa "BRANCA engomadinha" ?

OBS: Nao estou dizendo q so negros sao marginais! Mas essa eh a imagem q a maioria da sociedade pensa quando diz a palavra MARGINAL .

Curtir · Responder · 30 sem

A tomalógia afasta sim as pessoas, mas há mais a intimidade de uma boa conversa, está cada vez mais ausente.

ALUNO O

Eu acho sim que o uso de drogas é um sério e uma preocupação. Quando alguém entra nesse caminho depois para sair é preciso muito esforço e muita ajuda, porque não há veredas, necessitadas. É um problema que precisa ser tratado com muita atenção e com cuidado.

É, a cada dia me surpreendo mais... Acho que cada pessoa deveria se colocar no lugar do outro, racismo é algo que tem participado do nosso cotidiano e muita das vezes nem percebemos porque já estamos "acostumados" com isso. Talvez ele tenha falado isso sem imaginar que poderia repercutir tanto, e ao invés de tentar melhorar as coisas, ele continuou com o mesmo pensamento racista. É lamentável ver que ainda existe tanta discriminação, preconceito, intolerância, rejeição e outras milhares de coisas.

É triste saber que tem pessoas que se sentem melhores que outras... Devemos saber com quem estamos brincando e que tipo de brincadeira estamos fazendo, nesse caso pode não ter sido tão grave ao ponto de vista de algumas pessoas. Porém, existem brincadeiras que são desrespeitosas, e quando se trata de desrespeito não é mais uma brincadeira e sim começa a ser algo sério. Em certos casos isso pode ferir alguém, de uma maneira que muitos não irão perceber, mas só aquela pessoa saberá o quanto é ruim ser tratado de um modo diferente pela sua cor, pelo seu cabelo, pela forma de se vestir, ou por não ter condições, seja lá qual for a situação, mas já pensou em se colocar no lugar daquela pessoa?. Somos todos iguais. Todos nós viraremos pó um dia e quando esse dia chegar vão perceber que não existe preferência para pessoas, independente de cores, tamanhos, área financeira... Talvez só entenderam que racismo é algo muito sério quando acontecer com a própria pessoa ou com alguém próximo, e para alguns pode ser até tarde demais para perceber que devemos respeitar uns aos outros. Somos todos iguais!

Curtir · Responder · 29 sem · Editado

Na maior parte do tempo mexemos no celular e isso tem nos afastado das pessoas. Na maioria das vezes, priorizamos mais um celular do que nossa própria família e não percebemos que estamos perdendo momentos incríveis. As pessoas tem buscado muito hoje em dia a felicidade num celular e numa rede social e estão esquecendo dos ombros, e das pessoas que realmente sempre estiverão ao nosso lado.

ALUNO P

... um comentário sobre o texto.

Ninguém sabe o que se passa na vida dele, não podemos julgá-lo
sem saber quem está acontecendo. Eu não aprecio, mas também não julgo
Engagement. São coisas diferentes, um com diferentes lugares

As pessoas deveriam se amar mais, acho que antes de toma qualquer atitude em relação ao seu corpo. essa atitude dela só mostra o quanto somos francos em situações que relaciona nosso corpo, o espelho ou um comentário não nos defini e nem nos julga, e claro que se ela se olhou e não gostou do q viu ela pode mudar, mas sem tomar atitudes tão drásticas

Curtir · Responder · 20 sem

O uso excessivo do celular pode aproximar as pessoas virtualmente, porém pode afastar elas das pessoas fora do celular, a pessoa com o passar dos dias em que ele fica "viciado" no celular ele não interage mais com a família, com os amigos, estas pessoas já não conseguem mais ter uma conversa olho-a-olho, elas só pensam no celular.

ALUNO Q

Eu acho sim que o uso de drogas é um sério e uma preocupação. Quando alguém entra nesse caminho depois para sair é preciso muito esforço e muita ajuda, porque não há ser recuado, necessitado. É um problema que precisa ser tratado com muita atenção e com cuidado.

O que falta nas pessoas é mais amor próprio, as pessoas devem se amar pelo que elas são, foram feitas perfeitamente diferente umas das outras, e deveriam se amar do jeito que são!!

Curtir · Responder · 20 sem

Na maior parte do tempo mexemos no celular e isso tem nos afastado das pessoas. Na maioria das vezes, priorizamos mais um celular do que nossa própria família e não percebemos que estamos perdendo momentos incríveis. As pessoas tem brevidade muito hoje em dia a felicidade num celular e nessa rede social e estão esquecendo dos valores, e das pessoas que realmente sempre interesse nesse lado.

ALUNO R

Toda a vida é uma doença séria e precisa de cuidados e tratamento, ressalto o que o próprio texto diz. Concordo plenamente quando o texto diz que a vida não é uma folha de papel, muitas pessoas vivem para fugir de sua realidade e até para a morte.

Esse não é um dos primeiros casos relatados no Brasil, tem acontecido frequentemente e por falta de atenção e cuidado! Hoje, muitas pessoas querem ter uma beleza tão grande que recorre a um procedimento estético rápido e barato, acarretando sérios problemas logo depois da cirurgia. Infelizmente essa microempresária virou vítima dessa fatalidade e consequentemente, uma estatística.

Curtir · Responder · 20 sem

Eu acho que afastou as pessoas da conversa cara-a-cara, por outro lado, a comunicação ficou mais rápida e fácil. Hoje não é necessário ir ao cartório para escrever uma correspondência para alguém que mora longe. Tudo tem seu lado bom e seu lado ruim, a internet e os novos meios de comunicação tem há suas facilidades, porém tem os seus prejuízos e consequências quando usada excessivamente.

ALUNO S

Questão 6 - Agora é a sua vez de tecer um comentário sobre o texto.

Concordo com grande parte do texto... mas só entre nós, ninguém se obriga a usar drogas, se não usou, ou alguém te INFLUENCIOU, eu não experimentou por achar que seria uma boa ideia.

O cara só falou q ele parece um flanelinha. Se fosse um branco com a mesma roupa, a mesma cara, ninguém ia falar nada... Quanto drama

Curtir - Responder - 30 sem



Identidade de comentários

Uso em excesso é bom. Usar muito o celular por se afastar das pessoas, porém, muita gente por se comunicar com parentes distantes apenas por meio desta tecnologia.

ALUNO T

Questão 6 - Agora é a sua vez de tecer um comentário sobre o texto.

Muitas pessoas acham que pessoas viciadas é viciado porque quer. Não quem não usa não precisa se preocupar.
Pessoas viciadas também precisam de ajuda.

Isso foi muita falta de respeito com o filho do Will Smith se tivesse visto ele não ia falar que tinha quase certeza pois ia perguntar o nome dele ou é ou não é, foi uma brincadeira sem graça. O racismo começa quando a brincadeira se torna uma falta de respeito e consideração com a pessoa que nem conhece. Porque isso é errado e pode botar o cara até na Justiça com essa brincadeira. 😞

afastou. São boas e também ruins. Por ter tanta tecnologia disponível. Seria de aproximar, ou talvez afastar.

Hoje em dia as pessoas só ficam no celular. Seria de conversar, ler, ouvir. E jogar jogos no celular.

A pessoa tá tentando conversar mas a outra tá no celular.

ALUNO U

Questão 6 Agora é a sua vez de ler um comentário sobre o

Eu não tenho experiência em isso mas quem usa é porque tá com problema ou quer experimentar mais e fazer sentir pena dos famoos que usam. E se for outra pessoa julga dizendo que é drogado que é um solado que não tem mais nada pra fazer. Em vez disso após ele a parar de usar eu garanto que vou servir de uma gran de ajuda.

Ele pode ter feito só uma brincadeira só que no mundo de hoje é dificio diferenciar uma brincadeira do racismo. Eu n sei se ele foi racista ou n mas temos que ficar de olho no que agente fala podemos cometer racismo sem nós saber

Curtir · Responder · 29 sem

O uso do alubar era pra ser usado pouca vezes para mensagens, ele se não tivesse mais de comunicação direta, só que acabou sendo usado para outros meios, sim, é uma forma de passar o tempo nos dias onde tem nada pra fazer, ainda sim é usado mesmo nos momentos em a família. Eu diria que acabou sim as pessoas, mas também sim outras, as pessoas do #tem que usar menos os alubares.

ALUNO V

Acredito que os meios e ferramentas tecnológicas ajudam de muito e também, mas elas não conseguem ficar sem as pessoas porque elas sabem que as distâncias não existem mais, então, se uma hora, se quiser não apresentar um médico pode retardar os meios.

Souo foi o caso da cantora Demi Lovato, ela não morreu de suicídio porque os amigos dela ajudaram ela ir ao hospital e não ela teve suicídio.

Ele disse q tinha quase certeza q o filho do Will Smith pediu dinheiro a ele pq ele estava olhando o carro dele .

Isso só pd ser uma piada msm

Curtir - Responder - 29 sem



Na minha opinião as crianças e os adolescentes são os adultos, estão 24 horas usando o celular por que tudo que os pais fazem e eles celular, e isso não vai mudar até que alguma coisa alguma coisa para mudar isso

ALUNO W


Para mim são pessoas que não sabem curtir a vida e acabam estragando ela mais, deides não que usa essa porcaria não sabem que faz mal? estão querendo se matar, não sabem o quanto e horrível perde suas famílias ou sua casa, seu emprego ou tratados como indigentes.

Muita gente mudando o corpo por se sentirem mal ou depressivas e acabam morrendo por descuidos de médicos, a empresária fez errado de querer mudar seu corpo perfeito e acabou se matando.

Curtir - Responder - 20 sem

Na minha opinião aproximou como também afastou, porque virtualment falando, as pessoas se aproximaram, mas por virtualidade. Pois conversam e tá; mais também afastou, porque não tem mais aquele contato que tinhamos antes, como, conversas pessoalmente, horas e horas, bater papo, e etc... tem gente que só de falar pelos aparelhos comunicados, mas esquecem que vivemos em um mundo, não na tecnologia.

APÊNDICE A

	COLÉGIO ESTADUAL MARIA EMÍLIA AMARAL FONTOURA
	DATA: ___/___/___
	PROFESSORA: Dionélia Ruffato
	DISCIPLINA: Língua Portuguesa
ALUNO (A): _____ Nº: _____ TURMA: _____	

Questão 1 – Qual o assunto foi abordado no texto a partir da notícia da internação da cantora Demi Lovato?

- () A importância da prevenção contra as drogas.
- () A necessidade de considerar o vício em entorpecentes uma doença crônica.
- () O escândalo do abuso de substâncias por artistas populares.

Questão 2 – Retorne ao texto e identifique um trecho que você considera ser a apresentação do fato. Indique-o abaixo escrevendo apenas o seu início e o fim.

Questão 3 – O que há nesse trecho que te levou a entendê-lo como fato? Por que não pode ser considerado uma opinião?

Questão 4 – Volte ao texto novamente e identifique um trecho que você considera ser uma opinião. Escreva aqui apenas o seu início e fim.

Questão 5 – Nesse trecho, quais são as pistas que te levaram a entendê-lo como opinião? Por que você não o considerou um fato?

Questão 6 – No texto, foram usados dados estatísticos para justificar a comparação do vício em entorpecentes a outras doenças crônicas. Considerando que a veracidade é essencial à informação divulgada, o que se pretendeu ao apresentar esses dados?

Questão 7 – A autora afirma no 2º parágrafo que muitas pessoas julgam falha de caráter o vício e as recaídas. Leia os comentários sobre o texto, há algum que confirme essa afirmação? Indique a numeração desse(s) comentário(s). _____

Questão 8 – Agora é a sua vez de expressar sua opinião sobre o texto.

APÊNDICE B

Exercícios

1. Coloque F para fato e O para opinião.

() É o que realmente aconteceu.

() É a interpretação subjetiva dos fatos.

() Pode ser facilmente percebido pela observação do fenômeno físico.

() É o que diz o que as coisas são, como são e por que são.

() O que se pensa sobre o que aconteceu.

() É a avaliação das coisas, pessoas, ações, experiências, acontecimentos, sentimentos, estados de espírito, intenções e decisões como bons ou maus, desejáveis ou indesejáveis.

() Expressões que utilizam adjetivos para qualificar, emitir juízos de valor e pontos de vista.

2. Relacione o fato à opinião correspondente.

FATO	OPINIÃO
A - Peregrinos reprovam preços e criticam transportes no Rio	() Não vejo por que ficar mais exigente, vou ao mercado e compro qualquer um, café é tudo igual.
B - Torcedores dos grandes do Rio celebram volta ao Maracanã.	() Ah, foi uma confusão geral! Não conseguia andar. A rua estava cheia de manifestantes.
C - Juliana Paes paga R\$ 700,00 pela diária em maternidade.	() Estava lindo o estádio! Todo mundo vibrando e feliz com a reabertura dele. Emocionante.
D - Passeata pela paz em Belford Roxo.	() Eu não sou de ver esse tipo de brincadeira, mas dessa vez foi muito boa!
E - Financiamento de carro de passeio pesa no bolso do consumidor.	() Nunca vi ser tão caro ter um filho. O meu tive no hospital público e foi tudo bem.
F - Consumo de café cresce e aumenta também a exigência.	() Concordo com eles, todo dia eu pego ônibus lotado, vou em pé e cansada. E o preço continua subindo
G - Pegadinha do lobisomem vira sucesso na internet.	() Ainda continuo tentando comprar meu carro. Está difícil, mas um dia eu chego lá.

APÊNDICE C

03.09.18

Português

Resultado da discussão em grupo

*Legalização do aborto

à favor

_ Opiniões:

É um avanço

Só em caso de estupro

É um direito que cada um tem sobre o próprio corpo

_ Argumentos:

É melhor abortar do que a criança ser maltratada ou sofrer

Contra

_ Opiniões

Não é certo matar uma criança

É uma crueldade

É um assassinato

Pode interromper uma vida que fazer a diferença

_ Argumentos

É possível evitar a gravidez com preservativo

A criança não tem culpa da irresponsabilidade das mães

O aborto se estenderá a qualquer caso

É uma vida sendo gerada, um ser bom

Há métodos de evitar a gravidez

Vai haver arrependimento e há pessoas que não podem engravidar

Só quem pode tirar a vida é Deus

*Justiça com as próprias mãos

á favor

_ Opiniões

Não se resolve nada na base da briga

A justiça é falha

É uma maneira do criminoso não sair impune

É uma solução imediata

_ Argumentos

É necessário um escutar o outro

Não há nenhuma solução a respeito da criminalidade

É um método de justiça, já que as autoridades não fazem nada

Nem sempre dá tempo de chamar a polícia. Com armas as pessoas poderiam se defender. É mais efetivo que a prisão.

contra

_ Opiniões

Ninguém tem o direito de decidir sobre a vida do criminoso

Não é a solução para a violência

A justiça e as autoridades é quem deve resolver

_ Argumentos

As pessoas podem se arrepender

É dever do cidadão chamar as autoridades

APÊNDICE D

06.11.18

Português

1 – Na apresentação da matéria, a análise de alguns elementos é essencial para embasar uma opinião. Nessa matéria, quais os elementos devem ser analisados para que a opinião seja pertinente?

2 – Na sua opinião, a aparência de Jaden Smith motivou a sua comparação com um flanelinha? Justifique sua resposta

3 – Cite um outro contexto em que tal comparação não seria possível? O que mudou nesse contexto pensado por você?

Sobre os comentários.

4 – Em qual (is) o autor considerou os elementos visuais como base para definir o episódio como ato de racismo? Quais palavras usadas no comentário confirmam isso?

5 – Leia o comentário I. Há alguns termos que minimizam a polêmica criada na matéria. Quais são eles?

6 – Para embasar sua opinião, o autor desse comentário usou um argumento no qual muda as características da situação. Na sua opinião, essa estratégia foi válida? Por quê?